

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | **Luiz Roberto Benedetti**: A trajetória dos clássicos das Ciências Sociais

PÁGINA 10 | **Enno Liedke Filho**: Uma análise histórica da sociologia brasileira

PÁGINA 17 | **François Dubet**: O problema central da sociedade é a questão das injustiças sociais

PÁGINA 18 | **Nélida Gentile**: As Ciências Sociais possuem uma metodologia própria?

PÁGINA 21 | **Benjamin Arditi**: O mundo secular precisa de promessas

PÁGINA 24 | **Amaury César Moraes**: A influência das Ciências Sociais na Pedagogia

PÁGINA 27 | **Depoimentos**: 50 anos analisando a sociedade

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 31 | **Célia Pedrosa**: Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea

» Livro da Semana

PÁGINA 36 | **Paula Sibilía**: Show do eu: a vitrine da própria personalidade

» Teologia Pública

PÁGINA 39 | **James Keenan**: A misericórdia move e habilita a justiça

» Destaques On-Line

PÁGINA 43 | **Destaques On-Line**

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 46 | **Fernando Ferrari Filho**: “A sociedade brasileira ainda não percebeu a ‘dramaticidade’ da crise”

» Perfil Popular

PÁGINA 49 | **Manoel Moacir Lucena Pereira**

» IHU Repórter

PÁGINA 50 | **Taís Motta**



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

A trajetória dos clássicos das ciências sociais

O filósofo Luiz Roberto Benedetti traça um perfil da sociologia brasileira e de autores que nos ajudam a compreender a realidade de nosso país

POR GRAZIELA WOLFART

Para o filósofo Luiz Roberto Benedetti, autores como Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, Fernando Henrique Cardoso, Caio Prado Júnior, Celso Furtado e Octavio Ianni possuem grande mérito e produziram material que auxilia a compreender o Brasil sob inúmeras facetas. Os autores Bauman, Sennett, Negri, Zizek, Castells e Boaventura de Sousa Santos são sugeridos como roteiro de leitura dos grandes nomes da sociologia a partir da realidade brasileira.

Benedetti possui graduação em Filosofia, pelo Instituto Camiliano Pio XII, graduação em Filosofia, pela Universidade de São Paulo, graduação em Teologia, pela Conferência Nacional dos Religiosos, mestrado em Sociologia, pela Universidade de São Paulo, e doutorado em Ciências Humanas, pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor na Faculdade de Teologia e Ciências Religiosas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. É autor de, entre outros, *Os santos nômades e o Deus Estabelecido* (São Paulo: Paulinas, 1983) e *Templo, praça, coração – A articulação do campo religioso católico* (São Paulo: Humanitas/USP/FAPESP, 2000). A entrevista que segue foi concedida por telefone.

IHU On-Line - Quais os principais desafios e impasses no campo da sociologia da religião hoje?

Luiz Roberto Benedetti - Em primeiro lugar, acredito que a sociologia da religião passa hoje por um momento bastante favorável. É uma época de mudança social acelerada. E foi, fazendo uma analogia, na passagem do século, com todas as perturbações que isso implica, que dois dos “pais da sociologia”, Durkheim¹ e Weber,² se preocu-

param especificamente com a questão religiosa. Eles evidenciavam o fato de que, quanto menos relevante fosse a presença da religião na mudança histórica, tanto mais presente (e premente) se fazia sua compreensão nas novas categorias que interpretavam o mundo e a ação do homem na história. Por outro lado, há problemas novos, que apresentam desafios, sim. Mas são desafios que, paradoxalmente, já estavam presentes, por exemplo, em Marx.³ Quando Marx queria falar da mercadoria, ele dizia que, para entendê-la, poderíamos encontrar um para-

lelo ou uma analogia com o mundo da religião. Ou seja, na religião, o que é produzido pelo homem, o que ele cria, passa a dominá-lo. O homem, como criador, passa a ser dominado pela criatura dele, que é Deus ou a religião. A equiparação da religião à mercadoria pode mostrar, hoje, uma absorção da religião pela mercadoria. Não apenas que o mundo das religiões se comporte como um mercado, de acordo com regras da economia clássica, como analisa Berger.⁴ É mais do que isso. Há uma certa absorção da religião na mercadoria e da mercadoria na religião. Ou seja, o mundo passa a ter uma linguagem única. A religião passa a falar a linguagem da mercadoria. Esse é um momento novo que a sociologia vai enfrentar. Ela já o detectou, mas talvez não tenha ainda chegado ao alcance do que significa esse fenômeno. Mais do que evidenciar um desaparecimento, essa pode ser uma chance para a religião recuperar o seu caráter específico. Ou seja, se tudo se transforma,

1 David Émile Durkheim (1858-1917): conhecido como um dos fundadores da Sociologia moderna. Foi também, em 1895, o fundador do primeiro departamento de sociologia de uma universidade europeia e, em 1896, o fundador de um dos primeiros jornais dedicados à ciência social, intitulado *L'Année Sociologique*. (Nota da IHU On-Line)

2 Maximillion Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. Ética protestante e o espírito do capitalismo é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título *Max Weber: a ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou os Cadernos IHU em formação nº 3, 2005, chamado *Max Weber – O espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de

Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

3 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU. A palestra “A Utopia de um novo paradigma para a economia” foi proferida pela Profa. Dra. Leda Maria Paulani, em 23-06-2005. O número 41 dos Cadernos IHU Ideias teve como título *A (anti) filosofia de Karl Marx, com artigo da mesma professora*. (Nota da IHU On-Line)

4 Peter Berger: um dos mais conceituados sociólogos norte-americanos da religião, é professor de Sociologia na Universidade de Boston. (Nota da IHU On-Line)

se tudo obedece a uma linguagem única, que é a linguagem do mercado, a religião pode adquirir sua especificidade enquanto linguagem de sentido, de denúncia, e até profética, num duplo sentido; num sentido sociológico, ou seja, aquela voz que contesta o sacerdote, que teria a verdadeira e única palavra (que, no caso, seria o mercado); e também no sentido teológico, ou seja, é preciso ultrapassar o mundo da linguagem única, de caráter utilitário e hedonista, já “previsto” por Weber em sua obra capital, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.⁵ Não acredito que a religião padeça diante dos fenômenos novos. Ela pode ter perdido o vigor que tinha antes, mais especificamente a sociologia da religião que “invadiu” a academia, principalmente na década de 1970. Mas hoje, há problemas novos que podem desencadear teorias novas. Por outro lado, a religião é hoje valorizada enquanto tal. Ou seja, não se explica mais a sociedade sem religião, considerando a religião como parte da cultura. Mas esse deslocamento de uma ênfase puramente nos mecanismos econômicos para uma ênfase quase exclusivamente nos mecanismos culturais também não se constitui como saída. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Uma consideração mais relevante da cultura leva, necessariamente, a uma contribuição mais relevante da força específica da religião na construção das relações sociais. Não se pode esquecer que ela sustenta teocracias e, ao mesmo tempo, prescreve a vida íntima em detalhes, como é o caso do Islamismo.

IHU On-Line - Como podemos ver as religiões enquanto instrumentos de transdisciplinaridade e interdisciplinaridade?

Luiz Roberto Benedetti - Michel de

5 Antônio Flávio Pierucci: filósofo e sociólogo brasileiro, concedeu a entrevista “Em defesa da pluralidade e da multicausalidade”, sobre Max Weber, à *IHU On-Line* nº 101, de 17-04-2004. Dele, também publicamos o artigo “O retrovisor polonês” no *IHU On-Line* nº 136, de 11-04-2005. Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, intitulada Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo, no dia 10-11-2005. No mesmo dia, ele também estará presente no evento IHU Idéias. (Nota da *IHU On-Line*)

Certeau,⁶ no livro *A fraqueza de crer* usou a expressão “miséria da Teologia”. Ele a explica dizendo que, ao falar da religião, não falamos de algo que tem uma densidade própria, uma carga própria, um universo epistemológico próprio, específico, mas falamos de sociologia, de psicologia, de antropologia e de política para entender o mundo e, nele, a religião. Será que podemos entender isso como uma perda da especificidade, da carga simbólica, significativa, da densidade própria do fenômeno religioso? Não penso que seja uma perda de identidade. Acredito que a religião possa se tornar uma linguagem alternativa em um mundo que dilui as linguagens na sua especificidade. Por isso eu diria que, ao invés de miséria da teologia, a teologia se transforma em uma linguagem que é capaz de dialogar com as outras disciplinas, tendo algo próprio a dizer. Claro, isso supõe que não se ossifique, como o dialeto saudosos de uma época passada. Quando Alfredo Bosi⁷ analisa o discurso religioso como elemento de crítica social, ele o faz utilizando o conteúdo crítico desse mesmo discurso. Evidente em sua obra *Dialética da cultura*.

6 Michel de Certeau (1925-1986): intelectual jesuíta francês. Foi ordenado na Companhia de Jesus em 1956. Em 1954 tornou-se um dos fundadores da revista *Christus*, na qual esteve envolvido durante boa parte de sua vida. Lecionou em várias universidades, entre as quais Genebra, San Diego e Paris. Escreveu diversas obras, dentre as quais *La Fable mystique: XVIème et XVIIème siècle* (Paris: Gallimard, 1982), *Histoire et psychanalyse entre science et fiction* (Paris: Gallimard, 1987) e *La prise de parole. Et autres écrits politiques* (Paris: Seuil, 1994). Em português, citamos *A escrita da história* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982) e *A invenção do cotidiano* (3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998). Sobre De Certeau, confira as entrevistas “Michel de Certeau ou a erotização da história”, concedida por Elisabeth Roudinesco, e “As heterologias de Michel de Certeau”, concedida por Dain Borges, ambas à edição 186 da *IHU On-Line*, de 26-06-2006, disponíveis para download na página do IHU (www.unisinos.br). As mesmas entrevistas podem ser conferidas na edição 14 dos *Cadernos IHU em formação*, intitulado *Jesuitas. Sua identidade e sua contribuição para o mundo moderno*. (Nota da *IHU On-Line*)

7 Alfredo Bosi (1936): professor universitário, crítico e historiador de literatura brasileira. É um dos imortais da Academia Brasileira de Letras. Escreveu, entre outros, *Bras Cubas em três versões* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2006) e *História concisa da literatura brasileira* (44. ed. São Paulo: Cultrix, 2007). (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Quais os rumos que o senhor vislumbra na sociologia hoje? O que podemos esperar para os próximos anos?

Luiz Roberto Benedetti - Tenho me perguntado ultimamente se não existem aqui no Brasil, e na academia como todo, modismos intelectuais. Na sociologia, depois da escola francesa, tivemos a presença um tanto efêmera dos italianos e depois o domínio dos mestres ingleses. Não sabemos quem serão os próximos. Mas vejo que, para além dos modismos, há um fato novo. Talvez esteja se abrindo como um campo da sociologia exatamente o que Octavio Ianni⁸ fez no livro *Sociologia da sociologia: o pensamento sociológico brasileiro* (3. ed. São Paulo: Ática, 1989). Precisamos entender como a sociologia também está sujeita às suas próprias leis, porque ela obedece às mesmas leis da sociedade que faz sociologia. É preciso entender como as condições histórico-sociais, nas quais se exerce o ofício de pensar, explicam as categorias epistemológicas utilizadas. Então, esse campo novo pode ser a tentativa da sociologia de se auto-explicar como linguagem, que também está situada dentro de um universo sobre o qual a sociologia se debruça. Todo o pensamento sociológico é histórico, assim como toda a história pressupõe um pensamento sociológico para ser explicada. Ou seja, a sociologia é histórica e a história é sociológica. Esse campo abre uma perspectiva nova, porque a velocidade das mudanças sociais é muito grande. A aceleração do tempo e do espaço provoca uma aceleração na interpretação dos fatos. Alguém pode me perguntar se isso não provoca um fenômeno contrário, ou seja, a vontade das pessoas de se fixarem no que é perene e eterno, caindo num fetichismo dogmatista. Penso que temos que nos prender ao que é lei permanente da sociedade, mesmo que esta mude rápida e intensamente, sabendo que há certos parâmetros que permanecem. Há um pensador que, do meu ponto de vista, permaneceu

8 Octavio Ianni (1926-2004): sociólogo brasileiro, autor de, entre outros, *Homem e sociedade* (1961), *Imperialismo e cultura* (1976) e *A sociedade global* (1992). (Nota da *IHU On-Line*)

fiel ao princípio da estabilidade, da permanência e, simultaneamente, ao princípio da mudança: Habermas.⁹

Como último representante vivo dos grandes mestres de Frankfurt, ele encara todos os fenômenos atuais com categorias fornecidas pela riqueza do pensamento alemão, que passa por Weber, por Marx, e por toda essa tradição que a Escola de Frankfurt se notabilizou por encarnar. Ela sempre encarou os fatos da cultura – Adorno¹⁰ estudou a coluna de astrologia de um jornal para compreender a sociedade americana – não se dobrando a modismos ou encarando-os como marginais, mas tentando entender, com categorias consagradas, fenômenos históricos que, aparentemente, parecem desmentir as interpretações clássicas.

IHU On-Line - O senhor poderia traçar brevemente a trajetória sociológica de clássicos como Alain Touraine,¹¹ Octavio Ianni, Bourdieu, Weber, José de Souza Martins¹² e Florestan Fernandes¹³?

⁹ Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confirma no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias do Dia*, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁰ Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. (Nota da *IHU On-Line*)

¹¹ Alain Touraine: sociólogo francês, conhecido por ter sido o pai da expressão “sociedade pós-industrial”. (Nota da *IHU On-Line*)

¹² José de Souza Martins (1938) é um sociólogo brasileiro. É professor titular aposentado do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). (Nota da *IHU On-Line*)

¹³ Florestan Fernandes (1920-1995): considerado o pai da sociologia brasileira, tem como principal obra o livro *A revolução burguesa no*

“Onde estão os teólogos? A teologia deve apontar para o que é permanente na humanidade do homem. Não uma teologia que fale fora da história”

Luiz Roberto Benedetti - São vários autores e eu não teria como falar sobre a evolução de cada um aqui. Mas de alguns posso falar. Martins está muito presente na minha história pessoal, pois ele esteve na minha banca de mestrado e doutorado na USP. Começo por ele por causa dessa proximidade. Leio Martins como um marxista bastante fiel ao pensamento de Marx que escapou do marxismo como armadilha. Ele fala, em conversas pessoais que, ouvindo Gustavo Gutiérrez¹⁴ e tendo contato com a Teologia da Libertação, descobriu que são esses estudiosos que encararam Marx sem nenhum preconceito com relação ao marxismo e, ao mesmo tempo, permaneceram fiéis às suas crenças, os mais capazes de entender o que realmente Marx dizia. Não reduziram o marxismo a um dogma, a uma “verdade pronta” sobre a História. “Entenderam” o que

Brasil. Esse livro foi apresentado no I Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido pelo IHU em 9-10-2003, e apresentado pelo Prof. Dr. Carlos Águedo Nagel Paiva, pesquisador na FEE, que concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* nº 78, de 6-10-2003. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁴ Gustavo Gutiérrez (1928): padre e teólogo peruano, um dos pais da Teologia da Libertação. Gutiérrez publicou, depois de sua participação na Conferência Episcopal de Medellín de 1968, a *Teologia da Libertação* (Petrópolis: Vozes, 1975), traduzida para mais de uma dezena de idiomas, e que o converteu num teólogo polêmico. Uma década mais tarde participou da Conferência Episcopal de Puebla (México, 1978), que selou seu compromisso com os desfavorecidos e serviu de motor de mudança na Igreja, especialmente latino-americana. Alguns dos últimos livros de Gustavo Gutiérrez são: *Em busca dos pobres de Jesus Cristo. O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992) e *Onde dormirão os pobres?* (São Paulo: Paulus, 2003). (Nota da *IHU On-Line*)

Marx queria: dar pistas para a construção da humanidade do homem, que se constrói na história. Em Martins, sobressai uma sensibilidade muito grande à “situação” e, também graças a isso, um modo de escrever surpreendentemente poético. Impressiona a sua sensibilidade de sociólogo ao viver popular, às crenças populares, aos costumes, hábitos, à cultura popular, sem perder uma linguagem cientificamente sóbria e engajada. Em relação a Florestan Fernandes e outros como Sérgio Buarque de Holanda,¹⁵ Fernando Henrique Cardoso,¹⁶ Caio Prado Junior¹⁷ e Celso Furtado,¹⁸ na economia, e Octavio Ianni, o que eu atribuo como grande mérito deles, independentemente de suas teorias, é que produziram um material recorrente para entender o Brasil, pois não foram homens de uma disciplina só, de um pensamento único, de uma interpretação única. Eles souberam, graças à formação que a

¹⁵ Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982): historiador brasileiro, também crítico literário e jornalista. Entre outros, escreveu *Raízes do Brasil*, de 1936. Obteve notoriedade através do conceito de “homem cordial”, examinado nessa obra. A professora Dr.^a Eliane Fleck, do PPG em História da Unisinos, apresentou, no evento IHU Idéias, de 22-08-2002, o tema “O homem cordial: Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda” e no dia 8-05-2003, a professora apresentou essa mesma obra no Ciclo de Estudos sobre o Brasil, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista a *IHU On-Line*, publicada na edição nº 58, de 05-05-2003. Sobre Sérgio Buarque de Holanda, confira, ainda, a edição 205 da *IHU On-Line*, de 20-11-2006, intitulada *Raízes do Brasil*. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ Fernando Henrique Cardoso (1931): sociólogo e político brasileiro. Foi presidente do Brasil por dois mandatos, entre 1995 e 2002. FHC é co-fundador do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁷ Caio da Silva Prado Júnior (1907-1990): historiador, geógrafo, escritor, político e editor brasileiro. As suas obras inauguraram, no país, uma tradição historiográfica identificada com o marxismo, buscando uma explicação diferenciada da sociedade colonial brasileira. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ Celso Furtado (1920-2004): economista brasileiro, foi membro do corpo permanente de economistas da ONU e diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e membro da Academia Brasileira de Letras. Algumas de suas obras são *A economia brasileira* (1954) e *Formação econômica do Brasil* (1959). A *IHU On-Line* repercutiu na 155ª edição a criação do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, na Finlândia, com entrevistas a diversos especialistas. (Nota da *IHU On-Line*)

universidade antiga dava, fornecer um quadro, uma pista, que permanece como referência para entender o Brasil como um todo. Em relação a Alain Touraine, atribuo valor inestimável a seu esforço intelectual para pensar e recuperar a concepção de sujeito na modernidade e seu esforço para descobrir o que é capaz de resgatar o seu caráter primordial hoje. Por isso mesmo, permanece como referência para entender os movimentos sociais e não embarcar facilmente na onda de defesa das diferenças, sobrepondo-a a da cidadania, para ele, única forma de garantir politicamente o diferente. Bourdieu enriqueceu muito a sociologia com a noção de campo. Ele trouxe para a sociologia essa capacidade de olhar o mundo dos símbolos como um campo de conflito que espelha o conflito social. Soube somar seu olhar de antropólogo, atento à cultura, ao de sociólogo crítico. Não sem um certo reducionismo.

IHU On-Line - O senhor pode nos sugerir um roteiro de leitura dos grandes nomes da sociologia a partir da realidade brasileira?

Luiz Roberto Benedetti - Para entender as transformações sociais ou para estabelecer um roteiro, não dá para citar nada especificamente e, ao mesmo tempo, podemos citar tudo o que está surgindo, pelo menos dos anos 1980 e 1990 para cá. Com a grande difusão massiva dos cursos de pós-graduação, temos quase que uma “enxurrada” de estudos sobre realidades da formação social brasileira. O que é o Brasil de hoje é respondido por uma infinidade de estudos situados, tópicos, que pegam aspectos específicos desta imensa realidade. Devemos ler esses estudos, mas sempre recorrendo aos mestres que souberam interpretar o Brasil como um todo. Sem voltar aos clássicos, que são esses que citei há pouco, perdemos a raiz. O que faz falta nesses estudos é uma “independência sociológica” brasileira. Precisamos de categorias sociológicas que escapem da sociologia européia, e isso não por preconceito. Mas será que não há uma especificidade brasileira ou latino-americana que deveria supor categorias epistemológicas, de uma socio-

logia nova, para entender fenômenos globais e locais ao mesmo tempo? Mais do que dar livros para ler, eu diria: vamos pensar um pouco nisso, em uma realidade social dinâmica, que é, ao mesmo tempo, cada vez mais local e universal. Esse paradoxo aparente necessita de um estudo muito sério. Entretanto, para não ficar em generalidades, citaria – em campos interpretativos diferentes e até opostos – Bauman,¹⁹ Sennett,²⁰ Negri,²¹ Zizek,²² Castells²³ e, indispensável, Boaventura de Sousa Santos.²⁴

IHU On-Line - Como podemos relacionar a teologia pública com as ci-

¹⁹ Zygmunt Bauman: sociólogo polonês, professor emérito nas Universidades de Varsóvia, na Polônia e de Leeds, na Inglaterra. Publicamos uma resenha do seu livro *Amor líquido* (São Paulo: Jorge Zahar Editores, 2004), na 113ª edição do IHU On-Line, de 30 de agosto de 2004. Publicamos um entrevista exclusiva com Bauman na revista *IHU On-Line* edição 181 de 22 de maio de 2006. (Nota da IHU On-Line)

²⁰ Richard Sennett: sociólogo americano radicado em Londres, autor de diversas obras, entre outras, *As tiranias da intimidade* (São Paulo, Companhia das Letras, 1998) e *A corrosão do caráter* (Rio de Janeiro: Record, 1999). (Nota da IHU On-Line)

²¹ Antonio Negri (1933): filósofo político e moral italiano. Durante a adolescência foi militante da Juventude Italiana de Ação Católica, como Umberto Eco e outros intelectuais italianos. Em 2000 publica o livro-manifesto *Império* (5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003), com Michael Hardt. Atualmente, após a suspensão de todas as acusações contra ele, definitivamente liberado, ele vive entre Paris e Venezuela, escreve para revistas e jornais do mundo inteiro e publicou recentemente *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005), também com Michael Hardt. Sobre essa obra, publicamos um artigo de Marco Bascetta na 125ª edição da *IHU On-Line*, de 29-11-2004. O livro é uma espécie de continuidade da obra anterior da dupla, *Império*. Ele foi apresentado na primeira edição do evento *Abrindo o Livro*, promovido pelo IHU, em abril de 2003. Em 2003 esteve na América do Sul (Brasil e Argentina) em sua primeira viagem internacional após décadas entre o cárcere e o exílio. (Nota da IHU On-Line)

²² Slavoj Zizek (1949): sociólogo, filósofo e crítico cultural esloveno. (Nota da IHU On-Line)

²³ Manuel Castells (1942): sociólogo espanhol. (Nota da IHU On-Line)

²⁴ Boaventura de Sousa Santos (1940): é doutor em sociologia do direito pela Universidade de Yale e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. É um dos principais intelectuais da área de ciências sociais, com mérito internacionalmente reconhecido, tendo ganho especial popularidade no Brasil, principalmente, depois de ter participado nas três edições do Fórum Social Mundial em Porto Alegre. (Nota da IHU On-Line)

ências religiosas na sociedade contemporânea, bastante marcada pela secularização?

Luiz Roberto Benedetti - A teologia tem sido cada vez mais valorizada por conta de ser uma linguagem que pode fazer a diferença num mundo em que os critérios éticos permanentes estão entregues ao espírito do tempo. Sinto-me inclinado a dizer: estava sendo valorizada. Justamente no momento em que mais se precisa dela, os teólogos desaparecem de cena. Como sociólogo, devo-me honestamente perguntar: onde estão os teólogos? A teologia deve apontar para o que é permanente na humanidade do homem. Não uma teologia que fale fora da história. Não se trata de buscar nos fatos da vida econômica e social categorias para criar uma nova teologia ou para a teologia entrar em contato com elas. Mas, sim, uma teologia que pensa essas realidades naquilo que elas têm de ontológico, de permanente, não para afirmar sua verdade na permanência, mas para mostrar como, mesmo que a história mude, mesmo que do dinamismo da história advenham categorias novas, há sempre um universo de mistério (plenitude); não significa o desconhecido, o imposto, mas a própria realidade humana que não é pronta, definida, mas que, em sua contínua construção, revela e oculta, paradoxalmente, essa plenitude. Quem pode apontar para isso é a teologia. No campo da ação, seu papel é nos alertar para os limites de uma ética fundada em princípios científicos, exatamente porque a ciência põe como um de seus fundamentos sua autonomia com relação a qualquer pressuposto “de fora”.

IHU On-Line - No próximo ano, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU promoverá o Simpósio Internacional *Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades*. Tendo em vista essa discussão, qual a contribuição da sociologia das concepções de Deus para o debate atual?

Luiz Roberto Benedetti - A grande contribuição que a sociologia das concepções de Deus pode dar, sendo propositalmente redundante, é que as concepções de Deus são sociológi-

cas, mesmo que estabelecidas de uma maneira fundamentalista pelos grupos religiosos. O fundamentalismo é a fixação a-histórica dessa construção social que se chama deus. Por que esse Deus social não muda nunca? De um lado, ele é o “Grande Texto”, objetivo, literal, definido, pronto, sempre idêntico. De outro, aparentemente ao contrário, se molda cada vez mais ao espírito do tempo. Nós não cremos em Deus, mas em deuses de acordo com as necessidades, com as deficiências a superar, com as necessidades de sobrevivência ou com as necessidades impostas de ter o supérfluo. Essas religiões que pregam a teologia da prosperidade têm a concepção de um Deus adequado ao espírito do tempo, que é o espírito do consumo, do efêmero, do que traz a satisfação imediata. O que eu acho bonito nas concepções de Deus é que são concepções, são construções sociais. Para nós, cristãos, essas construções históricas de Deus, essas concepções que variam dentro de um grupo religioso, constituem uma experiência cotidiana da qual nem sempre temos consciência. Entre o Deus do padre e o Deus do fiel que o escuta há uma distância imensa; entre o altar e o banco da igreja há muita distância em termos culturais e antropológicos. Num processo de secularização intensa, que, no continente americano se traduz como pluralismo, vejo que há uma riqueza. Produz-se literatura crítica, séria e panfletária. E isso obriga a pensar e a ser livre. Mas também nos faz descobrir o Deus bíblico. E, talvez, como o fez a tradução alemã da Bíblia por Lutero,²⁵ a descobrir a sua verdadeira face de Deus, que as instituições religiosas, por sua própria dinâmica, revelam e encobrem. Para a sociologia, talvez retorne a categoria profetismo com todo o vigor. Ver as concepções de Deus como construções sociais dirige o olhar para as institui-

²⁵ Martinho Lutero (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma. Foi o autor de uma das primeiras traduções da Bíblia para o alemão, e sua tradução suplantou as anteriores. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutemberg em 1453. Sobre ele, confira a edição 280 da IHU On-Line, de 03-11-2008, *Lutero. Reformador da Teologia, da Igreja e criador da língua alemã*. (Nota da IHU On-Line)

ções-guardiãs. Abre-se um campo de crítica social, a meu ver, muito fecundo, capaz de desmentir cruzadas tanto ateísticas, quanto proselitistas. Deus é concepção humana, portanto limitada, na qual se esconde a revelação de um mistério. A sociologia nos faz ver os mecanismos e interesses sociais de seu ocultamento.

“Deus é concepção humana, portanto limitada, na qual se esconde a revelação de um mistério”

IHU On-Line - Quais as principais contribuições da Igreja para a constituição da sociedade brasileira atual? Qual a importância das igrejas/religiões em uma comunidade, num grupo social, pensando no seu papel político?

Luiz Roberto Benedetti - A primeira coisa em relação a isso é reconhecer que não vivemos mais em uma sociedade cristã, católica, mesmo entendendo o catolicismo como uma realidade não monolítica. Do ponto de vista sociológico e antropológico, a Igreja Católica é politeísta, pois os santos e as várias denominações de Nossa Senhora são representações sociais associadas à divindade e a alguma forma de transcendência. A idéia de uma sociedade cristã marcou a sociedade brasileira com raízes, fundamentos e alicerces profundos, quase irremovíveis na ação da Igreja. Só a título de exemplo: ela é incapaz de pensar o pentecostalismo sem associá-lo (pejorativamente) à seita. Ela é a totalidade, o outro, a marginalidade. Mas as marcas dessa formação sedimentar religiosa

permanecem. Tentar construir uma sociedade nova, uma nova realidade política, uma nova realidade de relações sociais mais justas, mais humanas, mais igualitárias, mais solidárias, prescindindo da religião, ou mesmo destruindo-a, é prescindir daquilo que é o elemento coagulante dessa sociedade. Não há que se negar, em nenhum momento, duas coisas: primeiro, o valor, a resistência, a coragem e a generosidade daqueles que morreram combatendo as injustiças sociais e a repressão aos direitos humanos mais elementares na época pós-golpe militar. Mas houve equívocos. Nós (e aqui eu me identifico de coração inclusive com aqueles que perderam a vida) demos as razões para que nos combatessem. Nós demos razão e carta ao inimigo para que nos destruísse, porque justificamos o que nos diziam. A Igreja foi o partido (no sentido gramsciano do termo) de oposição ao regime militar, graças à sua força moral, à sua penetração no tecido social brasileiro e à coragem (pelo menos de alguns setores da instituição). O risco que ficou é de tentar fazer uma revolução cristã através de uma política cristã. Isso é um perigo que ronda até hoje. A Teologia da Libertação “esqueceu”, não forjou uma espiritualidade própria, uma espiritualidade que fosse religiosa para ter alcance político. Não é politizando a linguagem religiosa que vamos criar uma política politicamente eficaz. É mantendo a identidade espiritual e religiosa que vamos ter uma força política própria, capaz, significativa e dinâmica. Só que petrificamos um pouco, porque queremos uma política cristã e isso não é mais possível. O risco está tanto à direita – “católico vota em católico” – quanto à esquerda – “o PT é o partido de Deus”. Ainda que não seja tão explícita, essa postura constitui a estrutura de pensamento e ação de muitos cristãos. O que existe é um modo cristão de fazer política. E esse modo está num espírito novo, que privilegia não a eficácia que o partido tem que buscar, mas, sim, a generosidade, a grande luta política que fez da Igreja o partido de oposição à ditadura, mas também

o pequeno gesto, as obras de misericórdia, que têm tanta força moral, sobretudo neste mundo de mercados financeiros desregulados e desta corrida desenfreada à autodestruição.

IHU On-Line - Como o senhor vê e analisa atualmente os movimentos populares e sociais no Brasil?

Luiz Roberto Benedetti - Eles sofreram um arrefecimento muito grande. O Brasil sofre ainda um processo de desmobilização social. Não só pelo movimento geral da sociedade globalizada e individualista, mas também pelo fato de o PT ter alcançado o poder. Além do natural arrefecimento que a conquista trouxe, veio o desencanto; mais, o desalento com as denúncias de escândalos envolvendo o partido. Administrar é bem mais complexo que fazer oposição. Quando hoje presenciemos a insensibilidade diante dos problemas sociais do país, em detrimento dessa busca da satisfação pessoal, ao culto da própria imagem acima de qualquer outra consistência histórica, ontológica e humana maior, temos ainda movimentos populares tentando se organizar a duras penas. Mas o que constatamos são os velhos atores e os velhos movimentos sociais. A grande dificuldade é gerar novas formas de movimento social, ou então de encarar as velhas formas com instrumentos políticos novos. Hoje não se luta mais pela igualdade como cidadãos. Hoje lutamos pelo direito de ser homossexual, pelo direito que me cabe como mulher, como cigano, como negro, como indígena, como de cultura *queer*, e esqueço um fenômeno central enquanto movimento social; esqueço que a luta pela diferença pode deixar de lado a luta contra a desigualdade. O grande problema ainda é a desigualdade. É preciso, sim, lutar pela diferença, mas ela nunca se afirma num mundo desigual.

Uma análise histórica da sociologia brasileira

Para Enno Liedke Filho, as Ciências Sociais ocuparam um papel de destaque na crítica ao regime autoritário durante a transição democrática

POR GRAZIELA WOLFART

Na opinião do professor Enno Liedke Filho, na entrevista que segue, concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, “a reintrodução da sociologia e da filosofia no Ensino Médio certamente representará uma oportunidade ímpar para consolidar um amplo entendimento do significado das contribuições dessas disciplinas, não só em relação aos alunos, mas de forma indireta, seus familiares e pessoas de suas relações”. Ao comparar a realidade social da Argentina e do Brasil, Liedke afirma que “as principais tendências sócio-históricas vivenciadas por essas sociedades ao longo do século XX tendem a parecer similares (como por exemplo, peronismo e varguismo, movimentos que são aproximados por muitos analistas), mas cumpre apontar que as diferenças são muito significativas, sendo determinantes da herança presente com que essas sociedades contam para a construção de seus futuros”. E conclui argumentando que “os destinos de ambas as nações estão, pois, marcados por trajetórias que colocam no presente diferentes desafios a serem superados para a efetiva consolidação de formas societárias democráticas e equitativas”.

Liedke Filho possui bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestrado em Sociologia, pela Universidade de Brasília, e doutorado em Sociologia, pela Brown University, dos Estados Unidos. Atualmente, é professor colaborador convidado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em História da Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: ciências sociais no Brasil, sociologia do desenvolvimento, sociologia brasileira, sociologia da sociologia e sociologia no Brasil. Escreveu inúmeros artigos especializados e capítulos de livros.

IHU On-Line - Quais os principais pontos que o senhor destacaria na história da sociologia? Quais seriam os grandes nomes (clássicos e contemporâneos) para um roteiro de leitura passível de ajudar a compreender a realidade brasileira?

Enno Liedke Filho - A sociologia, enquanto ciência da sociedade, é herdeira dos ideais de Liberdade, Igualdade e

Fraternidade da Revolução Francesa, sendo permanentemente desafiada, a partir das suas múltiplas posições teóricas, a formular diagnósticos dos problemas sociais e a equacionar possíveis soluções, destacando-se, entre essas, as políticas sociais. Em um rápido balanço, pode-se sugerir que as cinco respostas clássicas à questão para que servem as ciências (as teorias) sociais são: tera-

pêutica social (Feuerbach);¹ revolução social (Marx e Engels);² reformismo social conservador (Comte),³ reformismo social progressista (Durkheim); e neutralidade axiológica com responsabilidade política (Weber). Além do conhecimento da obra desses autores, merece também ser referida para uma sólida formação clássica dos aprendizes de sociólogos, o estudo de autores como Simmel,⁴ Veblen⁵ e Park. A esses se somam autores

1 **Ludwig Feuerbach** (1804-1872): filósofo alemão, reconhecido pela influência que seu pensamento exerce sobre Karl Marx. Abandona os estudos de Teologia para tornar-se aluno de Hegel, durante dois anos, em Berlim. Em 1828, passa a estudar ciências naturais em Erlangen e dois anos depois publica anonimamente o primeiro livro, "Pensamentos sobre morte e imortalidade". Nesse trabalho ataca a idéia da imortalidade, sustentando que, após a morte, as qualidades humanas são absorvidas pela natureza. De acordo com sua filosofia, a religião é uma forma de alienação que projeta os conceitos do ideal humano em um ser supremo. É autor de, entre outros, *Preleções sobre a essência da religião* (São Paulo: Papirus, 1989) e *A essência do cristianismo* (2. ed. São Paulo: Papirus, 1997). (Nota da IHU On-Line)

2 **Friedrich Engels** (1820-1895): filósofo alemão que, junto com Karl Marx, fundou o chamado socialismo científico ou comunismo. Ele foi co-autor de diversas obras com Marx, e entre as mais conhecidas destacam-se o *Manifesto comunista* e *O capital*. Grande companheiro intelectual de Karl Marx, escreveu livros de profunda análise social. (Nota da IHU On-Line)

3 **Augusto Comte** (1798-1857): filósofo e pensador social francês. Fundou a escola filosófica conhecida como positivismo e criou um conceito de ciência social a que deu o nome de sociologia. O positivismo comteano afirma que a verdade da ciência é indiscutível e demonstrável universalmente. (Nota da IHU On-Line)

4 **Georg Simmel** (1858-1918): sociólogo alemão que desenvolveu o que ficou conhecido como micro-sociologia, uma análise dos fenômenos no nível micro da sociedade. Foi um dos responsáveis por criar a Sociologia na Alemanha, juntamente com Max Weber e Karl Marx. Escreveu, entre outros, *Schopenhauer und Nietzsche* (Leipzig: Duncker & Humblot, 1907). (Nota da IHU On-Line)

5 **Thorstein Bunde Veblen** (1857-1929): economista norte-americano. Foi um dos pensadores mais criativos da história do pensamento econômico norte-americano. Seu primeiro livro, *A teoria da classe ociosa* (1899), constituiu um protesto erudito e satírico contra os falsos valores e o desperdício social das classes mais altas. *A teoria da empresa comercial* (1904) critica o sistema capitalista e prediz que este se transformará no fascismo ou no socialismo. Em *Os engenheiros e o sistema de preços* (1921), Veblen reservou uma posição de destaque aos cientistas e engenheiros na construção de uma nova sociedade econômica planejada. O tema "Entendendo o pensamento de Veblen" será apresentado pelo Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monastério, da UFPEL, no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, dia 17 de agosto de 2005, na Livraria Cultura, no Bourbon Shopping Country, em

“O fato de o sociólogo Fernando Henrique Cardoso ter sido presidente da República deu certa visibilidade à sociologia”

do período do entre-guerras mundiais como Luckács,⁶ Gramsci,⁷ Mannheim,⁸ Elias,⁹ Mead e do grupo inicial da Escola de Frankfurt (Adorno, Horkheimer¹⁰ e Benjamin, entre outros).

Contemporaneamente, no que respeita à aplicabilidade da sociologia e das ciências sociais, é interessante deixar registrada aqui a diversidade de respostas para a questão — para que servem as ciências sociais. Essas

Porto Alegre, e no dia 18 de agosto de 2005, na sala 1G119, junto ao Instituto Humanitas Unisinos - IHU. (Nota da IHU On-Line)

6 **Georg Lukács** (1885-1971): foi um filósofo húngaro de grande importância no cenário intelectual do século XX. (Nota da IHU On-Line)

7 **Antonio Gramsci** (1891-1937): escritor e político italiano. Com Togliatti, criou o jornal *L'Ordine Nuovo*, em 1919. Secretário do Partido Comunista Italiano (1924), foi preso em 1926 e só foi libertado em 1937, dias antes de falecer. Nos seus Cadernos do cárcere, substituiu o conceito da ditadura do proletariado pela "hegemonia" do proletariado, dando ênfase à direção intelectual e moral em detrimento do domínio do Estado. Sobre esse pensador, confira a edição 231 da *IHU On-Line*, de 13-08-2007, intitulada *Gramsci, 70 anos depois*. (Nota da IHU On-Line)

8 **Karl Mannheim** (1893-1947) sociólogo judeu nascido na Hungria. (Nota da IHU On-Line)

9 **Norbert Elias** (1897-1990): sociólogo alemão. De família judaica, teve de fugir da Alemanha nazista exilando-se em 1933 na França, antes de se estabelecer na Inglaterra onde passará grande parte de sua carreira. Em 1954, começou como professor na Universidade de Leicester. Suas obras focaram a relação entre poder, comportamento, emoção e conhecimento na História. Devido a circunstâncias históricas, Elias permaneceu durante um longo período como um autor marginal, tendo sido redescoberto por uma nova geração de teóricos nos anos 1970, quando se tornou um dos mais influentes sociólogos de todos os tempos. A obra mais importante de Elias foram os dois volumes de *O processo civilizatório* (Über den Prozess der Zivilisation). (Nota da IHU On-Line)

10 **Max Horkheimer** (1895-1973): filósofo e sociólogo alemão, conhecido especialmente como fundador e principal pensador da Escola de Frankfurt e da teoria crítica. (Nota da IHU On-Line)

respostas variam desde pesquisas de mercado (culturalismo, no estilo de Lazarsfeld¹¹) até a crítica de Habermas à colonização do mundo da vida pela economia e política globalizadas. Uma formação sólida em sociologia necessita também estar ancorada no estudo das obras de autores contemporâneos como Parsons,¹² Giddens,¹³ Bordieu,

11 **Paul Felix Lazarsfeld** (1901-1976): sociólogo austríaco. (Nota da IHU On-Line)

12 **Talcott Parsons** (1902-1979): sociólogo norte-americano mais conhecido em todo o mundo. Em geral, seus críticos entenderam-no como um pensador conservador, preocupado basicamente com o bom ordenamento da sociedade, sem ter muita tolerância para com a desconformidade ou a dissidência dos que podiam manifestar-se contra ela. Sua obsessão era determinar a função que os indivíduos desempenhavam na estrutura social visando a excelência das coisas. Era um estudioso da estratificação social não da mudança ou da transformação. Considera-se que a concepção social dele tenha sido influenciada diretamente pelo antropólogo Bronislaw Malinowski, um funcionalista, fortemente marcado pela biologia, daí verem em Parsons um admirador da organização de um formigueiro, no qual o papel dos indivíduos (das operárias à rainha-mãe) esta devidamente predeterminado e ordenado em função da manutenção e aperfeiçoamento de um sistema maior. (Nota da IHU On-Line)

13 **Anthony Giddens**: sociólogo inglês, foi diretor da "London School of Economics and Political Science" (LSE). É autor de 34 obras, publicadas em 29 línguas, e de inúmeros artigos. Em 1985, foi co-fundador da "Academic Publishing House Polity Press". É também conhecido como o mentor da idéia da *Terceira via*. Entre suas obras publicadas em português; citamos *As conseqüências da modernidade* (Oeiras: Celta, 1992), *Capitalismo e moderna teoria social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber* (Lisboa: Editorial Presença, 1994) e *Transformações da intimidade — sexualidade, amor, e erotismo nas sociedades modernas* (Oeiras: Celta Editora, 1996). (Nota da IHU On-Line)

Foucault,¹⁴ Luhman¹⁵ e Bauman. Deve fundar-se, outrossim, na análise criteriosa dos passos que devem ser tomados para a utilização de teorias, conceitos e hipóteses propostos pelos autores aqui citados, no estudo de temas da realidade brasileira e latino-

14 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da loucura até a História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da loucura, O nascimento da clínica, As palavras e as coisas, A arqueologia do saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido as obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A história da sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004 e edição 203, de 06-11-2006, ambas disponíveis para download na página do IHU. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em formação*. (Nota da IHU On-Line)

15 Niklas Luhmann (1927-1998): estudou direito em Friburgo, onde se doutorou em 1949. Em 1960, viajou aos EUA e estudou sociologia na Universidade de Harvard em Boston, que exerce uma influência significativa em seu pensamento. Em 1964, publicou *Funktionen und folgen formaler organisation* (Duncker & Humblot, Berlin, 1964), e ingressou na Universidade de Münster, em Dortmund, onde doutorou-se em sociologia política. Em 1968, se estabeleceu em Bielefeld, em cuja Universidade permanecerá o resto de sua carreira como catedrático editor da revista acadêmica *Zeitschrift für Soziologie* (Stuttgart). Recebeu o prêmio Hegel em 1988. Em língua portuguesa foram publicadas as suas seguintes obras: *Legitimação pelo procedimento* (Brasília: Ed. Univ. de Brasília, 1980), *Sociologia do Direito* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985), *A improbabilidade da comunicação* (Lisboa: Vega, 1992). Em 15 de março de 2005, no evento *Abrindo o Livro*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, o Prof. Dr. Leonel Severo Rocha, da Unisinos, apresentou *El derecho de la sociedad*, obra de Niklas Luhmann. (Nota do IHU On-Line).

americana. Essa análise pode permitir escapar das armadilhas da ortodoxia, ou da aplicação mecânica, acrítica e descontextualizada desses elementos teóricos para o tratamento de temas emergentes em realidades diferentes daquelas em que os mesmos foram originariamente formulados.

IHU On-Line - O que podemos entender pela sociologia da sociologia?

Enno Liedke Filho - A análise da sociologia enquanto disciplina acadêmico-científica específica é tarefa de uma sociologia especial - a sociologia da sociologia. Embora praticantes da sociologia possuam concepções relativas às atividades disciplinares de pesquisa, ensino e responsabilidade social, essas tendem a expressar muito mais o que poderia ser denominado uma “sociologia da sociologia espontânea dos sociólogos”. Em grandes linhas, pode-se sugerir que a passagem de concepções espontâneas a análises sociológicas da sociologia implica em um esforço sistemático de “vigilância epistemológica”, homólogo à concepção bachelariana de ruptura do pensamento científico em relação ao senso comum. No nosso entender, a sociologia da sociologia deve ter como tarefa a análise das relações entre as condições institucionais-profissionais e as tendências paradigmático-temáticas da sociologia, em suas conexões com o desenvolvimento científico em geral, com o contexto societário e com a cidadania.

Como uma referência para mapear preliminarmente as tarefas dessa sociologia específica, pode-se recordar aqui que, para Parsons, o estado da disciplina sociológica, considerada como um complexo cultural em si mesmo e como parte de um complexo cultural mais amplo, é caracterizado: (1) pela extensão em que os cânones de adequação e de objetividade científicas vieram a ser estabelecidos como o código vigente da profissão para o tratamento de um objeto (*subject matter*); (2) pela diferenciação da sociologia como ciência e suas relações com as disciplinas científicas vizinhas; (3) pela diferenciação entre a sociologia teórica e a sociologia aplicada; e (4)

pela diferenciação da sociologia e suas relações frente aos aspectos não-científicos da cultura em geral, como a filosofia, a religião, a literatura e as artes, assim como da concepção geral de mundo (general “weltanschauung”). Já as tarefas propostas por Parsons para uma sociologia da sociologia seriam: (1) verificar o papel do sociólogo com cientista, considerando tanto o estado da pesquisa, como o estado do ensino e do treinamento de outros que virão a levar adiante estas atividades; (2) apreender o papel de cidadão do cientista; (3) verificar o estado da sociologia aplicada; e (4) equacionar o estado da contribuição da sociologia para a definição societária “da situação”, seja em termos da contribuição para a “educação em geral”, seja por enfatizar os interesses “intelectuais” gerais vigentes na sociedade em dado momento.

IHU On-Line - Como podemos definir a sociologia do desenvolvimento?

Enno Liedke Filho - A sociologia do desenvolvimento deve ser compreendida como uma área especializada de estudos, dentro da qual múltiplas correntes teóricas – por exemplo, de inspiração evolucionista (de Comte, Spencer e Durkheim até versões recentes da Teoria da Modernização), estrutural-funcionalista (Parsons), ou marxistas (Teoria da Etapas: feudalismo, capitalismo, socialismo e comunismo e Teoria da Dependência) – têm disputado a dominância. Recentemente, durante um certo período, a área como um todo esteve sob forte crítica a partir de posições teóricas pós-estruturalistas e pós-modernas. Todavia, com a emergência da problemática do desenvolvimento sustentável, o interesse pela mesma vem crescendo, inclusive com a releitura de autores clássicos da área, como Parsons, Germani e Florestan Fernandes.

Outrossim, pode-se recordar aqui a obra *Nossa Diversidade Criadora* (Unesco, 1997), a qual propõe que a questão central do processo de desenvolvimento é determinar que políticas promovem, sob a égide de uma Ética Universal, um verdadeiro desenvolvimento humano sustentável e equita-

tivo, ao mesmo tempo em que estimulam o florescimento de diferentes culturas. A Ética Universal – a qual deveria nortear a convivência universal – tem como fundamento os Direitos Humanos, quais sejam: “a proteção da integridade física e emocional do indivíduo contra ameaças da sociedade, a garantia de condições mínimas para uma vida decente, o tratamento justo e o acesso equitativo aos mecanismos de correção de injustiças”. A esses direitos enunciados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, somaram-se recentemente os chamados novos direitos humanos, quais sejam, o direito a um meio ambiente saudável e propício ao bem-estar do homem e da mulher e as responsabilidades individuais e coletivas quanto a esses. Associam-se também os princípios: (a) de que a democracia é a forma política mais propícia à proteção das minorias raciais, étnicas e culturais e expressão do compromisso com a solução pacífica dos conflitos e das controvérsias através de negociações equitativas; (b) de que uma efetiva “Cultura da Paz” deve ser cultivada nos espaços intra e interações; (c) de que, quanto à questão de gênero, são necessárias mudanças para a concreção de uma plena igualdade jurídica e do acesso à educação e à saúde (a fim de acelerar a superação do hiato entre os sexos), assim como mudanças em matéria de igualdade de oportunidades – acesso ao crédito, posições de gerência e eleição de autoridades governamentais; e (d) de que a equidade em cada geração e entre gerações implica que as gerações atuais cuidem do meio ambiente e dos recursos culturais e naturais e os utilizem em proveito das gerações presentes e futuras.

IHU On-Line - Como o senhor descreve as características da sociedade no Brasil e na Argentina? Que análise sociológica o senhor faria da América Latina, de modo geral?

Enno Liedke Filho - Como uma análise criteriosa das múltiplas realidades nacionais latino-americanas não pode ser realizada aqui, dados os limites de texto propostos, opto por comparar os casos da Argentina e do Brasil. Em

grandes linhas, as principais tendências sócio-históricas vivenciadas por essas sociedades ao longo do século XX tendem a parecer similares (como por exemplo, peronismo e varguismo, movimentos que são aproximados por muitos analistas), mas cumpre apontar que as diferenças são muito significativas, sendo determinantes da herança presente com que essas sociedades contam para a construção de seus

“No Brasil, a sociologia veio a ser incorporada em meados da década de 1920, nas Escolas Normais, como uma disciplina auxiliar para a formação dos professores, visando instrumentá-los para conhecer as comunidades onde atuariam, podendo assim adaptar seus planos pedagógicos às necessidades locais”

futuros. Na Argentina destacam-se: (1) a entrada, já desde fins do século XIX, da classe média na política com o avanço crescente do Partido Radical de Alem e de Yrigoyen; (2) a presença de correntes anarquistas e socialistas no interior do emergente movimento trabalhista; (3) a experiência da entrada e participação das massas na política com o peronismo a partir dos anos de 1940; e (4) a tragédia do ciclo autoritário, particularmente do deno-

minado Proceso (1976-1983), marcado por exílios, mortes e desaparecimentos políticos. A sucessão de governos incapazes, após a redemocratização, de fazer frente à estagnação econômica, a qual é em parte decorrente da política de desindustrialização dos governos autoritários, em muito tem contribuído para o descrédito das instituições e a fragilização do próprio tecido social nacional.

No Brasil, ainda que um certo jacobinismo tenha se manifestado quando da Proclamação da República e do vai-e-vem para a sua consolidação, somente na década de 1920 movimentos como o tenentismo e o movimento pela Escola Nova significaram, parcialmente, a entrada de setores das classes médias na arena política. Outrossim, já desde as primeiras décadas do século XX, movimentos anarquistas e socialistas fizeram-se presente entre as massas operárias, sendo esses posteriormente suplantados pela criação e consolidação do Partido Comunista em 1922. Nos anos 1950, após a Revolução de 1930 e o Estado Novo, ocorreu a entrada incipiente das massas populares no cenário político sob a liderança do desenvolvimentismo, especialmente de cunho trabalhista-varguista. Cabe menção também a organizações ou movimentos de esquerda com presença marcante no período, como a União Nacional dos Estudantes e as Ligas Camponesas, lideradas por Francisco Julião.¹⁶ Já no decorrer da transição democrática (1974-1976/1985), que culminou com o fim do Período Autoritário (1964-1985) ocorreu o surgimento dos novos movimentos sociais, distinguindo-se entre esses, as comu-

¹⁶ **Francisco Julião** (1915-1999): advogado brasileiro que defendeu, a partir da década de 1950, as causas dos camponeses organizados, pressionados através de subterfúgios da lei pelos senhores de terra que tentavam desarticular a organização de ligas camponesas e expulsar de suas terras os moradores do Engenho Galiléia. Para ampliar seu campo de luta, ingressou na tribuna política e elegeu-se Deputado Estadual em Pernambuco. Foi um dos maiores ativistas pela reforma agrária no Brasil. Exilou-se no México quando teve seus direitos cassados, em 1964. Foi anistiado em 1979 e faleceu em Tepoztlán, no México. Sobre sua trajetória, confira o livro escrito pelo jornalista Vandek Santiago, *Francisco Julião: luta, paixão e morte de um agitador* (Recife: Assembléia Legislativa, 2001). (Série Perfil Parlamentar Século XX). (Nota da IHU On-Line)

nidades eclesiais de base, o novo movimento sindical e os novos movimentos sociais urbanos. O longo período desde o fim do chamado Milagre Econômico (1967-1975) do período autoritário até a implantação do Plano Real (1994) foi um período de estagnação econômica profunda. As políticas econômicas implantadas nos governos do Presidente Cardoso (como as privatizações, por exemplo), redirecionaram a estrutura econômica herdada do ciclo autoritário e abriram margem para que os governos do presidente Lula¹⁷ aprofundassem essas opções econômico-financeiras estabelecidas, associando-as a políticas sociais, como o Programa Bolsa Família. Os destinos de ambas as nações estão, pois, marcados por trajetórias que colocam no presente diferentes desafios a serem superados para a efetiva consolidação de formas societárias democráticas e equitativas.

IHU On-Line - Em relação à democracia e à política, que temas são fundamentais enfocar hoje para uma real contribuição da sociologia para a análise da sociedade brasileira e gaúcha?

Enno Liedke Filho - A sociologia, para contribuir para a análise e compreensão da sociedade brasileira e gaúcha, necessita recuperar, de um lado, uma sólida relação com a demografia e com a economia política para trabalhar multidisciplinarmente com temas como: natalidade e mortalidade (inclusive mortes violentas); gravidez na adolescência; escolaridade, qualificação e participação no mercado de trabalho; distribuição de renda e políticas sociais contributivas e não contributivas (por exemplo, Previdência Social e Programa Bolsa Família, respectivamente). Por outro lado, quan-

¹⁷ Luiz Inácio Lula da Silva (1945): é o trigésimo quinto presidente da República Federativa do Brasil, cargo que exerce desde o dia 1º de janeiro de 2003. É co-fundador e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores (PT). Em 1990, foi um dos fundadores e organizadores do Foro de São Paulo, que congrega parte dos movimentos políticos de esquerda da América Latina e do Caribe. Foi candidato a presidente cinco vezes: em 1989 (perdeu para Fernando Collor de Mello), em 1994 (perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e em 1998 (novamente perdeu para Fernando Henrique Cardoso), e ganhou as eleições de 2002 (derrotando José Serra) e de 2006 (derrotando Geraldo Alckmin). (Nota da IHU On-Line)

A sociologia, para contribuir para a análise e compreensão da sociedade brasileira e gaúcha, necessita recuperar, de um lado, uma sólida relação com a demografia e com a economia política para trabalhar multidisciplinarmente”

to a temas e problemas políticos, além da avaliação de políticas públicas, como as de saúde e de educação, caberia à sociologia enfrentar, junto com a Ciência Política, temáticas como: (1) o patrimonialismo – denunciado por pensadores clássicos como Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr. e Raymundo Faoro¹⁸ –, o qual não só ainda está entranhado nas instituições políticas e na máquina administrativa, como tem revelado uma impressionante criatividade e versatilidade na criação de mecanismos de dilapidação dos fundos públicos; (2) a necessidade de fortalecer e expandir o combate à corrupção e a crimes contra os fundos públicos, com o julgamento e penalização exemplar daquele que vierem a ser considerados culpados; (3) a impressionante inorganicidade (revelada pelo não-enraizamento na sociedade civil e pela mobilização meramente eleitoral) e fragilidade dos partidos políticos no Brasil, os quais, menos do que instituições organizadas ideológico-programaticamente, tendem a ser muito mais meras frentes

¹⁸ Raymundo Faoro (1925 - 2003): foi um escritor, advogado, cientista político e historiador brasileiro. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e presidente da Ordem dos Advogados do Brasil de 1977 a 1979. (Nota da IHU On-Line)

político-eleitorais que agregam grupos de interesses, ou mesmo personalidades fortes regionais ou estaduais. Mesmo o Partido dos Trabalhadores, reconhecido por muitos estudiosos como um partido político *tout court*, caracteriza-se pela presença de personalidades fortes – o carisma do Presidente Lula pairando, inclusive, acima do próprio partido –, e pela coexistência, nem sempre pacífica, entre as várias correntes internas que o formam.

IHU On-Line - O que marcou a trajetória da história das Ciências Sociais no Brasil nos últimos 50 anos?

Enno Liedke Filho - No Brasil, a sociologia veio a ser incorporada em meados da década de 1920, nas Escolas Normais, como uma disciplina auxiliar para a formação dos professores, visando instrumentalizá-los para conhecer as comunidades onde atuariam, podendo assim adaptar seus planos pedagógicos às necessidades locais. A institucionalização acadêmica da sociologia no Brasil ocorreu em meados dos anos 1930, com a criação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (1933) e com a criação da Seção de Sociologia e Ciência Política da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (1934). Os principais temas enfocados pela sociologia no Brasil em meados da década de 1950 eram: população, imigração e colonização; relações étnicas, contatos e assimilação (o negro; o índio e o branco colonizador); educação; história social; direito e ciência política; estudos de comunidades; análises regionais e sociologia rural e urbana. Nos anos 1950, um fato marcante foi a constituição do grupo de pesquisa sob a liderança de Florestan Fernandes, que ficou conhecido como a Escola de Sociologia da USP, a qual desenvolveu pesquisas sobre as relações raciais no Brasil, acerca da empresa industrial em São Paulo e do desenvolvimento brasileiro. A preocupação com as possibilidades de um desenvolvimento democrático, racional, urbano-industrial da sociedade brasileira ocupou um papel central entre as orientações intelectuais e políticas do projeto da Escola neste período.

Os anos 1960 assistiram à elaboração da Teoria da Dependência por autores como Cardoso e Falleto, Gunder Frank,¹⁹

¹⁹ Andreas (André) Gunder Frank (1929-

Florestan Fernandes, Ianni, Marini,²⁰ Quijano e Theotonio dos Santos.²¹ Entre as múltiplas obras elaboradas nessa perspectiva cabe destaque ao livro *Desenvolvimento e Dependência na América Latina* de Cardoso e Faletto (1973), dado sua influência não só no contexto latino-americano de então, mas internacionalmente nas Ciências Sociais. Já os anos 1970 e 80 foram caracterizados pelas teorizações sobre o novo autoritarismo e as possibilidades de redemocratização no Brasil e no Cone Sul. Em grandes linhas, pode-se sugerir que se verificou na sociologia brasileira uma rápida evolução temática, ocorrida nos seguintes termos: de grandes interpretações macro-estruturais do modelo econômico-político-cultural do regime anterior, passou esta para a análise dos agentes e características da transição democrática, seguida dos temas da democratização necessária, dos movimentos sociais e da estratégia de reativação da sociedade civil.

Posteriormente, as questões dos movimentos sociais, das identidades e das representações sociais ocuparam lugar

2005): economista e sociólogo alemão. Nos anos 1960, foi um dos criadores da Teoria da Dependência – com Theotonio dos Santos, Ruy Mauro Marini, Fernando Henrique Cardoso e outros –, cuja formulação, próxima à da Teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado, de Leon Trotsky, auxiliou o combate à hegemonia dos partidos comunistas. (Nota da IHU On-Line)

20 Ruy Mauro Marini (1932-1997): um dos intelectuais mais importantes da América Latina da segunda metade do século XX. No Chile participa do grupo de estudo sobre *O capital*, que dará origem a *Teoria da Dependência*, junto de Theotonio dos Santos, Vania Bambirra e André Gunder Frank. No exterior publicou, entre outras obras, *Subdesenvolvimento e revolução* (1969), *Dialética da dependência* (1973), *O reformismo e a contra-revolução. Estudos sobre o Chile* (1976). (Nota da IHU On-Line)

21 Theotonio dos Santos (1936): economista brasileiro marxista de prestígio teórico internacional e um dos formuladores da Teoria da Dependência, atualmente um dos principais expoentes da Teoria do Sistema-Mundo. Entre seus aportes mais destacadas está sua contribuição à formulação geral do conceito de dependência, a periodização das diversas fases da dependência na história da acumulação capitalista mundial, a conceitualização das características gerais e específicas das estruturas internas dependentes e a definição dos mecanismos reprodutivos da dependência. Tem trabalhado também na teoria dos ciclos, dinâmica de longo prazo do capitalismo e teoria do sistema-mundo. É professor titular da Universidade Federal Fluminense e Coordenador da Cátedra e Rede Unesco-ONU sobre Economia Global e Desenvolvimento Sustentável (Reggen). (Nota da IHU On-Line)

de destaque entre as temáticas enfocadas pela sociologia. Foram desenvolvidos estudos sobre movimentos sociais urbanos e rurais, movimentos sindicais, movimentos feministas, movimentos gays, movimentos negros e os movimentos ecológicos. Hoje em dia, as pesquisas em sociologia abrangem um amplo espectro de temas, tais como desenvolvimento, urbanização; mundo rural; mundo do trabalho; ciência, tecnologia e conhecimento; saúde; educação; movimentos sociais; relações sociais raciais, de gênero e de gerações; sexualidade; violência e direitos humanos; e religiosidade. Já as principais abordagens que se destacam pela influência marcante que vêm exercendo sobre a sociologia no Brasil são as de Bourdieu, Foucault, Giddens, Elias e Habermas, cujas obras, assim como as releituras de Weber, são debatidas e utilizadas como referências em ensaios e pesquisas. As temáticas da globalização, da pós-modernidade e do multiculturalismo têm merecido destaque nos trabalhos dos sociólogos e cientistas sociais brasileiros, ocorrendo muitas vezes a releitura de temáticas já consagradas sob a ótica das suas possíveis conexões com as temáticas emergentes como, por exemplo, religiões em contexto de globalização, ou educação e multiculturalismo.

IHU On-Line - Quais as tarefas de uma sociologia da religião no Brasil hoje?

Enno Liedke Filho - A sociologia da religião é também uma sociologia específica para cujo fazer torna-se necessária uma formação especializada, a qual, além de forte formação teórica, fundada na leitura dos autores clássicos e contemporâneos da área (Durkheim, Weber, Berger,²² entre outros), requer também o conhecimento dos autores brasileiros (Camargo, Pierucci,²³ Prandi,²⁴ Mariano

22 Peter Berger: um dos mais conceituados sociólogos norte-americanos da religião, é professor de Sociologia na Universidade de Boston. (Nota da IHU On-Line)

23 Antônio Flávio de Oliveira Pierucci: sociólogo brasileiro. É professor titular do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP). Concedeu a entrevista intitulada *Em defesa da pluralidade e da multicausalidade*, sobre Max Weber, ao IHU On-Line nº 101, de 17-04-2004. Dele, também publicamos o artigo "O retrovisor polonês" no IHU On-Line nº 136, de 11-04-2005. (Nota da IHU On-Line)

24 Reginaldo Prandi: sociólogo, estudioso das religiões. A IHU On-Line edição 141, de 16 de maio de 2005, publicou a entrevista Cató-

e Brandão,²⁵ por exemplo), e um sólido treinamento em métodos e técnicas de pesquisa da área. Cabe à sociologia da religião no Brasil enfrentar a problemática teórica das hipóteses alternativas da ocorrência de processos de secularização/dessacralização versus de resacralização do mundo em um contexto de globalização. Sob a égide dos princípios do Pluralismo e Liberdade Religiosa e da Observância das Normas Constitucionais Nacionais, cabe a sociologia da religião no Brasil hoje estudar temas como: (a) as especificidades do catolicismo brasileiro, especialmente das múltiplas formas do catolicismo popular, espontâneo, como as romarias e festas vinculadas a nomes como Padre Cícero²⁶ e Padre Reus;²⁷ (b) o significado e o destino his-

licos devem encolher, originalmente concedida à *Folha de S. Paulo*, em 8 de maio de 2005. Na entrevista ele fala sobre a situação do candomblé, tema central do livro *Segredos guardados* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005), assim como o assédio evangélico sobre religiões afro-brasileiras e o declínio do catolicismo no Brasil. Publicou, também, *O sopro do espírito* (São Paulo: EDUSP, 1997). (Nota da IHU On-Line)

25 Carlos Rodrigues Brandão: psicólogo brasileiro, mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília (UNB) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutor pelas Universidades de Perúgia (Itália) e Santiago de Compostela (Espanha), é livre docente pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É autor e organizador de 60 obras. Com Rubem Alves escreveu *Encantar o mundo pela palavra* (Campinas: Papirus, 2006). (Nota da IHU On-Line)

26 Cícero Romão Batista, dito Padre Cícero (1844-1934): religioso e político brasileiro. Exerceu grande influência entre a população sertaneja do interior nordestino. Ordenado padre em 1870, foi designado em 1872 vigário de Juazeiro do Norte, lugarejo no município de Crato. Desde cedo exerceu sua liderança entre o povo. Em 1889, sua popularidade aumentou ainda mais, pois começou a ser atribuída a ele a prática de milagres. Apesar de suspenso pela Igreja Católica, foi ampliando progressivamente seu poder, tornando-se o chefe político de maior prestígio do interior do Ceará. Envolvido nas lutas travadas entre as oligarquias agrárias, influiu decisivamente nas eleições de presidentes do estado, deputados e senadores. Graças à sua atuação, quando morreu, Juazeiro havia se transformado em capital religiosa e econômica do sertão, e principal centro de romaria de todo o Nordeste. O padim Ciço (padrinho Cícero), como é chamado por muitos, é considerado até hoje santo e protetor pelos humildes do sertão. Em 1924, foi-lhe erguida uma estátua que se tornou objeto de devoção. Em 1973, foi proclamado santo pela Igreja Católica Brasileira. (Nota da IHU On-Line)

27 Padre João Batista Reus (1868-1947): padre jesuíta alemão que durante muitos anos foi professor de teologia no Colégio Cristo Rei, em São Leopoldo. Por causa dos milagres que lhe são atribuídos, ao falecer Padre Reus já ti-

tórico da Teologia da Libertação;²⁸ (c) os movimentos carismáticos dentro da Igreja Católica hoje; (d) as religiões, cultos e tradições religiosas de origem africana; (e) as formas de religiosidade indígena e os elementos originários dessas tradições que vieram a ser incorporados em cultos sincréticos; (f) a presença e relevância no campo religioso das formas tradicionais do protestantismo; (g) as razões do rápido crescimento das múltiplas formas de neo-pentecostalismo e neo-protestantismo; (h) o judaísmo no Brasil e suas correntes; (i) o Islamismo no Brasil e suas correntes; (j) a expansão contemporaneamente do interesse e adesão a doutrinas religiosas e filosóficas oriundas da Ásia (hinduísmo, budismo, taoísmo); e (k) as novas formas de religiosidade e de misticismo associadas à Nova Era.

IHU On-Line - Que avaliação o senhor faz do ensino da sociologia nas universidades brasileiras?

Enno Liedke Filho - No Brasil, a sociologia veio a ser institucionalizada no ensino superior em meados da década de 1930, estando, então, em grande parte direcionada à preparação de professores de sociologia para a escola secundária, em cujo currículo essa disciplina fora incluída com a Reforma Educacional de 1930. A Reforma Educacional de 1942 retirou o ensino da sociologia da escola secundária, bloqueando a expansão do ensino da mesma também no ensino superior. Ainda que novos cursos tenham sido criados, especialmente em fins da década de 1950, somente após a Reforma Educacional de 1961, uma institucionalização crescente de cursos de graduação se verificou. A essa veio

nha fama de santo. O processo de beatificação começou em 1958 e tramita até hoje. O Santuário Sagrado Coração de Jesus, localizado junto ao túmulo do jesuíta, é um dos principais pontos turísticos da cidade de São Leopoldo, recebendo milhares deromeiros mensalmente, que vão até lá pagar promessas por graças alcançadas. (Nota da IHU On-Line)

28 Teologia da Libertação: escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Ela surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutierrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A Teologia da Libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da IHU On-Line, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*. (Nota da IHU On-Line)

somar-se, após a Reforma Universitária de 1969, a expansão e consolidação da pós-graduação. Levantamentos da Federação Nacional dos Sociólogos indicam que ao longo dos setenta anos transcorridos desde a implantação do primeiro curso de Ciências Sociais no Brasil foram formados cerca de 40.000 licenciados e bacharéis.

Atualmente, a estrutura acadêmica da área é constituída por cerca de 135 habilitações (bacharelados e licenciaturas), com aproximadamente 13.000 alunos. A estrutura da pós-graduação em sociologia encontra-se também bastante desenvolvida, sendo constituída por dois mestrados profissionalizantes, 40 mestrados *stricto sensu* e 31 doutorados. Segundo dados do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, 284 grupos declaram desenvolver pesquisas em sociologia, sendo que desses, 80 grupos registraram-se como grupos especificamente de sociologia. Ressalte-se também o significativo papel que vem sendo desempenhado na organização dos profissionais e pesquisadores e no intercâmbio e colaboração entre esses, pelas associações profissionais e científicas (SBS, FNSB e ANPOCS). Recentemente, várias instituições de ensino superior têm procurado enfrentar o desafio da implantação e desenvolvimento, com excelência, de cursos de graduação em Ciências Sociais à distância, utilizando os recursos da informática.

IHU On-Line - O senhor considera que o povo brasileiro, de modo geral, tem uma noção básica das Ciências Sociais?

Enno Liedke Filho - De uma forma espontânea, sim. O fato de o sociólogo Fernando Henrique Cardoso ter sido presidente da República — independente da avaliação que se faça das políticas desenvolvidas em seu governo — deu certa visibilidade à sociologia. Durante a transição democrática (1974-1976/1986), as Ciências Sociais ocuparam um papel de destaque na crítica ao regime autoritário, como por exemplo, (a) na crítica à desigualdade da distribuição de renda agravada durante o chamado Milagre Brasileiro, destacando-se, pelo seu rigor científico associado a uma linguagem

acessível ao cidadão comum, a obra *São Paulo 1975: Crescimento e Pobreza* (CAMARGO, 1976); (b) na crítica ao autoritarismo e na formulação de uma estratégia de lutas democráticas mediante a reativação da sociedade civil (CARDOSO, 1976) a qual veio a ser incorporada no Programa do Movimento Democrático Brasileiro/ MDB para as eleições de 1974. Hoje em dia, a reintrodução da sociologia e da filosofia no Ensino Médio certamente representará uma oportunidade ímpar para consolidar um amplo entendimento do significado das contribuições dessas disciplinas, não só em relação aos alunos, mas, de forma indireta, a seus familiares e pessoas de suas relações. O desafio será construir propostas curriculares-pedagógicas capazes de sensibilizar os alunos para a relevância dessas disciplinas, de suas orientações teórico-metodológicas e dos problemas e temas a que se dedicam a estudar. Cabe equacionar modos de apresentar de uma forma criativa, não escolástica, suas teorias, conceitos, métodos e os resultados de suas pesquisas, sob a égide da concepção da Ética Universal.

SUGESTÕES DE LEITURA

Cardoso, F. H. *Autoritarismo e democratização*. Petrópolis: Ed. Paz e Terra, 1976.

Cardoso, F. H. e Faletto, E. *Desenvolvimento e dependência na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1973.

Camargo, C. P. F. et alli São Paulo, 1975. *Crescimento e pobreza*. São Paulo: Edições Loyola, 1976.

Fernandes, F. *A Sociologia no Brasil. Contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis, Vozes, 1977.

Ianni, O. *Sociologia da Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

Liedke Filho, E. D. *A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios*. Sociologias, Porto Alegre, ano 7, nº 14, jul/dez 2005, p. 376-437.

Micelli, S. (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, IDESP, 1989. Vol. 1.

_____. *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Editora Sumaré, ANPOCS; Brasília, CAPES; V. 2. Sociologia, 1999.

_____. *O que ler na ciência social brasileira 1970-2002*. São Paulo: Editora Sumaré, ANPOCS, CAPES; 2002.

Pécaut, D. *Intelectuais e a política no Brasil — entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990. UNESCO, (Cuéllar, J. P. de, org.). *Nossa diversidade criadora. Relatório da comissão mundial de cultura e desenvolvimento*. São Paulo: Papirus, 1997.

O problema central da sociedade é a questão das injustiças sociais

Na visão de François Dubet, o principal desafio da sociologia é o de construir uma imagem da sociedade aceitável e de recusar todas as ideologias que só reúnem mercados e concorrências egoístas

POR GRAZIELA WOLFART

O sociólogo francês François Dubet acredita que a incoerência fundamental de nossas sociedades hoje reside entre o progresso e a consciência democrática de todos, e o desenvolvimento das desigualdades sociais. Na entrevista que concedeu com exclusividade à **IHU On-Line**, por e-mail, Dubet analisa a contribuição da sociologia para a pedagogia e afirma que a sociologia não pode dizer qual é a boa pedagogia e a boa maneira de dar aula. “Ela define mais os problemas do que as soluções”. E continua: “A escola, principalmente, está cada vez mais identificada com um mercado no qual os indivíduos vêm buscar identidades sociais”.

François Dubet é diretor de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), de Paris, e professor titular e chefe do departamento de sociologia da Universidade de Bordeaux II. É autor de mais de uma dezena de livros, entre os quais citamos *La galère: jeunes en survie* (Paris: Fayard, 1987), *Les lycées* (Paris Seuil, 1991) e *Sociologie de l'expérience* (Paris: Seuil, 1994 – Edição portuguesa: Lisboa, Intituto Piaget, 1997).



DIVULGAÇÃO

IHU On-Line - O senhor pode explicar o que entende pela “sociologia da experiência”? Qual a importância da experiência para a compreensão das características sociais de um ser humano ou de um grupo de indivíduos?

François Dubet - A sociologia da experiência social considera que os indivíduos são hoje forçados a construir sua própria ação, uma vez que esta não é totalmente definida pelos papéis sociais e pelas maneiras de exercê-los. Os indivíduos devem produzir, eles mesmos, o sentido de sua ação, suas motivações, suas identidades. Evidentemente, eles constroem sua experiência a partir de recursos, de modelos culturais e de condições sociais que lhes são impostas. Todavia, eles devem fazer este trabalho uma vez que a sociedade é cada vez mais fluida, móvel, não programando a totalidade dos comportamentos.

IHU On-Line - Podemos falar de experiência de um grupo, de uma comunidade, a partir da sociologia? Ou

a experiência é algo individual?

François Dubet - As experiências sociais são primeiramente individuais, mas são também definidas pelos coletivos que traçam caminhos comuns, como no caso das experiências escolares, das experiências operárias ou outras mais. Na realidade, o que é coletivo são as condições de fabricação das experiências sociais. Mas cada um de nós continua sendo uma forma singular destes quadros coletivos. Como tudo na vida social, as experiências são individuais e coletivas.

IHU On-Line - Qual a contribuição que um sociólogo pode oferecer para o professor? Como a sociologia da escola contribui para a melhora na relação pedagógica entre professores e alunos?

François Dubet - Acredito que a sociologia pode dizer a um professor como a escola se apresenta do ponto de vista dos alunos. Ela pode lhe mostrar que os alunos devem resolver um grande número de problemas para se cons-

tituírem como alunos e que isto não tem nada de “natural”, desde que não se trate do mundo das classes muito favorecidas. Ela explica também que a escola é uma urbanização determinada por regras objetivas, enquanto que cada professor pode pensar que tudo é uma questão de vontade e de liberdade. Mas a sociologia não pode dizer qual é a boa pedagogia e a boa maneira de dar aula. Ela define mais os problemas do que as soluções.

IHU On-Line - Qual a riqueza da escola enquanto espaço sociológico de acúmulo de experiências?

François Dubet - Creio que a boa escola é aquela que permite, a cada aluno, se formar como sujeito, como indivíduo capaz de construir e de controlar a sua experiência e de dar um sentido aos seus aprendizados. Porém, freqüentemente, a escola destrói seus alunos, seja porque eles não cessam de fracassar e de depreciar, seja porque seu aprendizado não tem um sentido para eles. É verdade que hoje as

coisas são mais difíceis para a escola, pois ela não tem mais o monopólio da transmissão da cultura e das informações. Ela vê o avanço de outras instituições, de outras formas de comunicação e, sobretudo, de outros tipos de autoridade. Todavia, não creio que a escola deva renunciar ao seu papel e à sua especificidade. Talvez ela deva fornecer os instrumentos para utilizar a mídia e as novas tecnologias a fim de que os alunos saibam utilizá-los sem serem seduzidos.

IHU On-Line - Na sua opinião, em que sociedade vivemos? Quais as principais expressões contemporâneas da nossa sociedade? O que caracteriza sua crise de valores, suas ambigüidades e suas incoerências?

François Dubet - Não se deve lamentar o tempo passado que nem sempre foi melhor do que o presente. Mas a incoerência fundamental reside hoje entre o progresso e a consciência democrática de todos, e o desenvolvimento das desigualdades sociais. Há menos declínio de valores e uma contradição crescente entre estes valores e a realidade social, o que conduz a uma desconfiança em relação às instituições, à política e aos outros. O problema central é menos uma questão de valores do que de injustiças sociais.

IHU On-Line - Quais as instituições (escola, igreja, trabalho) de nossas sociedades que melhor cumprem o papel de socializar as pessoas?

François Dubet - Todas as instituições desempenham um papel. Mas o problema vem do fato de que elas são cada vez menos instituições identificadas a valores indiscutíveis. A escola, principalmente, está cada vez mais identificada a um mercado no qual os indivíduos vêm buscar identidades sociais. A socialização é, então, um processo complexo e nenhuma instituição é dominante. O principal é que cada uma delas esteja em condições de desempenhar o seu papel. Penso que a escola não pode fazer tudo e que ela não é capaz de salvar o mundo. Ela deve simplesmente ser uma boa escola.

IHU On-Line - Quais os rumos da sociologia hoje? Para onde ela vai, quais caminhos se abrem e quais os principais desafios?

François Dubet - O principal desafio da sociologia é o de construir uma imagem da sociedade aceitável e de recusar todas as ideologias que só reúnem mercados e concorrências egoístas. Neste aspecto, a sociologia deve ser um projeto de conhecimento e um projeto de definição de uma maneira de se viver em conjunto em uma sociedade de indivíduos.

As Ciências Sociais possuem uma metodologia própria?

Segundo a professora Nélida Gentile, as idéias de Max Weber representam um antecedente de certas noções correntes na filosofia da ciência atual

POR GRAZIELA WOLFART

Quando o assunto é a compreensão dos rumos de nossa sociedade contemporânea, Nélida Gentile considera impossível deixar de mencionar a importância capital da obra de Karl Marx. “Não só por seu valor intrínseco como modelo explicativo do desenvolvimento histórico da sociedade capitalista em particular, mas, além disso, como horizonte de inteligibilidade das contribuições de muitíssimos teóricos contemporâneos que, de uma maneira ou outra, reivindicam, reformulam ou criticam as teses do materialismo histórico.” Para ela, o principal legado da Escola de Frankfurt para as Ciências Sociais “reside precisamente naquele que não se pode alcançar, a saber, construir uma teoria da ciência social ancorada nas investigações empíricas das ciências positivas”. Leia estas e outras idéias na entrevista que segue, concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, na qual ela fala sobre os principais pontos das origens e da história da sociologia e sobre as principais contribuições de Max Weber, Pierre Bourdieu e Anthony Giddens para esta área do conhecimento. Nélida Gentile é doutora em Filosofia e professora titular das Universidades de Buenos Aires, Nacional de La Plata e Nacional de Luján. É co-autora de *Aspectos críticos das Ciências Sociais. Entre a realidade e a metafísica, ao lado de Rodolfo Gaeta e Susana Lucero* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008).

IHU On-Line - Quais são os principais dilemas da filosofia das Ciências Sociais?

Nélida Gentile - Nas recentes discussões filosóficas em torno das Ciências Sociais, se destacam duas importantes questões envolvidas, a princípio, com o âmbito metodológico: o debate entre holísticos e individualistas, por um lado, e a problemática do monismo e do pluralismo, por outro. De acordo com os defensores do individualismo metodológico, os eventos e as condições sociais de ampla escala devem ser investigados como agregados ou configurações dos indivíduos que participam deles. Em oposição a esta tese, os holísticos metodológicos advogam em favor da autonomia dos fenômenos sociais e consideram que estes só podem ser estudados no seu nível macroscópico: são os “todos” sociais e não seus elementos humanos os verdadeiros indivíduos históricos. Os monistas metodológicos, por sua vez, afirmam que existe um único método

comum a todas as ciências, e esse método é empregado pelas ciências físico-naturais. Em contrapartida, os pluralistas metodológicos consideram que os fenômenos sociais constituem uma realidade *sui generis*, que não pode ser abordada pelos mesmos métodos da ciência natural, e propõem a compreensão ou a hermenêutica – nas diferentes versões que ela pode adotar – como metodologia específica para a análise da realidade social. Apesar de, em termos gerais, ambas as dicotomias serem apresentadas como perspectivas alternativas acerca da metodologia das disciplinas sociais, uma análise mais detalhada mostra que os argumentos apresentados por cada uma das partes incluem premissas que transcendem o âmbito estritamente metodológico e se entrecruzam com aspectos que desembocam em controvérsias sobre questões ontológicas e semânticas. Na minha opinião, contudo, o contraste entre ambos os pares de teses (holismo/individualismo e monismo/pluralismo) deve se conceber como uma diferença puramente pragmática, desligada de qualquer outro compromisso metafísico ou semântico.

IHU On-Line - Quais são os principais pontos a serem destacados em relação às origens e à história da sociologia?

Nélida Gentile - Um aspecto importante a ressaltar em relação às origens e à história da sociologia é, em meu juízo, a peculiar tendência que têm seguido, em sua evolução, as teorias sociológicas. Independente da filosofia, em seus inícios, a sociologia manifesta nos nomes de Adam Smith, Marx, Durkheim e Weber, por exemplo, a preocupação de investigar os fenômenos sociais relacionada com o tipo de investigação empírica própria de qualquer outra disciplina dentro do âmbito das ciências factuais. Depois de algum período de harmonia conjugal com o restante das ciências, começou uma etapa marcada pelo distanciamento e pela necessidade de ressaltar a autonomia no que diz respeito à ciência natural. A partir de então, a sociologia transitou por um caminho centrado na busca de seus próprios fundamentos que a levou, no meu entender, a retomar um forte compromisso com princípios e

suposições abstratas, próximas às especulações próprias da metafísica.

IHU On-Line - Quais são as principais contribuições de Max Weber, Pierre Bourdieu e Anthony Giddens para a sociologia?

Nélida Gentile - Os escritos de Max Weber abarcam questões históricas, sociológicas, econômicas e epistemológicas. Do ponto de vista da sociologia, são importantes não apenas seus aportes teóricos como, também, suas contribuições metodológicas. Max Weber conjugou em suas pesquisas o tipo de explicação própria dos estudos históricos – explicação de eventos singulares – com a busca de explicações causais que dão conta do comportamento humano por meio de regularidades que o pesquisador extrai das disciplinas sociais, em particular da sociologia. Contudo, não podemos considerar Weber como um representante típico do monismo metodológico, pois, em sua opinião, as ações humanas devem ser analisadas em termos das atitudes e desejos dos agentes, isto é, a partir da compreensão (*Verstehen*) do sentido. O significado das ações aflora por meio da construção de certos *tipos ideais*, conceitos elaborados pelo cientista social, que cumprem a função metodológica de guiar a investigação empírica. Na medida em que os tipos ideais se assemelham às hipóteses e às expectativas que guiam uma investigação, as idéias de Weber representam um antecedente de certas noções correntes na filosofia da ciência atual.

Pierre Bourdieu

Os aportes de Pierre Bourdieu à teoria sociológica – de amplíssimo alcance, a propósito, como marco teórico para a análise da cultura e da sociedade contemporâneas – poderiam se caracterizar em termos de uma *atitude crítica* frente ao clima intelectual da época: existencialismo *versus* estruturalismo, objetivismo *versus* subjetivismo. Na opinião do autor, estas dicotomias representam uma distorção da realidade contra as quais Bourdieu elabora novas categorias de análise que tentam superar o dualismo entre indivíduo e sociedade. Campo de poder, *habitus* e capital cultural são os

conceitos fundamentais sobre os quais edifica sua teoria sociológica e a partir dos quais tenta dar conta dos mecanismos de poder que estão por detrás das diferentes atividades da vida cotidiana.

Anthony Giddens

Nesta tentativa de superar os falsos dualismos aparecem, também, as contribuições sociológicas de Anthony Giddens. Giddens examina criticamente os aportes tanto dos clássicos da sociologia –¹ Marx, Weber, Durkheim, Simmel,² Parsons – como de autores contemporâneos – Habermas, Foucault, Althusser, Marcuse³ – e elabora sua proposta sociológica alternativa, “a teoria da estruturação”, que complementa com um programa político de renovação da social-democracia. Quanto às suas considerações teórico-metodológicas, rejeita a antinomia levantada pela contraposição entre a estrutura e a ação dos indivíduos e redefine a relação em termos de *dualidade de estrutura*. Além disso, cunha o conceito de dupla hermenêutica para caracterizar a metodologia própria das Ciências Sociais: por um lado, encontra-se um marco de sentido próprio do mundo social tal como é construído pelos atores nas práticas cotidianas e, por outro, encontram-se as interpretações que os atores sociais elaboram a partir dessas práticas. Deste modo, Giddens enfrenta as concepções monistas em favor de uma doutrina decididamente pluralista. É também no contexto de

1 Louis Althusser (1918-1990): filósofo marxista francês. Seu envolvimento com a ideologia marxista pode ser devido ao tempo gasto nos campos de concentração nazista, durante a segunda guerra mundial, depois da qual começou sua carreira acadêmica. (Nota da IHU On-Line)

2 Georg Simmel (1858-1918): sociólogo alemão que desenvolveu o que ficou conhecido como micro-sociologia, uma análise dos fenômenos no nível micro da sociedade. Foi um dos responsáveis por criar a Sociologia na Alemanha, juntamente com Max Weber e Karl Marx. Escreveu, entre outros, *Schopenhauer und Nietzsche* (Leipzig: Duncker & Humblot, 1907). (Nota da IHU On-Line)

3 Herbert Marcuse (1898-1979): sociólogo alemão naturalizado norte-americano, membro da Escola de Frankfurt. Estudou Filosofia em Berlim e Freiburg, onde conheceu os filósofos e professores de filosofia Husserl e Heidegger e se doutorou com a tese *Romance de artista*. Algumas de suas obras: *Razão e Revolução*, *Eros e civilização* e *O homem unidimensional*. (Nota da IHU On-Line)

superação das dicotomias que se localiza sua proposta política da “terceira via”, uma posição intermediária entre o capitalismo e o socialismo tradicional. Na opinião de Giddens, a terceira via procura a harmonização das políticas sociais-democratas com o novo mundo da globalização e a economia da informação. Talvez seja o caráter eclético da doutrina de Giddens - que combina e colore aspectos de posições muito diversas, tais como a fenomenologia, a teoria crítica, o compreensivismo e a filosofia da linguagem -, o que ocultou a ausência de algum tipo de questionamento ao sistema de globalização próprio da sociedade contemporânea e permitiu, portanto, a difusão de suas idéias em muitos âmbitos acadêmicos de cientistas sociais relutantes em aceitar qualquer proposta que legitime as bases dos sistemas capitalistas.

IHU On-Line - Que outros grandes nomes da sociologia e quais obras são importantes para compreendermos os rumos de nossas sociedades contemporâneas?

Nélida Gentile - Naturalmente, não é possível realizar uma enumeração exaustiva dos valiosos aportes realizados por muitos outros teóricos da sociologia e das Ciências Sociais em geral, assim como das inumeráveis obras que possuem alguma relevância para a compreensão da sociedade contemporânea. Contudo, parece-me impossível deixar de mencionar a importância capital da obra de Karl Marx. Não só por seu valor intrínseco como modelo explicativo do desenvolvimento histórico da sociedade capitalista em particular, mas, além disso, como horizonte de inteligibilidade das contribuições de muitíssimos teóricos contemporâneos que, de uma maneira ou outra, reivindicam, reformulam ou criticam as teses do materialismo histórico.

IHU On-Line - Qual o principal legado da Escola de Frankfurt para as Ciências Sociais?

Nélida Gentile - O desenvolvimento teórico da Escola de Frankfurt leva a distinguir três etapas: um momento inicial marcado pela criação do Instituto para a Investigação Social, em 1923, tendente à elaboração de uma teoria construtiva para a análise da sociedade; um segundo momento, caracterizado por uma atitude

“Os aportes de Pierre Bourdieu à teoria sociológica são de amplíssimo alcance, a propósito, como marco teórico para a análise da cultura e da sociedade contemporâneas”

de crítica com relação às teses de Marx; e um período final, cristalizado na figura de Jürgen Habermas, discípulo de Adorno. O projeto original do Instituto para a Investigação Social, sob a direção de Carl Grünberg,⁴ tendeu ao desenvolvimento de um programa de investigação interdisciplinar orientado em três direções: a) a integração teórica das investigações sociais com a teoria marxista (Horkheimer,⁵ Herbert Marcuse e Friedrich Pollock)⁶; b) a fusão do materialismo histórico e a psicanálise (Erich Fromm); e c) a análise dos mecanismos da cultura de massa (Leo Löwenthal e Theodor Adorno).

A segunda etapa se vê projetada na convicção de que não era possível alcançar um progresso fundado na concepção

⁴ Carl Grünberg: economista e historiador austríaco, foi o primeiro diretor do Institut für Sozialforschung. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Max Horkheimer (1895-1973): filósofo e sociólogo alemão, conhecido especialmente como fundador e principal pensador da Escola de Frankfurt e da teoria crítica. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Friedrich Pollock (1894-1970): sociólogo e economista alemão, especializado no marxismo. Membro da Escola de Frankfurt e cofundador do Instituto para Pesquisa Social de Frankfurt, Pollock elaborou a vertente econômica do projeto da Teoria Crítica e ficou conhecido por seus estudos sobre o Capitalismo de Estado. Com outros membros da Escola, foi obrigado a sair da Alemanha em 1933, tendo-se fixado em Nova Iorque, onde trabalhou no Institute for Social Research. Regressou à Alemanha em 1950, onde foi professor na Universidade de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

marxista da história. O auge dos sistemas totalitários e o desenvolvimento da cultura de massas criaram nos membros da Escola um sentimento desesperançado, uma atitude negativa, que se traduziu em um questionamento já não da sociedade, mas da própria razão. O terceiro período na evolução da Escola de Frankfurt toma a filosofia negativa desenvolvida no estágio anterior como o ponto de partida para a restauração do projeto original. As investigações de Habermas ampliam o horizonte teórico da escola crítica com o aporte de outras áreas do conhecimento, como a filosofia analítica, a análise lingüística, o estruturalismo e a hermenêutica. Qual é, então, o legado da Escola de Frankfurt para as Ciências Sociais? O principal legado, entendo eu, reside precisamente naquele que não se pode alcançar, a saber, construir uma teoria da ciência social ancorada nas investigações empíricas das ciências positivas.

IHU On-Line - Quais os princípios da antropologia estrutural? Qual é a contribuição da teoria estruturalista para as Ciências Sociais?

Nélida Gentile - Os princípios fundamentais da antropologia estrutural, impulsionada por Lévi-Strauss a partir dos estudos em lingüística estrutural, preconizados por Ferdinand de Saussure, podem sintetizar-se nos seguintes pontos:

a) O importante não é o conjunto de elementos que se apresentam na observação direta das sociedades investigadas, mas, pelo contrário, a estrutura de relações que conformam a estrutura subjacente da vida social. Os elementos não existem fora da estrutura de relações sociais.

b) O sistema de relações subjacente tem um caráter geral e inconsciente.

c) Por detrás das aparentes diferenças entre sociedades espacial e temporalmente distantes, encontra-se uma estrutura comum, uma organização subjacente homóloga.

d) As diferenças manifestas entre as sociedades não são mais do que transformações operadas nas estruturas compartilhadas.

A questão em torno da contribuição da teoria estruturalista para as Ciências Sociais nos leva a analisar algumas ques-

tões. Qual é o alcance da afirmação de que existem leis ou estruturas universais subjacentes à aparente diversidade das manifestações culturais? Se se trata simplesmente de um procedimento metodológico, cabe notar que é perfeitamente compatível com o monismo metodológico. É já clássica a posição de Ernest Nagel contra aqueles que sustentam a impossibilidade de formular leis gerais em virtude do caráter histórico e culturalmente determinado dos fenômenos sociais. As Ciências Sociais devem, na opinião do autor, tender à busca de leis transculturais que não fazem referência a nenhuma manifestação cultural particular de uma determinada sociedade. Os estruturalistas, no entanto, parecem significar algo mais do que uma mera indicação metodológica. Parecem crer, e não como uma mera metáfora, que os sistemas sociais se comportam como sistemas lingüísticos, e que as totalidades sociais têm uma prioridade ontológica sobre a existência dos indivíduos. Se isso é assim, a natureza das discussões está mais próxima das especulações metafísicas que das legítimas questões científicas, tal como ressaltai ao responder a primeira das perguntas formuladas.

IHU On-Line - Como a hermenêutica de Gadamer pode contribuir aos rumos atuais das Ciências Sociais?

Nélida Gentile - A resposta à pergunta depende de uma questão prévia, a saber, se existe (ou não) uma metodologia própria das Ciências Sociais, diferente dos procedimentos aplicados nas ciências naturais. Em outras palavras, se se adota o pluralismo como uma posição essencial no âmbito das Ciências Sociais, então a hermenêutica marcaria, a princípio, uma diferença substantiva com consequências indicativas para o cenário atual da investigação social. No entanto, sem negar que existe uma diferença entre as ações humanas — ações intencionais tendentes a um fim — e os fenômenos físicos, sem deixar de admitir a importância de indagar qual é o sentido das ações de um agente, considero que isso não estabelece singularidade alguma à investigação social. No campo das disciplinas sociais, exatamente como no das naturais, é possível formular hipóteses interpretativas e submetê-las ao contraste.

O mundo secular precisa de promessas

Na opinião de Benjamín Arditi, deixamos de ser cartesianos e aceitamos que não há escapatória à guerra de interpretações interminável na qual se converteu nossa condição humana

POR GRAZIELA WOLFART

Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, o professor da Universidade Nacional do México, Benjamin Arditi, acredita que a sociologia e todas essas disciplinas e escolas de pensamento “buscam compreender o mundo, e às vezes, inclusive, tentam modificá-lo, mas nenhuma delas e nenhum de nós podem pretender ter as respostas decisivas aos problemas urgentes que enfrentamos. Isto não significa que não possamos fazer nada”. Para Arditi, “devemos experimentar, em contato com o real, explorando opções e corrigindo-as quando pareçam que não servem ou quando tenham deixado de ser úteis para explicar nosso contexto”.

Arditi é um teórico político e professor na Universidade Nacional do México (Unam). Seu trabalho é voltado para o pensamento continental e suas pesquisas e publicações mais recentes centraram-se sobre vários aspectos da política pós-liberal. Atualmente, dedica-se a analisar os prós e os contras do “êxodo” e da política viral para explorar formas de política fora do âmbito da teoria da hegemonia apoiada por muitos pós-marxistas. Isso faz parte de uma pesquisa em curso sobre o dever-ser da política. De suas obras, citamos *Democracia post-liberal? El espacio político de las asociaciones* (Barcelona: Anthropos, 2005) e *Politics on the edges of liberalism, difference, populism, revolution, agitation* (Edinburgh University Press: Edinburgh University Press, 2007).

IHU On-Line - Como o senhor avalia a política e a teoria social no mundo contemporâneo? Como a sociologia política pode contribuir para uma melhor compreensão desses fenômenos?

Benjamin Arditi - Devo responder a esta pergunta com um pequeno “rodeio”. Zygmunt Bauman propôs, em um de seus livros, a distinção entre legisladores e intérpretes para qualificar dois tipos de intelectuais. Os legisladores, ou intelectuais do passado, eram aqueles que possuíam a verdade e se sentiam autorizados para ilustrar e guiar a massa inculta para melhorar a sociedade ou, ao menos, impedir que se desintegrasse, enquanto que os intérpretes são o tipo de intelec-

tual próprio de uma época na qual desconfiávamos de todo o conhecimento que se apresenta a si mesmo como detentor de certezas absolutas. Deixamos de ser cartesianos e aceitamos que não há escapatória à guerra de interpretações interminável na qual se converteu nossa condição humana. Parece-me que se pode dizer algo parecido no caso da compreensão do mundo contemporâneo por parte das diversas disciplinas e escolas de pensamento, desde os habermasianos aos deleuzianos, desde os propulsores das teorias da escolha racional aos marxistas. Trata-se de uma declaração de humildade intelectual. Todas essas disciplinas e escolas buscam compreender o mundo, e às vezes, inclusi-

ve, tentam modificá-lo, mas nenhuma delas e nenhum de nós podem pretender ter as respostas decisivas aos problemas urgentes que enfrentamos. Isto não significa que não possamos fazer nada. Devemos experimentar, em contato com o real, explorando opções e corrigindo-as quando pareçam que não servem ou quando tenham deixado de ser úteis para explicar nosso contexto.

IHU On-Line - A partir de seu livro *Democracia pos-liberal? El espacio político de las asociaciones*, qual é a importância das associações enquanto fenômeno social?

Benjamin Arditi - Os ensaios desse livro não pretendiam avaliar e resgatar a importância das organizações, pelo menos não no sentido de sujeito de Alain Touraine e Alberto Melucci, que desenvolveram marcos conceituais para pensar um tipo de ação coletiva que ocorria à margem dos partidos políticos e, com isso, buscavam reivindicar a legitimidade de organizações e movimentos sociais. O que nos interessava, a mim e aos demais autores, eram duas coisas. Por um lado, ver se era possível falar de uma certa formalização do fazer político destes movimentos e organizações para, assim, dar consistência às teses de Claus Offe¹ e Philippe Schmitter² acerca de um possível segundo circuito da política. Por outro lado, queríamos propor um certo descentramento da política a partir da imagem do arquipélago, ou seja, as reflexões estavam guiadas pela suspeita de que tem começado a surgir um cenário político pós-liberal da política, composto por três âmbitos de ação paralelos, mas interconectados. Estes são o da cidadania primária, terreno tradicional da política liberal dos partidos e eleições; o da cidadania secundária ou social, terreno dos intercâmbios entre movimentos e organizações sociais; e o da cidadania supranacional, espaço emergente de intercâmbios entre atores supra-estatais, mas também sob o âmbito governamental, pois inclui guerreiros globais

1 Claus Offe: sociólogo político alemão e professor na Universidade de Humboldt, de Berlim, Alemanha. (Nota da IHU On-Line)

2 Philippe Schmitter: professor do Instituto Universitário Europeu e um dos mais conceituados teóricos sobre a democracia. (Nota da IHU On-Line)

“O debate acerca do multiculturalismo se move entre estes dois pólos, o da crítica ao velho imperialismo das narrativas dos países centrais e o dos problemas de um particularismo que fanaticamente desconhece a legitimidade de toda crítica externa a seus modos de ser”

como os que associamos geralmente com o “movimento de movimentos”, surgido de redes tais como as geradas em torno do Fórum Social Mundial de Porto Alegre.

IHU On-Line - Em relação ao multiculturalismo, quais são os problemas que o senhor vê em preservar as culturas minoritárias, em defesa exclusivamente do respeito à diferença?

Benjamin Arditi - Parece-me que é conveniente fazer uma distinção preliminar para posicionar a resposta acerca do tema da diferença. É evidente que há que defendê-la de seus inimigos habituais. Os exemplos são bem conhecidos. Durante a primeira modernidade, que era caracterizada — como bem disse Gianni Vattimo³

3 Gianni Vattimo (1936): filósofo italiano, internacionalmente conhecido pelo conceito de “pensamento fraco”. Concedeu diversas entrevistas à IHU On-Line. A primeira delas foi publicada na 88ª edição, de 15-12-2003, a segunda na 128ª edição, de 20-12-2004, e a terceira na edição 161, de 24-10-2005, quando conversou pessoalmente com a IHU On-Line, no Hotel Intercity, em Porto Alegre, no dia 18 de outubro daquele ano, às vésperas de proferir sua conferência no evento Metamorfofos

— pelo progresso e pelo valor supremo do novo, toda cultura subalterna era, por definição, uma cultura deficiente, algo como uma etapa infantil que a evolução terminaria por corrigir. Isto supunha uma clara hierarquia entre culturas centrais e periféricas. O resgate que Paul Klee⁴ faz da linguagem pictórica do norte da África nos anos 1920 é uma das primeiras tentativas de romper com esta hierarquia entre centro e periferia. Entre os inimigos da diferença também há que mencionar o classismo, o racismo, o sexismo e a homofobia, esquemas de pensamento que estabelecem hierarquias igualmente rígidas e ilegítimas entre o bom e o mal ou o apropriado e o indecoroso.

A diferença como algo bom?

Mas também temos o perigo oposto, a saber, o de quem vê a diferença como algo bom em si mesmo e rejeita qualquer tentativa de questionar o diferente em nome do direito de ser diferente. Isso cria alguns problemas. Um deles é que pode levar ao que Shelby Steel chama “as novas soberanias”, isto é, a reivindicação de uma série de princípios de autodeterminação que exclui toda intervenção externa nos assuntos internos dos grupos particulares. Outro problema é que isto assume algo que é bastante questionável, a saber, que há um consenso interno imane em todo grupo cultural e que

da cultura contemporânea. Nessa oportunidade ele falou sobre “O pós-moderno é uma reivindicação de multiplicidade de visão de mundo”, publicado na editoria Entrevista da Semana. Sua contribuição mais recente à IHU On-Line aconteceu na edição *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, nº 187, de 03-07-2006, com a entrevista O nazismo e o “erro” filosófico de Heidegger. Dele também publicamos uma entrevista na 121ª edição, de 1º-11-2004, um artigo na edição 53, de 31-03-2003 e outro no número 80, de 20-10-2003. A editoria Livro da Semana, na edição 149, de 01-08-2005, abordou a obra *The future of religion*, escrita por Vattimo, Richard Rorty e Santiago Zabala. De sua produção intelectual, destacamos *Más allá de la interpretación* (Barcelona: Paidós, 1995), *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna* (São Paulo: Martins Fontes, 1996), *Introdução a Heidegger* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998) e *Diálogo con Nietzsche: Ensayos 1961-2000* (Barcelona: Paidós, 2002). (Nota da IHU On-Line)

4 Paul Klee (1879-1940): pintor alemão, nascido na Suíça, de sentido abstrato. (Nota da IHU On-Line)

toda dissidência é de origem externa. Se aceitarmos que isso é assim, então não teríamos direito a questionar a prática de compra-venda de mulheres, que é parte dos usos e costumes de povos indígenas em lugares como a Serra de Oaxaca, no México, ou a remoção forçada do clitóris de adolescentes no norte da África. O debate acerca do multiculturalismo se move entre estes dois pólos, o da crítica ao velho imperialismo das narrativas dos países centrais e o dos problemas de um particularismo que fanaticamente desconhece a legitimidade de toda crítica externa a seus modos de ser. Não há uma fórmula aristotélica para resolver esta tensão, algo como um meio justo para balancear os pólos. Ao contrário, a reflexão está obrigada a conviver com essa tensão que, de momento, parece insolúvel, ainda que, não por isso, seja intratável.

IHU On-Line - Quais são os rumos de uma sociedade cada vez mais secularizada?

Benjamin Arditi - As sociedades estão cada vez mais secularizadas, é verdade, mas isso não significa que nos encontramos em um mundo desencantado no qual predomina o cálculo racional ou onde as pessoas vivam alegremente a morte de Deus anunciada por Nietzsche⁵ há mais de um século. Estamos longe disso. Habitamos um mundo híbrido, onde ateus e agnósticos coexistem com toda uma gama de crenças, desde a direita religiosa nos Estados Unidos até o fundamentalismo islâmico, passando pela extraordinária

5 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela **IHU On-Line** edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada "Nietzsche e Paulo". A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da **IHU On-Line**)

“As sociedades estão cada vez mais secularizadas, é verdade, mas isso não significa que nos encontramos em um mundo desencantado no qual predomina o cálculo racional ou onde as pessoas vivam alegremente a morte de Deus anunciada por Nietzsche há mais de um século”

expansão dos grupos evangélicos na América Latina e os esforços contínuos da Igreja Católica em conter essa expansão e denunciar, ao mesmo tempo, as conseqüências do secularismo.

Mas também deveríamos nos perguntar acerca da persistência do desejo de salvação. Em parte, isso se deve ao fato de que o crescimento econômico nem sempre nos oferece certezas num mundo em tamanha mutação. É por isso que Régis Debray⁶ disse, certa vez, que talvez a religião não seja tanto o ópio do povo, mas a vitamina dos oprimidos: a religião como busca de mapas de na-
 6 Jules Régis Debray (1940): filósofo, jornalista e professor francês. Foi seguidor do marxista Louis Althusser. Amigo de Fidel Castro e Ernesto Che Guevara, nos anos 1960 acompanhou o Che na guerrilha, especialmente na Bolívia, onde foi preso em 1967. Nesse mesmo ano, escreveu sua primeira obra, *A revolução na revolução*. Pertenceu ao Partido Socialista Francês, do qual se distanciou por diferenças ideológicas com o ex-presidente François Mitterrand. Atualmente Debray é mais conhecido como o criador da mediologia – o estudo crítico dos signos e de sua difusão na sociedade. De suas obras, citamos *Curso de midiologia geral* (Petrópolis: Vozes, 1993) e *Vida e morte da imagem: Uma história do olhar no ocidente* (Petrópolis: Vozes, 1994). (Nota da **IHU On-Line**)

vegação que nos dão alguma certeza diante da transformação acelerada das relações sociais, das referências cotidianas, da maneira de pensar, dos padrões de emprego, do movimento de capitais que, com a mesma facilidade com que podem tirar da pobreza milhões de pessoas, também podem – e é o que, em geral, acontece – deixá-las na miséria mais espantosa.

A questão da emancipação

Mas o peso do imaginário religioso também pode se dever a outra coisa. A emancipação continua sendo a versão secular da idéia teológica de salvação, pelo menos no sentido de projetos de redenção dos oprimidos neste mundo. Walter Benjamín⁷ falava de uma débil força messiânica como eixo da emancipação, entendendo, por isso, não a espera de um Messias ou a busca de uma recompensa na outra vida, mas, melhor ainda, a necessidade da revolução dos oprimidos. Em seu belo livro *Espectros de Marx*, Jaques Derrida⁸ reformulou isso, falando da estrutura messiânica ou da messianicidade da ação emancipadora, de uma messianicidade sem Messias, como componente de todo esforço em ir além do meramente possível. Em suma, em um mundo secular necessitamos promessas de algo diferente por vir. Enquanto nós, que desconfiamos de teólogos e sacerdotes, de deuses e de paraísos, formos incapazes de oferecer esquemas mundanos de como as coisas podem melhorar, a lista de quem vai aos templos ou pede que algum deus os salve crenças tende a aumentar.

7 Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com freqüência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da **IHU On-Line** edição 119, de 18-10-2004. (Nota da **IHU On-Line**)

A influência das Ciências Sociais na Pedagogia

Para o professor Amaury César Moraes, sem uma constante auto-crítica ou reflexão sobre seus pressupostos, a Sociologia e demais Ciências Sociais não teriam avançado tanto

POR GRAZIELA WOLFART

Lançar um debate sobre o ensino da sociologia no ensino médio é outro dos enfoques desta edição da **IHU On-Line**. Sobre esse tema, o professor da USP Amaury César Moraes nos concedeu a entrevista que segue, por e-mail, na qual declara que “a história do ensino de sociologia é bastante diversa da história das outras disciplinas: há uma intermitência da presença da disciplina no ensino médio que é responsável, em boa parte, pela situação em que a disciplina se encontra hoje: um atraso nos debates sobre conteúdos, livros, formação de professores etc.”. E lamenta: “De cerca de 100 anos de existência da disciplina, apenas 17 (1925 a 1942) foram de obrigatoriedade”. Em relação à contribuição das Ciências Sociais para outras áreas, Amaury Moraes afirma que “o assim chamado discurso pedagógico é ‘colonizado’, no bom sentido, pelas categorias, conceitos, teorias e pesquisas empíricas das Ciências Sociais”. Amaury Cesar Moraes possui graduação em Filosofia e em Ciências Sociais, mestrado em Ciência Política e doutorado em Educação, sempre pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professor na Faculdade de Educação da mesma instituição e membro do conselho editorial da Revista do Centro de Educação da UFSM. Tem experiência na área de sociologia, com ênfase em sociologia do conhecimento. Atuando principalmente nos seguintes temas: discurso pedagógico, retórica, construtivismo e metáfora. É autor de *Filosofia: exercícios de leitura* (São Paulo: De Leitura, 1998).

IHU On-Line - Qual a importância do ensino de disciplinas como a sociologia e a filosofia no Ensino Médio?

Amaury César Moraes - Considero importante a presença dessas disciplinas por dois motivos: 1) porque elas, em si, têm muito a contribuir, quer porque trazem informações que os alunos não recebem de outras disciplinas (nem história, nem geografia, nem língua portuguesa – considerando aquelas que são as humanidades); quer porque elas oferecem modos de pensar – argumentos, perspectivas, metodologias – diversos de outras disciplinas. São disciplinas que conjugam uma tradição (filosofia mais longa, sociologia mais recente) e tratamento direto da realidade em que os alunos estão envolvidos: política, sociedade, artes, ética, economia, mídia etc.; 2) porque a simples idéia de elas poderem estar nos currículos chega a provocar todo

um debate sobre o currículo. Infelizmente, no entanto, esses debates no Brasil não acontecem com honestidade, nem dentro, nem fora da escola. Assim, sociologia e filosofia acabam parecendo intrusas e seus defensores corporativos, mas ninguém discute o que estão fazendo pela formação dos jovens estas outras disciplinas que, pelo que dizem os resultados de exames nacionais e internacionais, não têm contribuído muito. Eu esperava que fosse esta a oportunidade de todos discutirem o tal do currículo e não ficarem guardando o seu latifúndio improdutivo armados até os dentes.

IHU On-Line - Quais as principais contribuições da sociologia do conhecimento para os avanços na área das Ciências Sociais?

Amaury César Moraes - Esta é uma questão muito específica, pois a socio-

logia do conhecimento é um dos ramos da sociologia e tem acompanhado o próprio desenvolvimento das Ciências Sociais, podendo dizer-se que, de certa forma, a sociologia quase que se confunde com a sociologia do conhecimento, pois sempre a sociologia se manteve dentro de um espírito autocrítico, mesmo uma sociologia que se poderia chamar de conservadora. Veja que todo o trabalho realizado por Durkheim,¹ na definição (das regras) do método sociológico, em boa medida era um trabalho de sociologia da sociologia. Não era apenas uma discussão metodológica ou estritamente

¹ David Émile Durkheim (1858-1917): conhecido como um dos fundadores da Sociologia moderna. Foi também, em 1895, o fundador do primeiro departamento de sociologia de uma universidade européia e, em 1896, o fundador de um dos primeiros jornais dedicados à ciência social, intitulado *L'Année Sociologique*. (Nota da IHU On-Line)

de filosofia da ciência. Durkheim estava debatendo com a psicologia, com a biologia etc. e debatendo também com os ainda precursores da sociologia, como Comte, Tarde, Spencer etc., discutindo a necessidade de uma reflexão sobre o que era pensar e pesquisar sociologicamente. Mas podemos ir mais longe e ver que toda a pesquisa sobre intelectuais é uma sociologia do conhecimento, a exemplo de Pierre Bourdieu² na França ou Sérgio Miceli³ no Brasil. Pode-se ler a importante obra de Thomas Kuhn,⁴ *A estrutura das revoluções científicas*, como uma obra de sociologia do conhecimento. Entendo que, sem uma constante autocrítica ou reflexão sobre seus pressupostos, a sociologia e demais Ciências Sociais não teriam avançado tanto.

IHU On-Line - Qual a importância das Ciências Sociais e da sociologia para a construção do atual discurso pedagógico nas escolas brasileiras?

Amaury César Moraes - Primeiro, a sociologia brasileira se valeu do debate sobre a educação entre os anos 1950 e 1960 no Brasil – a luta pela

“A escola não é tão importante assim, de tal modo que nem aparece no cinema”

escola pública, particularmente capitaneada por um sociólogo, Florestan Fernandes – e havia um interesse enorme pelo tema “educação”, porque se entendia mais profundamente do que se entende hoje (que talvez não passe de discursos políticos ou de “bom mocismo”) a importância da educação para um país como o Brasil, pobre e com população com pouca escolaridade. Foram feitos muitos estudos que contribuíram, por exemplo, para mudanças, como o término dos exames de admissão no fim dos anos 1960 e depois a própria extensão da escolaridade de quatro para oito anos. Com o passar do tempo, no entanto, a educação deixou de ser um objeto importante para as Ciências Sociais e foi deixada para o campo da Pedagogia, da Sociologia da Educação feita nesse campo, mas com subsídios importantes procedentes do campo das Ciências Sociais: questões sobre minorias (mulheres, negros), questões sobre exclusão social, questões sobre infância etc. Muito do que é discutido hoje pela Pedagogia provém do campo das Ciências Sociais: sobre políticas públicas, por exemplo, ou sobre gênero, ou sobre multiculturalismo, com uma presença mais forte da antropologia e da ciência política, não somente da sociologia. O assim chamado discurso pedagógico é “colonizado”, no bom sentido, pelas categorias, conceitos, teorias e pesquisas empíricas das Ciências Sociais.

IHU On-Line - Qual o poder da imprensa, enquanto ator político, para a constituição das características so-

ciais de um grupo, de uma comunidade?

Amaury César Moraes - Não é possível falar assim, sem uma pesquisa mais aprofundada ou um levantamento de dados sobre esse poder de influência. Podemos falar muito genericamente sobre os *media*, os meios de comunicação de massas, nem tanto sobre a imprensa escrita, talvez mais sobre a TV, especialmente no Brasil que, como dissemos, tem problemas com leitura. Podemos dizer, no entanto, que a mídia tem um poder de fazer-se presente muito maior do que leva em conta. Hoje vivemos a agenda definida pela mídia. É certo que estamos vivendo um momento de crise internacional, mas a mídia coloca essa questão muito maior do que parece ser; um exemplo é a cotação das bolsas: será que todo mundo deve ficar preocupado com o sobe e desce das bolsas internacionais e nacional? Todo mundo tem dinheiro aplicado nas bolsas? Está claro se teremos uma recessão, uma depressão ou inflação? Os mais variados comentaristas econômicos dizem, por exemplo, que quem tem dinheiro aplicado em bolsa não devo tirá-lo de lá, porque o investimento em bolsa é de longo prazo – a menos que seja um especulador. Por outro lado, qual terá sido o papel da imprensa, leia-se TV, no caso de Lindemberg e Eloá? Ele estava, pelo que se diz, ligado no que a TV passava sobre ele. Há quem ache que um caso desses deve ser tratado sem a presença da imprensa, para que não haja a espetacularização do fato e para que não se ampliem os resultados. Sei que se pode falar da liberdade de imprensa como elemento central na própria democracia: mas será que é a mesma coisa a imprensa ser livre para tratar questões políticas e questões cotidianas, crimes etc.? Ou por outro lado, por que haveria de interessar à imprensa um caso como esse? Será que é um caso que realmente interessa à população como um todo? Ou a imprensa “cria” essa necessidade?

Os pontos positivos da mídia

Mas a mídia não é só coisa ruim, há pontos positivos: mesmo algo dis-

2 Pierre Bourdieu (1930-2002): sociólogo francês. De origem campesina, filósofo de formação, chegou a docente na École de Sociologie du Collège de France, instituição que o consagrou como um dos maiores intelectuais de seu tempo. Desenvolveu, ao longo de sua vida, mais de trezentos trabalhos abordando a questão da dominação, e é, sem dúvida, um dos autores mais lidos, em todo mundo, nos campos da Antropologia e Sociologia, cuja contribuição alcança as mais variadas áreas do conhecimento humano, discutindo em sua obra temas como educação, cultura, literatura, arte, mídia, lingüística e política. Seu primeiro livro, *Sociologia da Argélia* (1958), discute a organização social da sociedade cabila, e em particular, como o sistema colonial interferiu na sociedade cabila, em suas estruturas e desculturação. Dirigiu, por muitos anos, a revista *Actes de la recherche en sciences sociales* e presidiu o CISIA (Comitê Internacional de Apoio aos Intelectuais Argelinos), sempre se posicionando clara e lucidamente contra o liberalismo e a globalização. (Nota da IHU On-Line)

3 Sérgio Miceli Pessoa de Barros: sociólogo brasileiro nascido no Rio de Janeiro. é atualmente professor titular de sociologia da Universidade de São Paulo. (Nota da IHU On-Line)

4 Thomas Kuhn (1922-1996): físico norte-americano, cujo trabalho incidiu sobre história e filosofia da ciência, tornando-se um marco importante no estudo do processo que leva ao desenvolvimento científico. Sua obra mais conhecida é *A estrutura das revoluções científicas* (7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003). (Nota da IHU On-Line)

cutível como a novela — discutível quanto ao seu caráter artístico — tem contribuído para mudar muitas coisas em nossa sociedade: antigamente, a menina que ficava grávida era expulsa da casa dos pais e hoje já tem havido mais conversa e acolhimento; o homossexualismo era visto como doença ou pura perversão, e hoje já temos uma maior compreensão social a respeito, o que tem provocado alterações na própria legislação e/ou justiça; o adultério era punido com a “justiça feita com as próprias mãos, para lavar a honra”, e creio que, depois da série “quem ama não mata”, isso mudou muito; a mulher teve muitos de seus direitos reconhecidos devido à presença cada vez maior da mulher na TV como profissional respeitada ou como tema do jornalismo ou teledramaturgia; tudo isso e tantas outras coisas — denúncias de corrupção etc. — devido “ao poder da imprensa”. Há pontos positivos e negativos, mas não se trata de neutralidade aqui, ao contrário, de buscar um controle social sobre a mídia. E isso passa pela democratização cada vez maior do país.

IHU On-Line - Como o senhor define o imaginário social brasileiro em relação à escola e ao professor, a partir do que é representado no cinema nacional?

Amaury César Moraes - Talvez essa pergunta tenha algo a ver com as minhas pesquisas sobre relações entre cinema e educação, ou cinema e escolas. Tenho feito pesquisas a que dei o nome de “A Escola vista pelo Cinema” e tenho usado filmes estrangeiros, muitos americanos, nenhum brasileiro. Até onde conheço não há sequer um filme brasileiro que se aproxime de *Ao mestre, com carinho*, *Mentes perigosas*, *Nenhum a menos* ou *Quando tudo começa*, nem mesmo de *Os incompreendidos*. Por que será? Minha pesquisa busca entender justamente isso: como o imaginário social representa a escola (alunos, professores, direção etc.). E essa era a pergunta que eu me fazia: por que não há nenhum filme nacional que se compare a *Ao mestre, com carinho*? Por que não

temos nenhum filme brasileiro que tome a escola como espaço e as relações professores — alunos, tendo um/a professor/a como protagonista? Acabei chegando a uma resposta que, podemos dizer, virou hipótese da pesquisa, quando entrei em contato com uns textos franceses que diziam que os diretores franceses trataram da escola porque ela era fundamental na sua formação pessoal. O mesmo não se pode dizer do Brasil: aqui, parece, a escola não é tão importante assim, de tal modo que nem aparece no cinema. No Brasil, a escola, ou melhor, a educação

“O imaginário brasileiro deixou de ver na escola um espaço de cultura, de formação e até de ascensão social”

aparece em todos os discursos, de políticos ao povo, nos jornais, na TV, entre o empresariado, todo mundo fala da importância da educação. Mas, na verdade, ninguém leva isso muito a sério. Pais de alunos querem vagas nas escolas para colocar seus filhos, mas não têm se preocupado com o que eles aprendem ou fazem na escola: no caso, o importante é que a escola seja um lugar para que os filhos fiquem — um depósito? Não há nenhuma pressão sobre a questão da qualidade do ensino: a democratização do ensino, que originalmente podia ser uma boa e justa proposta, virou apenas uma democratização do acesso. O imaginário brasileiro dei-

xou de ver na escola um espaço de cultura, de formação e até de ascensão social. Com isso, a escola virou um ritual sem função, ou com duas funções aparentes: para as crianças, para resolver o problema econômico (de liberação das mães para o mercado de trabalho) e para os adolescentes e jovens, um problema de segurança (para retirar os jovens das ruas, deixando de ser sujeitos ou objetos da violência e criminalidade — o que não se realiza plenamente, pois a escola não está livre de ser espaço de uma e outra coisa —, mas aparentemente sentem-se todos mais seguros assim).

IHU On-Line - Quais os principais avanços e os maiores desafios em relação ao ensino da sociologia nas universidades brasileiras? O que o senhor pode falar no sentido de uma retrospectiva histórica do ensino da sociologia no Brasil?

Amaury César Moraes - Isso me deu motivo para uma palestra no Rio de Janeiro em recente evento da área de ensino de sociologia. Vou apenas enumerar os desafios: 1) melhoria do processo de formação de professores; 2) avaliação dos livros didáticos; 3) proposta única ou variada de ensino de sociologia; 4) número de aulas, definição de conteúdos; 5) situação geral da escola pública; 6) debate sobre o currículo da escola média; 7) definição dos fins para o ensino médio: vestibular, cidadania, mercado de trabalho. Essa agenda de desafios seria um avanço e, ao mesmo tempo, uma tarefa para as universidades brasileiras. Avançamos com a lei da obrigatoriedade, mas não avançamos muito ainda com relação aos outros termos dessa agenda. A história do ensino de sociologia é bastante diversa da história das outras disciplinas: há uma intermitência da presença da disciplina no ensino médio que é responsável, em boa parte, pela situação em que a disciplina se encontra hoje: um atraso nos debates sobre conteúdos, livros, formação de professores etc. De cerca de 100 anos de existência da disciplina, apenas 17 (1925 a 1942) foram de obrigatoriedade.

50 anos analisando a sociedade

A história do curso de Ciências Sociais da Unisinos foi e é escrita por muitos professores e pesquisadores que contribuíram para sua consolidação e sucesso. Para rememorar aspectos dessa trajetória, a IHU On-Line convidou algumas pessoas que participaram dessa história a darem breves depoimentos, inclusive, refletindo sobre o ensino da sociologia no ensino médio. Confira.

Formar cientistas sociais para compreender e atuar na sociedade

“Raramente a humanidade encontra unanimidades como a de que vivemos hoje uma imensa crise do sistema capitalista globalizado. No entanto, a unanimidade termina quando procuramos compreender suas raízes, a sua dimensão e que alternativas se desenham para superá-la. São questões complexas e profundas como estas que levaram os pensadores das ciências humanas a construir o universo teórico que, no século XIX, deu origem à sociologia como uma das mais significativas ciências sociais. Ao completar 50 anos, o curso de Sociologia da Unisinos depara-se com alguns desafios significativos, entre os quais, auxiliar professores e acadêmicos da área a compreender e a atuar sobre a atual crise no sentido de contribuir com a sua superação. Especialmente se considerarmos a necessidade de compreender a crise na dimensão de suas manifestações em nosso lugar, ou seja, a área de ação da Unisinos. Esta tem sido a História do curso: formar cientistas sociais para compreender e atuar na sociedade. Ao longo do tempo, os egressos da universidade foram e continuam indo além das fronteiras do Vale, tanto na condição de bacharéis como na de licenciados e, mais recentemente, como pós-graduados. Uma novidade significativa para o curso é de que agora os acadêmicos que cursam licenciatura em sociologia poderão contar com um campo profissional significativamente maior na medida em que as diferentes redes de ensino estão incluindo disciplinas de sociologia no ensino médio. Medida legislativa recentemente aprovada e que poderá auxiliar aos jovens estudantes a compreender melhor a sociedade em que vivem. Logicamente o curso de sociologia da Unisinos, como já fez em outras ocasiões, deverá saber responder aos novos tempos, os tempos de intensa crise do sistema mundial, e as esperanças dos acadêmicos, de hoje e do futuro, que o procuram para não só compreender teorias sociais, mas, também, a agir com e sobre o mundo”.

>> Prof. Solon Viola, professor do PPG em Ciências Sociais da Unisinos

As Ciências Sociais na Unisinos: 1958 a 2008

“O curso de Ciências Sociais da Unisinos comemora 50 anos de existência. É um motivo importante para festejar, pois se trata de uma data de maioridade acadêmica reconhecida pelos diplomados, por aqueles que hoje nele estudam, pelos professores e pessoal de gestão que atuaram e atuam no curso, pela reitoria da universidade, bem como pelo MEC. Attingir os 50 anos significa também ter passado com êxito por vários desafios. Por exemplo, o do período de início do curso, quando as incertezas relacionadas à estrutura curricular, ao acerto na contratação de professores e à demanda de alunos vacila; a do período de consolidação do curso, que normalmente se dá a partir da quarta ou mais turmas de formandos, mas que se distingue, sobretudo, pela definição da identidade acadêmica (perfil formativo sócio-profissional); a da reestruturação periódica de currículos, com o intento de atualizá-los segundo as demandas do mercado e os desafios contemporâneos de leitura e interpretação do objeto de estudo que é formação das estruturas e dinâmicas sociais. Estes e outros desafios certamente foram bem administrados”.

>> Prof. Inácio Helfer, professor no PPG em Filosofia da Unisinos

Um espaço de ousadia e pioneirismo

“Gostaria de parabenizar a tod@s que durante estes 50 anos contribuíram para a criação e consolidação do Curso de Ciências Sociais da Unisinos. Sinto-me orgulhosa de ter sido aluna desta instituição, atualmente considerada a melhor universidade particular do Rio Grande do Sul e de toda a região Sul. Uma instituição de destaque e referência não só no Brasil como também no exterior. Foi na Unisinos que conheci autores, teorias e perspectivas metodológicas que se revelaram como referenciais para a construção do conhecimento da realidade social, cultural e política do nosso tempo. Em 1984, ingressei no Curso de Graduação de Ciências Sociais durante os

quatro anos subsequentes, estudei muito, freqüentei a biblioteca, o restaurante universitário e no intervalo das aulas, participava do centro acadêmico e das discussões acaloradas nos corredores. O Curso de Ciências Sociais foi um espaço de muita ousadia e pioneirismo. Além de alimentar o interesse pela pesquisa e fornecer sólidos instrumentos para uma atuação profissional em áreas dinâmicas do mercado de trabalho das Ciências Sociais, tive a oportunidade de estudar com profissionais competentes e comprometidos. Como não lembrar das aulas de Raul Pont, Ari Minela, José Ivo Follmann, Roque Vitor Dal Ross, Dornali Purpper, entre tantos outros. Fiz muitos amigos. Minha turma sempre foi muito atuante, responsável e crítica. As discussões sobre a sociologia brasileira, interpretações do Brasil, sindicatos, movimentos sociais, começavam no deslocamento de Porto Alegre para São Leopoldo, ora no ônibus, ora no carro que “fretávamos” de forma coletiva. Tina, Beth, Bica, Adelaide, que bom que conseguimos manter, na diáspora, sólidos laços afetivos e intelectuais. Enquanto estudante de Ciências Sociais, para entender a minha própria cultura, foi importante a leitura do ensaio de Roberto DaMatta (1978) intitulado *anthropological blues*, onde ele fala do duplo ofício do etnólogo: transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico. Foi através desta leitura que percebi que estamos o tempo todo pressupondo familiaridades e estranhamentos. O meu primeiro desafio foi, portanto, o da distância e proximidade do investigador com relação ao seu objeto. Tarefa nada trivial e nem sempre bem-sucedida, como alertam alguns antropólogos. Transitar por caminhos tão próximos sem enxergar as diferenças tão próximas. Eu li este texto como sugestão de meu orientador para auxiliar na pesquisa de campo, já que se tratava de um lugar aparentemente bastante familiar. Trata-se do trabalho monográfico intitulado ‘Desvio na praça’, sobre a praça da Alfândega, em Porto Alegre (RS), defendida em 1987, com a orientação de Jorge Bozzobon, meu orientador no final do curso de graduação. Obrigado Jorge, Salve Jorge! Foi, portanto, a partir desta primeira experiência de olhar, ouvir e escrever sobre a praça da Alfândega, que decidi ser antropóloga. Após a conclusão do Curso de Graduação, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, posteriormente, no Programa de Doutorado do Instituto de Investigações Antropológicas da Universidad Nacional Autónoma do México (UNAM). Hoje, trabalho no Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e dou aula nos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Pós-Graduação em Antropologia da UFRN. Há muitas razões para comemorar os cinqüenta anos do Curso de Ciências Sociais da Unisinos. Destaco aqui a criação do Programa de Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais, a formação de novos mestres e doutores. Comemorar, rememorar. Parafraseando Immanuel Wallestein, rememorar o passado é um ato social do presente. Essa situação me levou às lembranças de quando eu era aluna, no meu primeiro trabalho de campo, minha primeira experiência em sala de aula, meus alunos, meus colegas, enfim meus mestres. Essa situação me levou a pensar na minha própria trajetória ‘individual’. Nos *campos de possibilidades* socialmente dados e nos *projetos* que me levaram a adquirir uma identidade profissional. Obrigada!”

>> Lisabete Coradini, antropóloga, professora do departamento de Ciências Sociais do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais e Antropologia da UFRN

Decodificar a complexidade da realidade social

“Além da Resolução nº 4, de 16 de agosto de 2006 do MEC, sobre a inclusão do Ensino de Sociologia nas escolas de ensino médio em todo o território nacional, vem crescendo as demandas de estudos e pesquisas na área das Ciências Sociais, em particular na Sociologia, fazendo com que se crie uma oferta cada vez maior de cursos e programas na área das Ciências Sociais em nível de graduação e pós-graduação. Na Unisinos, o projeto político-pedagógico do Curso de Ciências Sociais estrutura-se a partir dos seguintes princípios norteadores: ‘Propiciar aos estudantes uma formação teórico-metodológica sólida em torno dos eixos que formam a identidade do curso (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e fornecer instrumentos para estabelecer relações com a pesquisa e a prática social. Criar uma estrutura curricular que estimule a autonomia intelectual, a capacidade analítica dos que estimule a autonomia intelectual, a capacidade analítica dos estudantes e uma ampla formação humanística’. O licenciado, cujo perfil profissional deve possuir sólida formação ética e humanista, deverá estar habilitado para enfrentar, teórica e metodologicamente, os desafios e as dificuldades próprias à tarefa de análise e reflexão crítica de realidade social em que está inserido, assim como transmitir aos alunos do Ensino Médio o importante legado conceitual e prático emanado do pensamento científico moderno e contemporâneo proveniente das Ciências Sociais.

O Curso de Ciências Sociais da Unisinos foi criado em 1958 e, atualmente, conta com um corpo docente de reconhecida qualificação de âmbito nacional, que atua no ensino, na pesquisa e na extensão, oferecendo ótimas condições de ensino e infra-estrutura, como biblioteca com grande acervo de obras das Ciências Sociais, recursos tecnológicos de última geração, entre outros, para o desenvolvimento e a formação de um profissional de excelência no campo das Ciências Sociais, comprometido com seu tempo e com uma perspectiva (auto) reflexiva. O trabalho dos professores de Sociologia tem como referência expressa os documentos curriculares oficiais, conforme as disposições colocadas para o ensino da disciplina nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Tendo em vista a preocupação com o domínio de tecnologias, expressa nas Diretrizes Curriculares Nacionais, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio propõem que a Sociologia, em conjunto com a Ciência Política e a

Antropologia, permita ao educando desenvolver as seguintes competências e habilidades:

* Identificar, analisar e comparar os diferentes discursos sobre a realidade: as explicações das Ciências Sociais, amparadas nos vários paradigmas teóricos do campo das humanidades.

* Produzir novos discursos sobre as diferentes realidades sócias, a partir das observações e reflexões realizadas.

* Compreender e valorizar as diferentes manifestações culturais de grupos étnicos e sociais, contribuindo para preservar o direito à diversidade, enquanto princípio estético, político e ético que supera conflitos e tensões do mundo atual.

* Compreender as transformações no mundo do trabalho e o novo perfil de qualificação exigida, gerados por mudanças na ordem econômica.

* Construir a identidade social e política, de modo a viabilizar o exercício da cidadania plena, no contexto do Estado de Direito, atuando para que haja, efetivamente, uma reciprocidade de direitos e deveres entre o poder público e o cidadão e também entre os diferentes grupos.

A idéia central é que o domínio dessas competências permitirá ao educando investigar, identificar, descrever e explicar/interpretar os fatos relacionados à vida social, e assim, instrumentá-lo para que possa decodificar a complexidade da realidade social em que está inserido.

Na Unisinos, o currículo do Curso de Licenciatura Plena em Ciências Sociais está baseado na longa experiência da educação Inaciana e numa trajetória de meio século de formação de professores de sociologia, fundamentando-se “em pressupostos éticos, compromisso social e envolvimento comunitário, objetivando nos princípios de Educação por toda a vida e no Desenvolvimento Regional que, sem descuidar dos Avanços científicos e tecnológicos, ancora-se, também, na transdisciplinaridade como perspectiva teórica plural capaz de dar conta dos desafios enfrentados pelo professor nas sociedades complexas de nosso tempo.”

A partir de 2009/1, as escolas do Ensino Médio da rede estadual de ensino terão a obrigatoriedade de ofertar a disciplina de Sociologia para seus estudantes. Oxalá este fato social possa representar uma contribuição significativa para melhoria da educação no Estado, assim como possa contribuir para o alargamento da visão crítica no âmbito da sociedade rio-grandense e a um enriquecimento sensível das relações sociais entre os grupos sociais e étnicos e do próprio exercício diário da cidadania”.

>> **Prof. Walmir da Silva Pereira, Coordenador do Curso de Ciências Sociais da Unisinos**

50 anos do curso de Ciências Sociais da Unisinos Programação

Mostra Fotográfica – TERRA E MOVIMENTOS SOCIAIS
Fotos de Sebastião Salgado, com texto de José Saramago e versos de Chico Buarque e Guimarães Rosa
Período: 25/11/2008 a 05/12/2008
Local: Galeria da Biblioteca Unisinos

Painel SOCIOLOGIA E FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO
Data: 25/11/2008
Horário: 19:30 – 22:00 horas
Local: Sala 1G119

Painel CIÊNCIAS SOCIAIS E IMAGENS -
Exibição de Vídeos Sociais e Etnográficos
Data: 26/11/2008
Horário: 19:30 – 22:00 horas
Local: Sala 1G119



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevista da Semana

Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea

Mesmo não sendo reconhecida diversas vezes, há uma dívida à crítica cultural contemporânea traçada por Antonio Candido, analisa Célia Pedrosa. Para esse autor, pobreza e atraso de nossas instituições impediram pensamento científico organizado

POR ANDRÉ DICK MÁRCIA JUNGES

“**A** credito que muito de nossa crítica cultural contemporânea, fundada na desestabilização simultânea do universal e do nacional, e dos dispositivos historicistas de originalidade e influência, devem muito a Antonio Candido, embora raramente explicitem essa dívida”, disse a crítica literária Célia Pedrosa, em entrevista exclusiva, por e-mail, à **IHU On-Line**. Segundo ela, Candido nos “ensina uma rara lição, a lição do que se pode extrair da ousadia de estar atento ao inusitado e aberto ao reconhecimento da dúvida – ao contrário de uma grande maioria de críticos – inclusive dos que o reclamam como mestre – que, diante da diferença e do desafio, optam pelo dogmatismo da recusa e da desqualificação”.

Graduada em Português-Literatura pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Pedrosa é mestre e doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) com a tese *Antonio Candido: a palavra empenhada* (São Paulo/Niterói: EDUSP/EDUFF, 1995). cursou pós-doutorado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em Portugal. É organizadora de, entre outros, de *Crítica e valor* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008). Atualmente, é professora de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura e Coordenadora da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense.

IHU On-Line - O que torna Antonio Candido um nome referencial tanto para a sociologia quanto para a literatura no Brasil?

Célia Pedrosa - Sua pergunta já está apontando para uma das principais características da atividade intelectual de Antonio Candido, razão, sem dúvida, de sua importância para a reflexão crítica sobre a cultura brasileira. Essa característica é justamente o esforço em pensar articuladamente a produção literária e seu contexto sócio-histórico, de um modo dialético, como ele mesmo o considera. Dialético porque não sociologicamente mecanicista ou determinista, por um lado, nem es-

teticamente solipsista, por outro, ao contrário do que acontecia na época em que começa a ensinar e a escrever.

No ensaio “Crítica e sociologia”, ele nos apresenta muito simples e claramente essa perspectiva, ao ressaltar que “toda mimese é uma forma de poiese”, e que se deve portanto estar atento ao processo pelo qual elementos externos, contextuais, se transformam em elementos internos, estruturais, da obra literária. Nesse sentido, e paradoxalmente, quanto mais atento à estruturação formal da obra, e às particularidades de determinado autor, por exemplo, mais condições têm o leitor e o crítico de perceber seu va-

lor social e histórico.

Um bom exemplo dessa metodologia de leitura pode ser encontrado no já clássico ensaio “Dialética da malandragem”, que Candido dedica ao romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.¹ Aí, ele vai nos mostrar que esse texto é profundamente realista justo na medida em que trai o modelo oitocentista de realismo *costumbrista* e naturalista. Pois em sua estrutura-

¹ Manuel Antônio de Almeida (1831-1861): escritor brasileiro. *Memórias de um sargento de milícias*, de 1852, foi seu único livro. Retrata as classes média e baixa, algo muito incomum para a época, na qual os romances retratavam os ambientes aristocráticos. (Nota da IHU On-Line)

ção identifica como dado fundamental precisamente a lacuna quanto a determinadas informações sobre as personagens e seu contexto sócio-histórico. Por meio dessa lacuna, segundo ele, as *Memórias* figurariam um modo de funcionamento desse contexto que só bem mais tarde vai ser identificado e compreendido pela sociologia — a personagem principal, nomeada por Candido como *malandra*, representando então a existência anômica do “homem livre na ordem escravocrata” do Brasil do século XIX.

IHU On-Line - Na *Formação da Literatura Brasileira*, Candido tenta revelar os autores que fundaram o que seria uma literatura brasileira. Há algo de nacionalista nesta atitude, ou ele continua sendo um autor que privilegia sobretudo a universalidade de autores e obras?

Célia Pedrosa - O nacionalismo foi muito importante para nossa formação cultural, como tem sido sempre em sociedades submetidas à violência da colonização. Atento a esse dado, Candido vai considerar nossa produção literária enquanto movida pela *vontade* de fazer literatura brasileira e contribuir para a *construção* de uma identidade nacional — identidade que, desse modo, perde toda naturalidade. Isso significa reconhecer o nacionalismo como ideologia e motor afetivo e político no qual ressaltam tanto aspectos positivos quanto negativos, pois, conforme ele nos lembra sempre em seus textos, “a contradição é o nervo da vida”. Dentre essas contradições, estão, por um lado, a que decorre do fato de que muito da inspiração e das formas de nacionalismo artístico aqui desenvolvidas são fornecidas pelas culturas colonizadoras — como, aliás, a própria idéia de Estado-nação, postulada pelo iluminismo revolucionário francês, ou a concepção rousseauiana do “bom selvagem”, ou ainda a visão de Chateaubriand² sobre

2 Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (1892-1968): mais conhecido como Chatô, foi um jornalista, empreendedor e político brasileiro. O paraibano criou e dirigiu a maior cadeia de imprensa do país, os Diários Associados: 34 jornais, 36 emissoras de rádio, 18 estações de televisão, uma agência de notícias, uma revista semanal (*O Cruzeiro*), uma mensal (*A Cigarra*), várias revistas infantis e uma editora. (Nota da IHU On-Line)

“Acho que a opção
ensaística de Candido
se fundamenta, antes
de mais nada, não em
autores e
movimentos
específicos, mas na
importância por ele
atribuída ao ensaísmo
como forma de
reflexão e escritura
intrinsecamente ligada
a nossa história
sócio-cultural”

as relações entre a natureza e a outridade americanas; e, por outro, a de que esse nacionalismo se tornaria mais produtivamente artístico se, embora alimentado das particularidades locais, fosse também enriquecido por valores e procedimentos mais universalizantes, evitando o simplismo exotizante e tipificador. Nesse sentido, podemos considerar que Antonio Candido atualiza uma compreensão antropofágica de nossa nacionalidade cultural e literária, lembrando que a antropofagia vai ser, ao longo do século XX, solicitada como móvel de diferentes tendências críticas e artísticas de viés polêmico e desestabilizante. Lembraria a esse respeito, por um lado, a estética tropicalista e, por outro, a reivindicação do *entre-lugar* latino-americano colocada por Silviano Santiago.

IHU On-Line - Na sua opinião, a linha ensaística de Candido tem influências claras de quais autores ou movimentos de teoria literária? E o que

ela apresenta de mais importante para o leitor compreender a cultura brasileira?

Célia Pedrosa - Acho que a opção ensaística de Candido se fundamenta, antes de mais nada, não em autores e movimentos específicos, mas na importância por ele atribuída ao ensaísmo como forma de reflexão e escritura intrinsecamente ligada a nossa história sócio-cultural. Segundo ele, em decorrência da pobreza e do atraso de nossas instituições, não tivemos logo condições de desenvolver e consolidar um pensamento científico organizado, com disciplinas e pesquisadores autônomos. Nossos poucos intelectuais tiveram, ao longo do período de colonização, quase sempre que acumular as funções de artista, político e pensador. Veja o caso dos árcades mineiros, de José de Alencar, dentre tantos outros. Nessa deficiência, cujos efeitos até hoje se prolongariam, Candido dialeticamente vai identificar uma vantagem: a origem de um hibridismo flexível e imaginoso, em que observação e imaginação se associam, aproximando diferentes formas de saber e explicitando a força subjetiva que as move. Gilberto Freyre,³ Sérgio Milliet⁴ e Sérgio Buarque de Holanda⁵ seriam

3 Gilberto Freyre (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Entre seus livros, citamos: *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. O Prof. Dr. Mário Maestri, do PPG em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), apresentou o segundo livro na programação do *II Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, promovido no dia 15-04-2004, pelo IHU. Sua palestra originou o artigo publicado no *Cadernos IHU Idéias* número 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*. (Nota da IHU On-Line)

4 Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898-1966): escritor, pintor, poeta, ensaísta e crítico de arte e literário, sociólogo e tradutor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

5 Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982): historiador brasileiro, também crítico literário e jornalista. Entre outros, escreveu *Raízes do Brasil*, de 1936. Obteve notoriedade através do conceito de “homem cordial”, examinado nessa obra. A professora Dr.^a Eliane Fleck, do PPG em História da Unisinos, apresentou, no evento IHU Idéias, de 22-08-2002, o tema *O homem cordial: Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda* e no dia 8-05-2003, a professora apresentou essa mesma obra no Ciclo de Estudos sobre o Brasil, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista a IHU On-Line, publicada na edição nº 58, de 5-05-2003. Sobre Sérgio Buarque de Holanda, confira, ainda, a edição 205 da IHU On-Line, de 20-11-2006, intitulada *Raízes do Brasil*. (Nota da IHU On-

exemplos mais modernos da produtividade desse tipo de escrita, em que a indisciplina face a pressupostos e métodos convencionais das ciências produz resultados ainda hoje instigantes no que diz respeito tanto às possibilidades destas quanto ao conhecimento de nossas especificidades.

Essa indisciplina pode ser identificada como móvel de seu discurso crítico, justamente na medida em que ele, como vimos, é marcado pelo esforço de articular dialeticamente procedimentos e discursos diversos, convencionalmente compreendidos como antagonísticos, como nos casos já referidos de articulação entre o literário e o sócio-histórico, entre o individual e o coletivo, entre o nacional e o universal. Esse esforço se demanda, por um lado, necessariamente, ousadia face aos parâmetros convencionais de conhecimento científico, só se torna produtivo na medida em que é fundamentado no cuidado com que lê e avalia as mais diversas tendências teórico-críticas, em seus aspectos positivos e negativos.

Em relação a estas, e tomando como referência o campo dos estudos literários a partir dos anos 40 do século XX, Candido tenta integrar as demandas da perspectiva sociológica de um Georg Lukács⁶ ao textualismo do New Criticism, enriquecido pelas reflexões formalistas e estruturalistas. Isso sem deixar de estar atento às lições ensinadas pela crítica não acadêmica, impressionista, de um Álvaro Lins,⁷ por exemplo, com quem ele aprende a importância da sensibilidade para a avaliação das peculiaridades estilísticas de cada obra e/ou autor e do desafio que estas podem representar para o pensamento fundado na coerência de determinadas teorias sobre o literário e sua função.

IHU On-Line - Há textos referenciais de Candido para o estudo da literatura brasileira, como “Literatura e subdesenvolvimento”. Levando em

Line)

⁶ Lukács György (1885-1971): mais conhecido como Georg Lukács, filósofo húngaro. Em sua trajetória filosófica procurou refazer o percurso da filosofia clássica alemã, inicialmente como crítico influenciado por Kant, depois Hegel e, finalmente, aderindo ao marxismo. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Álvaro Lins (1912-1975): professor, jornalista, crítico literário, ensaísta e diplomata brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

consideração a reflexão de Octavio Paz⁸ – de que conceitos como subdesenvolvimento nada têm a ver com literatura, e sim com a área econômica –, como enxerga essa idéia de que, para Candido, a literatura brasileira ou latino-americana ainda não possui uma originalidade própria das grandes literaturas?

Célia Pedrosa - A perspectiva crítica de Candido é sem dúvida marcada - e não poderia ser de outro modo - por conceitos e valores hoje bastante

“Segundo Candido, em decorrência da pobreza e do atraso de nossas instituições, não tivemos logo condições de desenvolver e consolidar um pensamento científico organizado, com disciplinas e pesquisadores autônomos”

questionados, como os de originalidade e exemplaridade estética e política de obras canônicas. Seus modelos, nesse sentido, são, é claro, os grandes autores e obras da tradição européia. No entanto, acho que ele, por força de seu interesse sociológico, vai atribuir à nossa produção literária uma importância decorrente de sua capacidade

⁸ Octavio Paz (1914-1998): escritor e diplomata mexicano, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 1990. Publicou mais de vinte livros de poesia e incontáveis ensaios de literatura, arte, cultura e política, desde *Luna Silvestre*, seu primeiro livro, de 1933. (Nota da IHU On-Line)

de colaborar na construção de um sistema cultural em que a interação de autores, obras e público em torno de valores estéticos e políticos específicos de nossa sociedade são mais relevantes que a sua adequação mecânica a um cânone universalista. Por outro lado, essa importância é avaliada de modo dialético, na medida em que não deixa de apontar os efeitos negativos dessa funcionalidade, quando ela é transformada em sinônimo de localismo e nacionalismo, do mesmo modo como a mera submissão ao cânone europeu será considerada mais um índice de subdesenvolvimento, semelhante, embora diverso, às formas ufanistas de afirmação da diferença.

Resumindo: Candido trabalha com pressupostos estéticos e históricos bem convencionais, se vistos com olhos de hoje. Mas é marcado pela necessidade, já apontada, de aproximar dialeticamente o que em princípio é dado como antagonístico e de perceber efeitos contraditórios em toda forma ou idéia uniformes. Esta necessidade se manifesta tanto face às especificidades das diferentes situações sócio-históricas quanto face às especificidades de diferentes manifestações artísticas e literárias. Disso resulta uma forma instigante de lidar com a relação entre dominadores e dominados, criadores e emuladores, universais e particulares, em que se, por um lado, se reconhece a inevitabilidade da dominação econômica e, conseqüentemente, cultural, por outro se reconhece também a inevitabilidade de seus efeitos imprevistos – dinâmica que ele define como “o duplo gume” de nossa história literária.

Por isso, acredito que muito de nossa crítica cultural contemporânea, fundada na desestabilização simultânea do universal e do nacional, e dos dispositivos historicistas de originalidade e influência, devem muito a ele, embora raramente explicitem essa dívida.

IHU On-Line - Nos anos 1920, Candido era inserido no grupo de chato-boys, nome dado por Oswald de Andrade.⁹

⁹ Oswald de Andrade (1890-1954): poeta, romancista e dramaturgo. Nasceu em São Paulo, e estudou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Sua poesia é precursora do movimento que marcou a cultura brasileira na década de 1960, o concretismo. (Nota da IHU On-Line)

Esse mesmo crítico, no entanto, foi um dos que anteciparam o sucesso da própria obra de Oswald, de João Cabral,¹⁰ de Clarice Lispector,¹¹ além de romances, como *Grande sertão: veredas*. Em que medida Candido pode ser visto como um antecipador, na posição de crítico?

Célia Pedrosa - Essa pergunta nos leva a uma retomada do que foi exposto na quarta pergunta. Contextualizando melhor, lembremos que Antonio Candido fez parte da primeira geração de críticos formados na universidade, com preocupação de pesquisa e sistematização teórico-metodológicas raras até então em nossa vida cultural. Mas, como vimos, ele soube utilizar a formação acadêmica para desenvolver a capacidade de desestabilizar a rigidez dessa mesma formação, paradoxalmente, como “aprendiz de feitiçeiro” – imagem usada por ele para definir sua geração de chato-boys, sim, mas indisciplinados e polêmicos. Conforme ele mesmo nos informa, na universidade vai aprender tanto a importância da informação teórico-metodológica quanto a dos acontecimentos da vida cotidiana, entre os quais se alinham os representados, para um crítico literário, pelo surgimento de autores e obras desconhecidos, cuja

10 João Cabral de Melo Neto (1920-1999): poeta e diplomata brasileiro. Pertencia a uma das mais tradicionais famílias do Pernambuco, sendo irmão do historiador Evaldo Cabral de Mello e primo do poeta Manuel Bandeira e do sociólogo Gilberto Freyre. (Nota da IHU On-Line)

11 Clarice Lispector (1920-1977): escritora nascida na Ucrânia. De família judaica, emigrou para o Brasil quando tinha apenas dois meses de idade. Em 1944 publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A literatura brasileira era nesta altura dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando a difícil realidade social do país na época. Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, quer pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, quer pelo estilo solto elíptico, e fragmentário, remanescente de James Joyce e Virginia Woolf, ainda mais revolucionário. Seu romance mais famoso embora menos característico quer temática quer estilisticamente, é *A hora da estrela*, o último publicado antes de sua morte. Neste livro a vida de Macabéa, uma nordestina criada no estado Alagoas e vai morar no Rio de Janeiro, e vai morar em uma pensão, tendo sua vida descrita por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Sobre a autora, confira a edição 228 da IHU On-Line, de 16-07-2008, intitulada *Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho*. (Nota da IHU On-Line)

“Candido trabalha com pressupostos estéticos e históricos bem convencionais, se vistos com olhos de hoje. Mas é marcado pela necessidade, já apontada, de aproximar dialeticamente o que em princípio é dado como antagônico e de perceber efeitos contraditórios em toda forma ou idéia uniformes”

leitura exige a flexibilização de procedimentos e valores já institucionalizados. Por isso, inclusive, junto com o magistério universitário, Candido vai valorizar a atividade de crítico jornalístico, obrigado a ler e opinar sobre tudo de novo que surgia. Por isso, vai conhecer e acolher autores, como Cabral, Clarice e Rosa,¹² discrepantes,

12 João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. A edição 178 da IHU On-Line, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título “Sertão é do tamanho do mundo”. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa. De 25 de abril a 25-05-2006 o IHU promoveu o Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas. Ver tam-

quando de seu surgimento, do cânone moderno de nossa poesia e de nosso romance e da ênfase na perspectivação o nacional – neles identificando e valorizando, ao contrário, o construtivismo, a aboragem psicológica e o regionalismo universalizante, respectivamente.

Aliás, essa articulação de disciplina e flexibilidade aparece de modo ainda mais sugestivo quando motivada no crítico tanto pela atenção a um determinado contexto cultural quanto pelo reconhecimento de sua incapacidade de entendê-lo. No pequeno mas, nesse sentido, fundamental artigo “A literatura brasileira em 72”, Candido reconhece a pluralidade de tendências artísticas dessa época, a discrepância que nelas se evidencia face aos parâmetros críticos modernos de inovação, originalidade e, no caso brasileiro, mobilização do nacional. Mas desse quadro ele vai derivar tanto a possibilidade de acontecimentos estéticos ainda inominados, quanto, em conseqüência, a autocrítica quanto às limitações de sua própria perspectiva, incapaz de avaliações definitivas desse processo.

Desse modo, ele nos ensina uma rara lição, a lição do que se pode extrair da ousadia de estar atento ao inusitado e aberto ao reconhecimento da dúvida – ao contrário de uma grande maioria de críticos – inclusive dos que o reclamam como mestre – que, diante da diferença e do desafio, optam pelo dogmatismo da recusa e da desqualificação.

IHU On-Line - Como um crítico de idéias firmes, Candido também tem alguns opositores referentes a algumas questões. Os principais talvez tenham sido Afrânio Coutinho¹³ (em relação à *Formação da Literatura*

bém a revista IHU On-Line edição nº 275, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérprete do Brasil*, de 29-09-2008. (Nota da IHU On-Line)

13 Afrânio Coutinho (1911-2000): professor, crítico literário e ensaísta brasileiro. Ocupou a Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, onde foi eleito em 17 de abril de 1962. Em 1965, criou a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1968, foi nomeado diretor dessa faculdade, permanecendo no cargo até aposentar-se, em 1980. Foi ele quem criou a Biblioteca da Faculdade de Letras, reconhecida como uma das melhores do gênero no Rio de Janeiro. (Nota da IHU On-Line)

Brasileira) e Haroldo de Campos¹⁴ (que critica a ausência do barroco na mesma Formação). Quais idéias de Candido podemos ver como extremamente polêmicas?

Célia Pedrosa - Antes de mais nada, todo pensamento realmente crítico é polêmico, na medida em que coloca em crise, desestabiliza convenções e expectativas. No caso de Candido, esse efeito é provocado por sua perspectiva historiográfica que, como vimos, solicita a nacionalidade, mas não como fato ou verdade apriorísticos, mas como valor ideológico, contraditório, tecido com elementos da outridade que se propunha a excluir. Por isso, ele não considera brasileiras as obras escritas no período barroco, já que não podia ser identificada, então, uma motivação nativista ou nacionalista, apesar de terem nascido aqui, ou aqui viverem seus autores.

Vista de hoje, aliás, a questão do barroco pode ser considerada um instigante *cronotopo* que funciona de modo desestabilizador em diferentes discursos da e sobre a modernidade. Lembremos, a esse respeito, as reflexões de Walter Benjamin¹⁵ sobre o drama barroco alemão, e, partir dele, sobre as relações entre modernidade, alegoria, melancolia e fragmentação. Lembremos, ainda, como a noção de neo-barroco vai ser importante para a compreensão de uma pós-modernidade artística que, na verdade, prefiro considerar um retorno diferido, *perlaborado* (como considera Jean-François Lyotard¹⁶) das origens mesmas da modernidade.

Não por acaso, portanto, Candido vai excluir, é certo, o barroco de

nossa formação literária; mas o exclui de uma certa compreensão sistêmica e evolutiva de literatura. Parece-me que Haroldo de Campos, ao reivindicar sua inclusão, o faz de modo a com ela legitimar uma outra mas semelhante concepção sistêmica de literatura, fundada em uma outra forma de articulação do particular /nacionais ao geral/universal.

Acredito que, se há problema, ele reside na concepção sistêmica e uniformizante – evolutiva ou sincrônica – que, nesse caso, afeta a ambos os antagonistas. No caso de Candido, a noção de sistema acaba por ser realmente funcional, apesar das restrições do autor ao funcionalismo, isto é, sustentada por relações homológicas entre vida literária e atividade autoral, identificação formal e semântica da obra e identidade do público a que ela se conformaria. Mas enquanto tal, e tendo em vista a tradição com que dialoga, ela adquire um duplo valor. Por um lado, implica no reconhecimento, por parte do historiador e crítico, dos condicionamentos a que está sujeita a produção artística, para além de toda idealização estética, implicando numa saudável problematização dos valores universalizantes de excepcionalidade, bem como da naturalidade dos valores particularistas de nacionalidade. Por outro lado, essa contextualização da atividade artística, ao mesmo tempo em que explicita sua dependência de valores e procedimentos hegemônicos, torna-se deles devedora, impossibilitada de pensar, em nome da própria consistência sistêmica, a produtividade disfuncional e, nesse sentido, a existência, mesmo, de discursos e práticas minoritários, excepcionais, contra-hegemônicos.

Ressentimento

Acredito que a *Formação da literatura brasileira* se ressinta desse funcionalismo, ao mesmo tempo em que, justamente por causa dele, transforma as relações entre literatura, história e nacionalidade em problema, desestabilizando universalismos e particularismos institucionalizados. Nesse sentido, em suas limitações mesmo, ela dá a ver os caminhos divergentes a serem seguidos pelo pensamento crítico. Como já salientamos, essa divergência é incorpo-

rada, como insuficiência, pelo próprio crítico de Candido, que, em relação à literatura produzida nos anos 1970, não identifica as condições justificadoras de uma inserção funcional num sistema evolutivo do moderno-nacional, mas, por isso, ao invés de recusar-lhe valor, coloca em dúvida sua própria perspectiva. Além disso, creio que no ensaio de Candido dedicado a leitura de obras e autores específicos, a preocupação com a funcionalidade sistêmica dá lugar a uma atenção à diferença que tem como efeito a provocação de toda possibilidade dogmática de definição de um sentido e uma função para a literatura. É o que ocorre, por exemplo, com suas leituras de Graciliano Ramos,¹⁷ em que tanto a identificação dos bichos do subterrâneo quanto a do hibridismo entre ficção e confissão convidam à subversão de parâmetros e fronteiras críticos fundamentais às definições hegemônicas de nosso sistema literário – como as de realismo, regionalismo e nacionalismo –, subversão cujos efeitos podem ser associados às mais produtivas questões contemporâneas, como aquelas que discutem as questões da autobiografia e da autoficção.

IHU On-Line - Há algum ponto que não lhe foi questionado e gostaria de comentar?

Célia Pedrosa - Gostaria de lembrar aqui que um dos aspectos mais significativos do esforço de articular diversidades em Candido foi, para mim, a constância e a coerência com que ele tentou conciliar a autonomia da sensibilidade, da reflexão e a compreensão política do significado de ser indivíduo, professor, leitor – tentativa exercitada na leitura ao mesmo tempo estética e sociológica de cada obra literária, na prática ao mesmo tempo acadêmica, sindical e partidária do ser professor.

¹⁷ Graciliano Ramos (1892-1953): escritor alagoano, nascido em Quebrângulo. Autor de numerosas obras, várias delas adaptadas para o cinema, como *Vidas secas* e *Memórias do cárcere*, em 1963 e 1983, respectivamente, por Nelson Pereira dos Santos. A obra *Vidas Secas* foi o objeto de estudo do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, de 17 de junho de 2004. Quem conduziu o debate foi a Prof^a MS Célia Dóris Becker, das Ciências da Comunicação da Unisinos. Confira uma entrevista que a professora concedeu sobre o tema na 105^a edição da *IHU On-Line*, de 14 de junho de 2005, disponível para download no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁴ Haroldo Eurico Browne de Campos (1929-2003): poeta e tradutor brasileiro, autor de, entre outras obras *Xadrez de estrelas* (1976) e *Signância: quase céu* (1979). (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁵ Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ Jean-François Lyotard (1924-1998): filósofo francês, autor de uma filosofia do desejo e significado representante do pós-modernismo. Escreveu, entre outros, *A fenomenologia* (Lisboa: Edições 70, 1954), *O inumano: considerações sobre o tempo* (Lisboa: Estampa, 1990), *Heidegger e 'os judeus'* (Lisboa: Instituto Piaget, 1999) e *A condição pós-moderna* (8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2004). (Nota da *IHU On-Line*)

Livro da Semana

Show do eu: a vitrine da própria personalidade

De acordo com a pesquisadora Paula Sibilia, os modos de construção do “eu” e os alicerces em cima dos quais se sustentam esse edifício mudaram pela necessidade de tornar público algo que deveria ser privado

POR PATRICIA FACHIN

“**A** intimidade tem se convertido numa espécie de cenário no qual devemos montar o espetáculo de nós mesmos”, constata Paula Sibilia, pesquisadora do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Com a revolução tecnológica da informação, o proliferamento da internet, o aumento de blogs e sites de relacionamento, o significado de intimidade mudou radicalmente, criando uma vida espetacularizada. Em entrevista à **IHU On-Line**, por e-mail, Paula diz que as novas tecnologias correspondem também a um novo modelo de vida social, e que “usamos essas ferramentas para responder às demandas de um universo cada vez mais distante daquela cultura oitocentista que incentiva a escrever diários verdadeiramente ‘íntimos’”.

Nessa nova perspectiva, a vida e as relações ganham um novo sentido e a pessoa só existe se aparece para alguém. “Uma das principais manifestações dessa virada é um crescente desejo de ser visto, uma vontade de se construir como um eu visível, como um personagem que os outros podem ver e, graças a esse olhar reconfortante, confirmam a existência de quem se exhibe”, analisa. Assim, o homem moderno tem uma personalidade alterdirigida ou orientada para o olhar dos outros. “Isto não acontece apenas na Internet, é claro, mas nas diversas práticas contemporâneas onde impera esse desejo desesperado de que os demais nos enxerguem e nos observem para que possamos existir”, explica.

Maria Paula Sibilia é graduada em Ciências da Comunicação, pela Universidade de Buenos Aires (UBA), mestre na mesma área, pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e doutora em Saúde Coletiva, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, é professora no Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Autora de *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais* (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002), Paula acaba de lançar seu novo livro *O show do eu* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008). Em 2008, ela participou do *Simpósio Internacional Uma sociedade pós-humana? Possibilidades e limites das nanotecnologias*, realizado pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU.



DIVULGAÇÃO

IHU On-Line - Que transformações na subjetividade humana são apresentadas no seu novo livro *O show do eu? Como elas interferem ou modificam a forma de “ser e estar” no mundo?*

Paula Sibília - A inquietação inicial, que motivou a escrita deste livro foi o surgimento dos blogs. Ou seja, esses “diários íntimos” que de repente começaram a ser publicados na internet. A pergunta era a seguinte: até que ponto e em que sentido eles podiam ser considerados íntimos, se eram expostos tão publicamente na web? Durante as primeiras etapas da pesquisa, enquanto tentava formular corretamente e inclusive responder a essa pergunta, começaram a surgir outros fenômenos nos quais se dava o mesmo paradoxo: os *reality-shows* na televisão, os fotologs e videologs, as redes de relacionamentos como o Orkut, o MySpace e o Facebook, certos usos do YouTube e das webcams etc.

Então, achei que se tratava de sintomas de uma nova época: todas essas novidades eram sinais de que algo tinha mudado radicalmente no que entendemos por intimidade, bem como no que é público e no que é privado hoje em dia. Por tudo isso, creio que essas novas formas de expressão e comunicação que agora proliferam, de fato, nada mais fazem do que amplificar certas tendências que também estão presentes fora da mídia, pois algo muito semelhante ocorre em nossa vida espetacularizada de todos os dias. Por isso, apesar da ênfase nas novas práticas presentes na Web 2.0, eu tendo a afirmar que se trata de um fenômeno bem mais amplo: usamos essas ferramentas para responder às demandas de um novo tipo de sociedade, um universo cada vez mais distante daquela cultura oitocentista que incitava a escrever diários verdadeiramente “íntimos”.

Uma das principais manifestações dessa virada é um crescente desejo de ser visto, uma vontade de se construir como um *eu* visível, como um personagem que os outros podem ver e, graças a esse olhar reconfortante, confirmam a existência de quem se exhibe. Mas por que será que isso tudo acontece logo agora? A minha hipótese é que no mundo contemporâneo estão se transformando os modos em que se constrói

esse *eu* que fala e que se mostra sem pausa, justamente porque necessita de exibir para *ser* alguém.

A conclusão é, portanto, que está acontecendo um deslocamento histórico do eixo em torno do qual se constrói o que é cada sujeito, e esses novos fenômenos tão presentes na Internet atual seriam um indício dessa mutação. Pensemos que naqueles tempos modernos que já começam a ficar envelhecidos — um período cujo auge ocorreu no século XIX e na primeira metade do XX —, esse eixo se edificava em torno da “interioridade” de cada indivíduo, em volta de algo que se acreditava hospedado “dentro” de cada um e que guarnecia sua essência pessoal. Nos últimos anos, parece que esse eixo tem se deslocado em direção à superfície do corpo e, inclusive, cada vez mais, verte-se avidamente nas telas e em outras vitrines midiáticas.

IHU On-Line - Em que sentido a espetacularização da intimidade se relaciona com o desejo de “ser alguém”? Como isso está acontecendo, na contemporaneidade?

Paula Sibília - O que se procura, nessas novas práticas “exibicionistas” e “confessionais” não é mergulhar no mais obscuro de si mesmo para ter acesso às próprias verdades, como acontecia na escrita do diário íntimo tradicional ou no relato vital da psicanálise, por exemplo. Agora se persegue a visibilidade e, em certo sentido, também a celebridade. Ambas como um fim em si mesmo, não como um meio para atingir outra coisa e nem como uma consequência de algo maior. Uma via para poder “ser alguém” na sociedade atual.

De modo que não se trata mais daquele gesto introspectivo que consistia em se afundar “dentro” de si mesmo, mas tudo o contrário: aqui são exercidos movimentos para “fora”, que buscam a valiosa possibilidade de ter um público assistente diante do qual se exibir. Embora os espectadores que constituem esse auditório sejam limitados, o importante é conquistar alguma porção de visibilidade, porque após ter se perdido aquela âncora que sustentava o que se era no interior de si mesmo, só quando alguém nos olha e nos vê, podemos ter garantias

de que realmente existimos. Eis uma das premissas da nossa “sociedade do espetáculo”, tal como a definira Guy Debord¹ em seu manifesto de 1967.

IHU On-Line - O que essa necessidade de exposição revela sobre os seres humanos e o atual momento que estamos vivendo?

Paula Sibília - É evidente que a intimidade tem deixado de ser o que era. Naquele outro contexto histórico dos “velhos tempos modernos” — isto é, aquele denso período que abrangeu todo o século XIX e a primeira metade do XX —, cada um devia resguardar sua própria privacidade de qualquer intromissão alheia, não só por meio de paredes opacas e portas fechadas, mas também mediante todos os rigores e pudores da antiga moral burguesa.

Agora, ao contrário, a intimidade tem se convertido numa espécie de cenário no qual devemos montar o espetáculo de nós mesmos: a vitrine da própria personalidade. E esse *show do eu* tem que ser visível. Porque se esses pequenos espetáculos intimistas se mantivessem dentro dos limites da velha privacidade — aquela que era oculta e secreta por definição — ninguém poderia vê-los e, portanto, correriam o triste risco de não existir. É por isso que hoje se torna tão imperiosa essa necessidade de tornar público algo que supostamente deveria permanecer protegido no silêncio do privado; porque mudaram os modos de construção do *eu* e os alicerces em cima dos quais se sustenta esse edifício.

IHU On-Line - Por que o ser humano sente que precisa “aparecer” para “ser alguém”?

Paula Sibília - Porque nesse novo modo de vida que tem se tornado hegemônico neste início do século XXI, só é aquilo que se vê. Portanto, é necessário se construir como uma subjetividade visível para que o olhar alheio possa confirmar que existimos. O importante é que

¹ Guy Debord (1931-1994): filósofo e sociólogo francês, autor de *A sociedade do espetáculo — Comentários sobre a sociedade do espetáculo* (Rio de Janeiro, Contraponto, 1997) e fundador da Internacional Situacionista (IS). Sobre ele, confira ainda a autobiografia *Panegyrique* (Paris: Éditions Gérard Lebovici, 1989). (Nota da IHU On-Line)

cada indivíduo seja capaz de produzir um personagem visível para se mostrar e se vender, e que os outros se ocupem de confirmá-lo com seu olhar. Por isso, estas novas práticas denotam a configuração de novos tipos de subjetividades, formas eminentemente contemporâneas de se auto-construir, cada vez mais distantes do “homem moderno” que brilhou no século XIX.

Para utilizar o vocabulário do sociólogo norte-americano David Riesman,² trata-se de modos de ser que não são mais *introduzidos* ou orientados para “dentro” de si mesmo, ali onde residia o “caráter” do homem moderno ou o núcleo do que era cada um. Em vez disso, agora somos personalidades *alterdirigidas* ou orientadas para o olhar dos outros. E isto não acontece apenas na Internet, é claro, mas nas diversas práticas contemporâneas onde impera esse desejo desesperado de que os demais nos enxerguem e nos observem para que possamos existir.

IHU On-Line - Como a senhora percebe, nesse contexto, a crescente exteriorização do “eu”? O que isso significa e revela sobre o comportamento humano?

Paula Sibília - Acredito que estes fenômenos de crescente “exteriorização” do *eu* são compatíveis com o projeto de mundo no qual vivemos. Refiro-me a que são manifestações históricas, e não é mero acaso o fato de que tenham se popularizado logo agora, até se tornar um verdadeiro fenômeno. Porque estas novas práticas respondem a certas demandas dos sujeitos contemporâneos e permitem satisfazer determinadas exigências da nossa sociedade. Assim como o diário íntimo, as cartas, os romances realistas e inclusive a psicanálise eram compatíveis com aquele outro projeto de mundo que se afasta cada vez mais de nós. Os homens e mulheres dos séculos XIX e XX recorriam a essas ferramentas porque delas precisavam para se construir como sujeitos à altura da sua época, assim como agora necessitamos esses outros instrumentos que a Internet nos oferece.

O mundo contemporâneo não solici-

² David Riesman (1909-2002): Foi um cientista social americano, nascido na Filadélfia. (Nota da IHU On-Line)

ta introspecção, mas ele pede aos gritos visibilidade, celebridade, habilidades comunicativas e marketing de si mesmo. Por isso, cada um deve aprender a se administrar como uma empresa, posicionando sua marca no mercado das aparências. E essas ferramentas de exposição multimídia e interativas nos ajudam a consegui-lo, além de nos capacitar para termos sucesso nessas arenas.

Podemos dizer que se trata de um projeto histórico comparável ao do capitalismo industrial dos séculos XIX e XX, e que sem dúvida dele provém, embora várias das suas premissas e objetivos foram mudando nas últimas décadas. Essas

“O mundo contemporâneo não solicita introspecção, mas ele pede aos gritos visibilidade, celebridade, habilidades comunicativas e marketing de si mesmo”

transformações extremamente complexas, ocorridas tanto nos níveis econômicos e políticos como sociais e culturais, levam a pensar que em boa medida esse projeto mudou, e que o mundo ocidental agora precisa de outro tipo de sujeitos para poder funcionar corretamente. Precisa de gente como nós, que usamos essas ferramentas e somos com elas compatíveis, assim como estamos deixando de ser perfeitamente afinados com todo aquele instrumental típico da modernidade industrial que hoje nos parece tão antiquado.

IHU On-Line - A senhora percebe uma mudança de paradigma no que se refere à subjetividade? Por que em alguns aspectos o ser humano

ainda é extremamente reservado e em outros, pelo contrário, bastante liberal?

Paula Sibília - Sim, o que aconteceu – ou ainda está ocorrendo – pode ser considerado uma mudança de paradigma. Porque na segunda metade do século XX começou a se configurar uma nova torção nesse panorama, que agora se consoma neste curioso fenômeno de exibição da intimidade que tanto nos surpreende. Mas o que está ocorrendo é bastante complexo.

Por um lado, protegem-se cuidadosamente certos dados pessoais, especialmente de índole financeira e comercial, contra as temidas invasões da privacidade. Essa preocupante possibilidade é cada vez mais propiciada pelos modos de vida contemporâneos e pela atual economia empresarial, que se baseia em sistemas eletrônicos de monitoramento e de marketing direcionado.

No entanto, por outro lado, algo bem diferente é a evasão da intimidade, isto é, a própria exposição voluntária na visibilidade das telas globais daqueles aspectos da existência que antes concerniam à intimidade pessoal mais recôndita de qualquer um e que, por tal motivo, deviam ser decorosamente protegidos entre quatro paredes.

IHU On-Line - Pode nos explicar o que são *homo psychologicus* e *homo privatus*? De que maneiras ambos se manifestam nos seres humanos, atualmente?

Paula Sibília - Trata-se de um tipo de subjetividade historicamente localizada, que se tornou hegemônica ao longo de todo o século XIX e boa parte do XX, e que hoje estaria em crise. Para tentar compreender do que se trata, vale lembrar que a separação entre o âmbito público e a esfera privada da existência é uma invenção histórica, uma convenção que em outras culturas não existe ou se configura de modos diferentes. Inclusive nas sociedades ocidentais, essa distinção é relativamente recente: a esfera da privacidade só passou a ganhar certa consistência na Europa do século XVIII, como uma repercussão do desenvolvimento do capitalismo industrial e dos modos de vida urbanos engendrados pela modernidade.

Naqueles tempos já remotos, come-

çou a surgir um espaço de refúgio destinado a cada indivíduo e à família nuclear burguesa. Nesses ambientes privados que convidam à introspecção, os sujeitos modernos podiam encontrar aquilo que tanto ansiavam: um território a salvo das exigências e dos perigos que começavam a vigorar no âmbito público das grandes cidades. Trata-se, justamente, do espaço privado: o território por excelência onde transcorre a intimidade – ou, pelo menos, onde ela costumava transcorrer. Ou seja: um abissal universo particular, que para poder ser cultivado e prosperar requeria silêncio, solidão e uma nevoa de segredos.

Assim, a partir do século XIX, para poder desenvolver e burilar o próprio *eu*, era fundamental dispor de “um quarto próprio”, como apregoara a escritora britânica Virginia Woolf³ em uma série de conferências pronunciadas a princípios do século XX que se tornaram um verdadeiro emblema das reivindicações feministas. Ou seja, um espaço separado do âmbito público e da intromissão alheia por meio de sólidos muros e portas fechadas. A privacidade e a intimidade eram necessárias para poder *ser* alguém, para se tornar um sujeito moderno e estar em condições de produzir a própria subjetividade.

Como contrapartida, esse redobrar-se na privacidade do lar, na intimidade e na interioridade psicológica de cada um, motivou também o surgimento de uma atitude de crescente passividade e indiferença com relação aos assuntos públicos e políticos. Certa estigmatização desse espaço “exterior” e um desinteresse por todo esse universo, que era paralelo à gradativa concentração no espaço privado e nos conflitos íntimos de cada um.

LEIA MAIS...

>> Paula Sibília já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira o material na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu).

Entrevista:

* *Ciências da vida redefinem a condição humana*. Edição número 259, intitulada *Nanotecnologias: possibilidades incríveis e riscos altíssimos*, de 26-05-2008.

3 Virginia Woolf (1882-1941): escritora inglesa. Estreou na literatura em 1915 com o romance *The voyage out*. (Nota da IHU On-Line)

Teologia Pública

A misericórdia move e habilita a justiça

Na percepção do teólogo norte-americano James Keenan, precisamos de consciências vigilantes para criar alianças mais responsivas ao sofrimento no mundo de hoje

POR PATRICIA FACHIN

Precisamos, aconselha o teólogo James Keenan, demonstrar um interesse maior “em nos tornarmos pessoas mais vigilantes e corajosas em relação à vida moral”. Para ele, esse é um dos grandes desafios da humanidade. Confortáveis, aponta, muitos cristãos são mais influenciados por “psicologia barata do que pela moralidade verdadeira”.

Em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line, ele reflete sobre os desafios da teologia moral e aponta três preocupações para o século XXI: a falta de obediência à consciência, a injustiça com o próximo e a busca por uma ordem mais justa. A Igreja, garante, pode ajudar nesse sentido, compreendendo em que o fiel realmente acredita. “Penso que em muitas partes do mundo os bispos precisam conhecer melhor quais são as necessidades de seu povo. Isso provém de uma escuta humilde e da graça da dúvida em relação a si mesmo”, avalia.

Keenan fez mestrado e doutorado em Teologia Moral na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Professor de Teologia Moral na Weston Jesuítas Escola de Teologia em Cambridge, Massachusetts, Keenan é autor, entre outros, das obras *Church ethics and its organizational context: learning from the sex abuse scandal in the catholic church* (Lanham, Md.: Sheed and Ward, 2005), *Catholic theological ethics in the world church: The plenary papers from the first cross-cultural conference on catholic theological ethics* (New York: Continuum, 2007) e *Toward a global vision of catholic moral theology: reflections on the twentieth century* (Bangalore: Dharmaram Vidya Kshetram Press, 2007). A entrevista a seguir foi realizada em parceria com a equipe de Teologia Pública do IHU.

IHU On-Line - Quais são hoje as principais preocupações, desafios e possibilidades da teologia moral?

James Keenan - Há três preocupações principais, que são igualmente importantes. Primeiro, ajudar as pessoas a compreender que elas têm uma consciência à qual devem obedecer e que devem formar. As

pessoas pensam atualmente que a consciência é algo ao qual podemos apelar sempre que discordarmos do ensinamento da Igreja. Isso é uma noção muito empobrecida da consciência.

A consciência é a fonte de nossa autocompreensão de sermos pessoas chamadas à vida moral por Deus como discípulos de Cristo na Igreja.

ja. Portanto, precisamos obedecer a nossa consciência a cada momento de todos os dias. Ela deve ser entendida como o lugar onde Deus nos inspira a encontrar a conduta certa e agir de acordo com ela.

O chamado para ser moral não é uma conclamação ocasional, mas contínuo e eterno. Por essa razão, penso que a melhor maneira de se formar a consciência é praticar a vida virtuosa. Aqui eu recomendaria: fé, esperança, caridade, e prudência, justiça, força e temperança. Acrescentaria fidelidade, espírito de reconciliação, humildade, misericórdia e cuidado de si. Acho que a melhor forma de se formar a consciência é crescer nessas virtudes.

Segundo, a abrangência da injustiça no mundo é completamente intolerável. A injustiça econômica e a injustiça de gênero significam que as pessoas mais pobres são mais doentes, menos instruídas e têm menos acesso aos bens da Terra. Além disso, num meio ambiente progressivamente desestabilizado, elas têm menos acesso à água potável e à irrigação, menos acesso aos mercados e vivem em áreas com maior risco de ocorrer despejo de resíduos. A dignidade da pessoa humana, tão forte em nossa tradição, perde-se para um mundo globalizado excessivamente injusto.

Terceiro, ao buscarmos uma ordem mais justa, tanto na sociedade quanto na Igreja, somos bloqueados por ideólogos que não passam de conseqüencialistas. Às vezes, essas pessoas são líderes religiosos, mas às vezes estão entre os principais secularistas; ainda assim, um ideólogo continua sendo um ideólogo. Precisamos reconhecer nossa necessidade de maior colaboração, de discussões mais respeitadas e posições menos excludentes.

Nós precisamos atualmente de uma nova humildade em que valorizemos o que Margaret Farley chama de a graça da dúvida em relação a si mesmo. Precisamos de consciências vigilantes para criar alianças mais responsivas ao sofrimento no mundo de hoje.

IHU On-Line - Quais as implicações da reivindicação de autonomia por parte do indivíduo na cultura con-

“Quando esses teólogos falam de autonomia, no entanto, eles estão muito preocupados que não concebamos isso como um afastamento de uma comunidade de fé; ao contrário, a pessoa de consciência entende seu chamado para acatar a consciência justamente como membro de uma comunidade de fé”

temporânea para a teologia moral?

James Keenan - A autonomia é muito importante nos EUA e em outros lugares do mundo industrializado.

Penso, no entanto, que às vezes confundimos a autonomia com moralidade privada, ou seja, autonomia é qualquer coisa que eu decida. Isso não tem sentido para a pessoa que crê.

O termo “autonomia” é usado menos pelos teólogos dos EUA e mais pelos europeus. Se realmente entendermos o que os teólogos morais europeus da Espanha, de Portugal, da Alemanha, França, Itália, Bélgica, Holanda e de outros lugares querem dizer com o termo “autonomia”, veremos que ela é a obrigação de seguir os ditames da consciência.

Quando esses teólogos falam de

autonomia, no entanto, eles estão muito preocupados que não concebamos isso como um afastamento de uma comunidade de fé; ao contrário, a pessoa de consciência entende seu chamado para acatar a consciência justamente como membro de uma comunidade de fé.

IHU On-Line - Até que ponto é possível formar uma consciência moral autônoma sobre questões morais em meio ao bombardeio de opiniões e manipulações ideológicas e midiáticas que enfrentamos diariamente?

James Keenan - Acho que pode bem ser verdade que seja difícil compreender o que exatamente precisamos fazer hoje em dia por causa da existência de um grande número de reivindicações aparentemente contraditórias, mas penso que nosso desafio maior atualmente é que precisamos estar em primeiro lugar pelo menos interessados em nos tornarmos pessoas mais vigilantes e corajosas em relação à vida moral.

Muitos cristãos estão confortáveis demais em relação à sua vida moral. Temos uma noção empobrecida de pecado (defino pecado como não se dar o trabalho de amar). Somos mais influenciados por uma psicologia barata do que pela moralidade verdadeira. O vício da presunção nos rodeia. Achamos que já estamos fazendo o suficiente, quando estamos fazendo muito pouco.

Precisamos nos dar conta de que nossa sociedade nos protege demais de ficarmos sabendo o que acontece no resto do mundo. O nacionalismo também nos cega em relação às pessoas que têm necessidades maiores e às que sofrem em outros lugares para sustentar economias poderosas e estilos de vida do mundo industrializado.

Os jovens, no entanto, percebem que temos de trabalhar mais duro, de maneira mais colaborativa, mais criativa e mais tolerante por um mundo melhor.

Cristo está nos chamando agora. Agora é a hora de reagir a um mundo que está sofrendo terrivelmente.

IHU On-Line - Como conjugar *sensus fidelium* e discernimento moral?

James Keenan - Fizemos uma conferência de 400 teólogos morais católicos romanos de 63 países em julho de 2006 em Pádua, na Itália (veja o site: www.catholicethics.com).

Num dos painéis, dois importantes pesquisadores discutiram o *sensus fidelium*. Acredito que eles nos deram duas respostas complementares. Da França, o Pe. Paul Valadier,¹ S.J., sustentou que a liderança da Igreja precisava valorizar mais o *sensus fidelium* e que, na verdade, atualmente muitos líderes estão mais interessados em ensinar do que em ouvir e aprender. Por outro lado, o monsenhor Giuseppe Angelini² temia que equiparássemos o *sensus fidelium* a uma simples pesquisa de opinião entre os fiéis, por exemplo: quantos católicos acham que o divórcio é uma opção moral? Se for uma maioria, então o *sensus fidelium* favorece o divórcio. Isso é um contra-senso.

Nem Valadier nem Angelini concebem o *sensus fidelium* tão superficialmente. Acertadamente, Angelini vê um *sensus fidelium* verdadeiro ligado a uma profunda busca integral para compreender os desígnios de Deus em nosso tempo. Acho que Angelini, como eu, acredita que pregamos hoje complacência demais e não o chamado crítico a seguir o evangelho. Mas, como Valadier, penso que nosso episcopado precisa compreender em que os fiéis realmente acreditam hoje. Penso que em muitas partes do mundo os bispos precisam conhecer melhor quais são as necessidades de seu povo. Isso provém de uma escuta humilde e da graça da dúvida em relação a si mesmo.

Os ensaios foram publicados originalmente em inglês, em uma coletânea de 30 textos da qual fui o editor: *Catholic theological ethics in the world church: the plenary papers from the first cross-cultural conference on catholic theological ethics* (New York: Continuum, 2007). A edição brasileira será lançada em breve.

IHU On-Line - Em que sentido o que

¹ Paul Valadier: filósofo e jesuíta francês. (Nota da IHU On-Line)

² Giuseppe Angelini (1742-1811): arcebispo italiano. (Nota da IHU On-Line)

é certo ou errado moralmente falando tem a ver com o que é bom ou mau?

James Keenan - Esta é uma distinção muito técnica, mas quer dizer simplesmente que quando amamos, procuramos viver e agir corretamente, só que às vezes não compreendemos adequadamente qual é a ação certa. Na busca da conduta certa, podemos nos enganar, errar em vez de acertar.

Penso aqui nos pais. Ser um pai ou uma mãe amorosa não significa necessariamente que ele ou ela terá sempre a orientação certa. É por isso que precisamos das virtudes. Pela caridade nos tornamos bons e amorosos. (Para receber a caridade, no entanto,

“Acredita que pregamos hoje complacência demais e não o chamado crítico a seguir o evangelho”

precisamos também da fé e da esperança.) Pela prudência, justiça, força e temperança, somos capazes de perceber o que é certo.

São Paulo nos diz que, se fizermos tudo certo, mas não tivermos caridade, não somos nada. Portanto, se agirmos corretamente, mas não amarmos a Deus, a nós mesmos e ao nosso próximo, somos maus.

A maldade que é pecado é quando não nos preocupamos em amar e deixamos de procurar fazer o que é certo. Penso que é por isso que podemos dizer que há muito pecado no mundo, não simplesmente por causa do que fazemos, e sim mais pelo muito que não nos damos o trabalho de fazer.

Se lermos Mateus 25, entenderemos o critério de nosso juízo final, ou seja, se procuramos alimentar os famintos, vestir os nus, visitar os doentes etc., isto é, se nos preocupamos em amar.

IHU On-Line - Sabemos que o senhor dá uma importância capital para a misericórdia no seu modo de desenvolver a teologia moral. Como o senhor situa a misericórdia no tratamento de questões morais?

James Keenan - Acho que a verdadeira marca registrada do catolicismo romano é a misericórdia, que defino como a disposição de entrar no caos de outra pessoa. Penso que toda a nossa tradição teológica se baseia na misericórdia. Por exemplo, de acordo com um relato bíblico, Deus criou o mundo a partir do caos. Tanto na encarnação quanto em nossa redenção Cristo entra em nosso caos. Lucas nos diz que o próximo é aquele que mostrou misericórdia, e Mateus 25 nos diz que seremos julgados de acordo com nossa prática da misericórdia.

A maior parte de nossos movimentos ascéticos, ordens religiosas e fraternidades leigas se baseavam na prática de exercícios espirituais e das obras de misericórdia.

Por essa razão, acho que a misericórdia nos reivindica de maneira especial. (Mas observe que os muçulmanos chamam Alá de o misericordioso; os judeus acreditam na *hesed* de YHWH.)

Acredito que toda virtude se torna “católica” quando é formada pela misericórdia. A justiça se torna verdadeiramente católica quando é formada pela misericórdia. Uma justiça que nos leva a entrar no caos de outras pessoas nos ajuda a perceber por que temos uma opção pelos pobres, por que precisamos defender a justiça para as pessoas que recebem tão pouca justiça. A misericórdia não silencia a justiça, mas move e capacita a justiça para que esta seja conquistada pelos oprimidos.

De modo semelhante, a fidelidade moldada pela misericórdia percebe que toda amizade e todo relacionamento é medido pelo caos e necessita com frequência de reconciliação e perdão.

Hoje em dia, nossas igrejas, escolas e paróquias precisam promover a misericórdia. Devemos tratar os outros como Cristo nos tratou.

IHU On-Line - Recentemente o jornalista John Allen Jr., da Revista *National Catholic Report* (18.07.2008), publicou uma fala de Papa Bento XVI de que o problema da pedofilia tem como uma de suas causas o proporcionalismo na ética. Em que consiste a questão do proporcionalismo? É esta uma tendência vigente na moral atual?

James Keenan - Nos anos 70 e 80, o proporcionalismo se desenvolveu como reação à controvérsia a respeito do controle da natalidade. Ele foi um método de raciocínio moral de curta duração que primeiro negou que houvesse males intrínsecos (como o controle da natalidade) e depois nos conclamou a ponderar os valores e desvalores de modo a agir com respeito proporcional para promover o valor maior. Normalmente, os proporcionalistas falavam sobre a paternidade responsável, vendo a contracepção como um desvalor, mas a paternidade responsável como um valor, e sugeriram que, para criar uma família sadia e bem cuidada, o controle da natalidade poderia ser usado como último recurso.

Embora negassem o mal intrínseco, os proporcionalistas também falavam sobre ações que nunca deveriam ser feitas (eles queriam, por razões metafísicas, evitar o termo “mal intrínseco”). Especificamente, as ações que consideravam sempre erradas eram: tortura, estupro e o abuso de crianças. Então, sugerir que eles teriam permitido a pedofilia não é digno de crédito. Podem-se conferir os escritos de Richard McCormick,³ que escreveu especificamente que o abuso de crianças era sempre errado.

Quanto ao assunto em si, os sacerdotes pedófilos atingiram um pico antes dos anos 70. Isto é, a maioria dos casos no meu país onde ocorreu a prática de pedofilia envolvia sa-

³ Richard McCormick (1947): historiador norte-americano. É presidente do Rutgers University. (Nota da IHU On-Line)

“O nacionalismo também nos cega em relação às pessoas que têm necessidades maiores e às que sofrem em outros lugares para sustentar economias poderosas e estilos de vida do mundo industrializado”

cerdotes formados de 1940 a 1970. Não havia proporcionalismo naquela época. Eles estudaram os manuais de moral.

Se eu penso que a pedofilia surgiu por causa do material usado nos cursos de teologia moral? Não, mas acho efetivamente que precisamos saber por que algumas dioceses tiveram incidências tão altas de pedofilia. O que aconteceu nesses seminários entre os anos 40 e 60 que fez com que esses homens pensassem que podiam abusar de crianças? Parece que não sabemos.

A propósito, existem bem poucos moralistas atualmente que sejam proporcionalistas.

IHU On-Line - Como o senhor vê a moral católica a respeito da prevenção da AIDS? Em que esta problemá-

tica desafia a moral católica a avançar em suas posições?

James Keenan - Desde 1987, os teólogos morais católicos têm escrito sobre o uso de preservativos e o programa de troca de agulhas como sendo compatíveis com os ensinamentos da Igreja sobre controle da natalidade e uso de drogas. Qualquer pessoa pode ver isso na coletânea que editei: *Catholic Ethicists on HIV/AIDS Prevention* [*Éticistas católicos e prevenção da AIDS*, São Paulo: Edições Loyola, 2006], com a assistência de Lisa Sowle Cahill,⁴ Jon Fuller⁵ e Kevin Kelly⁶ (Continuum, 2000).

Ali temos argumentos cuidadosos e respeitosos de muitos moralistas diferentes que permitiriam que os bispos percebessem que apoiar uma estratégia abrangente de prevenção do HIV que destaque a abstinência e a fidelidade matrimonial também pode incluir o uso do preservativo em contextos apropriados.

IHU On-Line - Nesta mesma perspectiva, o que o senhor pensa da posição da moral católica sobre o tema da homossexualidade?

James Keenan - A “questão da homossexualidade” faz parte de uma questão maior. Nós precisamos de uma ética sexual abrangente que dê atenção à castidade, mas também a outras virtudes, como a justiça, fidelidade, prudência e cuidado de si. Precisamos de uma ética sexual mais realista e responsável. Ao longo do caminho, precisamos compreender melhor não só a homossexualidade, mas também outros importantes temas afins, como o sentido de gênero, a importância da justiça de gênero e o sentido da sexualidade.

⁴ Lisa Sowle Cahill: catedrática de teologia na Faculdade de Boston, foi eleita presidenta da Sociedade Teológica Católica dos Estados Unidos. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Jon Fuller: padre norte-americano. Foi um dos representantes do grupo de estudos teológicos acerca de HIV/SIDA, Boston College (EUA). (Nota da IHU On-Line)

⁶ Kevin Kelly: um dos fundadores da revista *Wired*, escreveu vários livros sobre tecnologia, entre eles *Novas Regras para uma nova economia* (Rio de Janeiro: Editora Objetiva), publicado em português. (Nota da IHU On-Line)

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 18-11-2008 a 20-11-2008.

Crise econômico- financeira. Projeções para 2009

Entrevista com José Luis Oreiro

Confira nas Notícias do Dia de 18-11-2008

“Cabe ao governo fazer a regulação dos bancos no sentido de impedir que eles exerçam o seu poder de mercado”, conclui o economista nesta entrevista.

Conferência sobre os biocombustíveis. “Uma grande feira de negócios”

Entrevista com Lucia Ortiz

Confira nas Notícias do Dia de 19-11-2008

Para a ambientalista, a política do governo brasileiro em relação ao etanol incentiva a expansão do agronegócio e

da monocultura.

“O próprio capitalismo esgotou o discurso neoliberal”

Entrevista especial com Luiz Filgueiras

Confira nas Notícias do Dia de 20-11-2008

O economista avalia a crise financeira e diz que foi o próprio capitalismo que gerou o problema econômico que abala o mundo e, por isso, precisamos pensar em um novo sistema.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - www.unisinos.br/ihu, em 19-11-2008.

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

acesse

www.unisinos.br/



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 27-11-2008
<i>IHU Idéias</i>
A crise dos mercados financeiros globais e as repercussões sobre a economia brasileira. Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho – PPG Economia / UFRGS Horário: 17h30 às 19h Local: Sala 1G119 – Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Dia 01-12-2008
<i>Encontros de Ética</i>
A corresponsabilidade no cuidado da AIDS Com o palestrante Frei Luiz Carlos Lunardi – Assessor da Casa Fonte Colombo / Porto Alegre Horário: 17h30 às 19h Local: Sala 1G119 – Instituto Humanitas Unisinos – IHU

PARTICIPE DOS NOVOS EVENTOS DO IHU
CONFIRA A PROGRAMAÇÃO EM
WWW.UNISINOS.BR/IHU

“A sociedade brasileira ainda não percebeu a ‘dramaticidade’ da crise”

O economista Fernando Ferrari Filho discutirá a repercussão do desequilíbrio monetário internacional sobre as balanças financeiras brasileiras durante o evento IHU Idéias desta semana

POR BRUNA QUADROS E PATRICIA FACHIN

Recrudescimento do déficit do balanço de pagamentos em transações correntes, desaquecimento vertiginoso do PIB e ligeira inflação são os reflexos do desequilíbrio monetário internacional para a economia brasileira, segundo o economista Fernando Ferrari Filho, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em entrevista concedida por e-mail à revista IHU On-Line, ele destacou que a sociedade brasileira ainda não percebeu a “dramaticidade” da crise. Esta postura, segundo ele, também se relaciona ao fato de o governo insistir em dizer que o país não será afetado substancialmente. “Se o governo, por sua vez, não realizar políticas contra-cíclicas, fiscal e monetária, o desaquecimento da economia pode ser ainda maior”, frisou o economista, que estará no Instituto Humanitas Unisinos - IHU no dia 27 de novembro para debater o tema *A crise dos mercados financeiros globais e as repercussões sobre a economia brasileira*.

Fernando Ferrari Filho é graduado em Economia, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre em Economia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutor em Economia, pela Universidade de São Paulo (USP), e pós-doutor pela University of Tennessee System (1996). Atualmente, é professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Publicou, entre outros, *Política comercial, taxa de câmbio e moeda internacional: uma análise a partir de Keynes* (Porto Alegre: UFRGS, 2006). Escreveu para a edição número 37 dos *Cadernos IHU Idéias*, intitulado *As concepções teórico-análíticas e as proposições de política econômica de Keynes*.



Divulgação

IHU On-Line - Em sua opinião, que fatores podem ser considerados como decisivos para o desencadeamento deste desequilíbrio financeiro que abalou grandes potências econômicas?

Fernando Ferrari Filho - A crise financeira mundial foi produzida por um lento e não percebido processo de erosão das margens de segurança de indivíduos, firmas e bancos, quando de suas tomadas de decisão de gastos (consumo e investimento) e de empréstimos e de concessões de empréstimos de alto risco, respectivamente. Diante deste quadro, a elevação das taxas de juros do Federal Reserve Bank,¹ em

¹ Federal Reserve Bank (FED): Banco Central

“Oos efeitos sobre os níveis de emprego, massa salarial, inflação etc. serão observados em 2009 e 2010. Em suma, a sociedade aprenderá com a crise e se posicionará frente a ela em um futuro próximo”

dos Estados Unidos da América, composto por 12 bancos regionais e 24 filiais. É responsável pelas decisões de política econômica e monetária (fixação das taxas de juros) nos EUA, sendo que é, a partir da atuação do FED, que sobem ou descem as taxas de juros no mercado americano, cuja tendência afeta outros países. (Nota da IHU On-Line)

2005 e 2006, a inadimplência dos mutuários da casa própria e a quebra do Lehman Brothers,² por exemplo, são

² Lehman Brothers: É um banco de investimento e provedor de outros serviços financeiros, com atuação global, sediado em Nova Iorque, nos Estados Unidos. (Nota da IHU On-

fatores que corroboram, mas não podem ser considerados os causadores da crise. Em suma, os componentes da crise são essencialmente endógenos e não exógenos.

IHU On-Line - De que maneira esta crise dos mercados internacionais repercute sobre a economia brasileira? Qual o impacto psicológico dessa crise no Brasil, principalmente em relação às bolsas?

Fernando Ferrari Filho - No curto prazo, as linhas de créditos foram reduzidas, os juros se elevaram e o câmbio sofreu um processo de *overshooting*.³ No longo prazo, com a recessão dos Estados Unidos, dos países da zona do Euro e do Japão e o desaquecimento econômico da China, principais parceiros comerciais do Brasil, os desequilíbrios de balanço de pagamentos em transações correntes (BPTC)⁴ tendem a ser maiores. Redução de crédito, elevação da taxa de juros, volatilidade cambial e desequilíbrios de BPTC levam, inevitavelmente, para uma situação de desaquecimento econômico e ligeira instabilidade inflacionária.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a postura do Brasil, um dos poucos países que está praticamente despreocupado com a crise mundial, enquanto que outras nações européias estão até entrando em recessão?

Fernando Ferrari Filho - No primeiro momento, não havia uma preocupação das autoridades econômicas, porque em termos fiscais e cambiais nossa situação era e é relativamente confortável e não se tinha uma idéia do tamanho da crise. Verificadas a gravidade e as repercussões da crise, felizmente tal postura foi alterada por

Line)

³ **Overshooting**: “chute para o alto” ou “chute no escuro”, em livre conversão linguística. É a reação exagerada, descoordenada e desconectada da realidade verificada nas cotações do dólar depois que o Brasil liberou o câmbio. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Balanço de Pagamentos em Transações Correntes (BPTC)**: o balanço se refere ao total de dinheiro que entra e sai do país nas transações com o exterior. As transações correntes são as receitas com exportações, gastos com importação, pagamentos de juros da dívida externa, seguros e fretes, e transferências unilaterais. (Nota da IHU On-Line)

parte das autoridades econômicas: não existe país que passe incólume pela crise mundial.

IHU On-Line - Qual a sua visão sobre o posicionamento da sociedade brasileira diante da crise? Esta chamada nova classe média está intimidada?

Fernando Ferrari Filho - A sociedade brasileira ainda não percebeu a “dramaticidade” da crise, seja porque nos encontramos no último trimestre do ano, período sazonalmente próspero para a economia, seja porque o governo insiste em dizer que o país não será afetado substancialmente. Todavia, os efeitos sobre os níveis de emprego, massa salarial,

**“Ocorrendo um
desaquecimento da
economia mundial e,
principalmente, da
economia chinesa nos
próximos anos,
provavelmente a
deterioração do meio
ambiente
desacelerará”**

inflação etc. serão observados em 2009 e 2010. Em suma, a sociedade aprenderá com a crise e se posicionará frente a ela em um futuro próximo.

IHU On-Line - Que conduta os brasileiros devem assumir para sobreviver em tempos de crise? É hora de controlar os gastos ou de continuar consumindo e fomentando o capitalismo?

Fernando Ferrari Filho - O passado nos ensina que, diante de incertezas

e perspectivas de crise, a preferência pela liquidez é exacerbada. Com certeza, menores gastos, sob a ótica de consumo e investimento, devem ser observados e, por conseguinte, o PIB deve ser desaquecido. Nesse sentido, se o governo, por sua vez, não realizar políticas contra-cíclicas, fiscal e monetária, o desaquecimento da economia pode ser ainda maior.

IHU On-Line - Que perspectivas o senhor vislumbra para o próximo ano? Quais os rumos que essa crise ainda vai tomar?

Fernando Ferrari Filho - Para a economia brasileira, o reflexo da crise será o recrudescimento do déficit do BPTC, desaquecimento vertiginoso do PIB e ligeira inflação. Os rumos da crise, por sua vez, estarão associados às ações dos governos. Quanto mais rápidas elas forem e quanto mais recursos forem injetados na economia real, menos dramáticos serão os impactos da crise.

IHU On-Line - O senhor diz que as pessoas vão sentir as conseqüências da crise a partir de 2009 e 2010. De que maneira a sociedade será atingida nos próximos anos? O senhor vislumbra altos índices de desemprego? Como ficará a estrutura social brasileira no futuro?

Fernando Ferrari Filho - Havendo um desaquecimento da economia brasileira nos próximos anos, a conseqüência natural é um aumento das taxas de desemprego. Desemprego maior, menor massa salarial e restrição de crédito resultam em menor nível de consumo. Menos consumo, por sua vez, afeta negativamente o investimento e, por conseguinte, passamos a ter um ciclo vicioso. Assim sendo, os problemas sociais tendem a recrudescer, principalmente se o governo resolver reduzir os gastos públicos, o que reiteradamente ocorre quando há crises externas.

IHU On-Line - O que representa para o mercado financeiro interno a fusão dos bancos Itaú e Unibanco? Como entender o apoio do governo brasileiro a essa medida sendo que são bancos privados e no Brasil temos a Caixa Econômica Federal e o Banco

do Brasil?

Fernando Ferrari Filho - Em termos gerais, crises financeiras levam inexoravelmente à concentração do mercado financeiro. Esta deve ser uma das conseqüências da crise financeira mundial. No que diz respeito ao Brasil, o sistema financeiro brasileiro é eficiente, dinâmico e competitivo devido, em grande parte, ao PROER,⁵ dos anos 1990. A fusão dos bancos Itaú e Unibanco tornará o sistema mais concentrado. Não vejo maiores problemas. O Banco do Brasil está indo na mesma direção, ao anunciar a intenção de adquirir outras instituições, tanto públicas quanto privadas. É natural.

IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre as crise econômica e climática?

Fernando Ferrari Filho - Ocorrendo um desaquecimento da economia mundial e, principalmente, da economia chinesa nos próximos anos, provavelmente a deterioração do meio ambiente desacelerará. A propósito, por mais que eu não tenha familiaridade com as questões ambientais, seria interessante que as autoridades governamentais e os organismos multilaterais discutissem e articularassem uma estratégia de crescimento econômico sustentável compatível a preservação do meio ambiente.

IHU On-Line - É possível pensar em uma alternativa para a crise financeira a partir da crise climática?

Fernando Ferrari Filho - Não há relação específica entre as referidas crises, pelo menos em meu ponto de vista. O que se pode dizer é que, em um contexto de valorização da riqueza monetária, os agentes especulam tanto com os preços das commodities agrícolas e energéticas quanto com os preços dos títulos públicos e outros ativos financeiros. Como as alterações climáticas ocorridas ao longo dos últimos anos afetaram a oferta de produtos agrícolas, a oferta de energia

5 Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (PROER): É um programa brasileiro que tem a finalidade de recuperar instituições financeiras que estejam com problemas financeiros. (Nota da IHU On-Line)

“No que diz respeito à questão da deterioração ambiental, o Brasil pode se beneficiar da crise financeira e das repercussões dela sobre o lado real da economia”

gia elétrica etc., logo os agentes passaram a especular com os preços das commodities e, portanto, valorizaram a riqueza monetária. A questão relevante é que redução da oferta, por sua vez, gera elevação dos preços, uma vez que a demanda seja insensível. Por exemplo, a inflação mundial no primeiro semestre de 2008 esteve vinculada basicamente à elevação dos preços agrícolas, pois a demanda é relativamente inelástica.

IHU On-Line - Considerando os aspectos negativos da crise financeira mundial, o Brasil pode se beneficiar de alguma maneira, investindo em outras alternativas para conter a deterioração ambiental?

Fernando Ferrari Filho - No que diz respeito à questão da deterioração ambiental, o Brasil pode se beneficiar da crise financeira e das repercussões dela sobre o lado real da economia (que acabam afetando a produção de grãos, de energia, de combustíveis etc.), pois, por exemplo, tem condições de produzir combustíveis menos poluentes.

IHU On-Line - Pensar no meio ambiente neste momento, estimularia

uma nova forma de desenvolvimento econômico?

Fernando Ferrari Filho - Com certeza, a sustentabilidade do meio ambiente assegura crescimento e desenvolvimento econômicos. Todavia, o problema central da “funcionalidade” do capitalismo neste exato momento é de liquidez, crédito. Nesse sentido, as atenções estão voltadas para a crise financeira e seus desdobramentos. Mitigá-la ou solucioná-la é a “agenda” atual.

IHU On-Line - De que maneira o Brasil pode readaptar suas estratégias e se beneficiar com essas duas crises?

Fernando Ferrari Filho - No que diz respeito à crise financeira, as medidas anunciadas pelo Banco Central e pelo governo são interessantes e necessárias, mas tímidas. A crise afetará nosso balanço de pagamentos brasileiro, o PIB etc. Nesse sentido, medidas fiscais, monetárias e cambiais mais contundentes são fundamentais para que não tenhamos problemas de balanço de pagamentos e possamos dinamizar o mercado interno, diante das restrições do mercado externo. Por outro lado, é provável que o país se beneficie com a retração mundial, visto que podemos expandir a oferta agrícola, produzir combustíveis menos poluentes, prospectar novas reservas de petróleo etc. Se a matriz energética será revisada, é outra questão.

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Fernando Ferrari Filho. Acesse nossa página eletrônica: www.unisinos.br/ihu.

Entrevistas concedidas à IHU On-Line:

* A “*mão invisível*” do mercado não funciona sem a “*mão visível*” do Estado, edição número 276, de 06-10-2008;

* Uma política econômica única e exclusivamente para controlar a dinâmica inflacionária, edição número 204, de 13-11-2006.

Entrevistas concedidas para o sítio:

* Programa de aceleração do crescimento. Um ano depois, de 23-01-2008.

Perfil Popular

Manoel Moacir Lucena Pereira, o “Manoelzinho canhoto”

POR ALESSANDRA BARROS

“**S**ou pobre, mas nunca precisei usar drogas para ser feliz.” Assim, Manoel Moacir Lucena Pereira, 57 anos, motorista da prefeitura de Canoas, começa a contar a sua trajetória de vida para a revista IHU On-Line. Ele, que é natural de Palmares do Sul, no interior do Rio Grande do Sul, cresceu em meio a uma família simples, mas com muitos valores e princípios. A honestidade é o valor que Manoel guarda para toda a vida. Entre as brincadeiras de criança e a ajuda que dava ao pai tocando o gado, ele aprendeu a gostar de música. Tamanho envolvimento garantiu a Manoel a gravação do seu primeiro CD, *Manoelzinho canhoto, o bom de cama*. A seguir, acompanhe os relatos de vida deste homem que tem fé em Deus e se alicerça na família, para continuar a caminhada:

Ainda na infância, quando estava com 10 anos de idade, Manoel aprendeu a gostar de música. Nesta época, ele já havia deixado sua cidade natal Palmares do Sul com a família para morar em Canoas. “Os casais faziam serenatas, em casas de família e dos amigos, aos finais de semana.” Como a única criança que acompanhava e ficava acordada até o final das serenatas, Manoel aprendeu a tocar violão sozinho, aos 11 anos. “Os violeiros já diziam para a minha mãe: “Este vai ser músico.”

E o que era apenas uma promessa, hoje, é realidade. Há um ano, o guri humilde de Palmares realizou um grande sonho ao gravar seu primeiro CD. *Manoelzinho canhoto, o bom de cama*, traz composições próprias e grandes sucessos da música regional gaúcha e sertaneja. “Sou canhoto para tocar e o título do CD é uma sátira que fiz ao ouvir uma propaganda de rádio, que fazia alusão aos maridos que gostavam muito de dormir”, revela. Ao longo da carreira, Manoel já tocou em muitos bailes e festas. Para ele, a mú-

sica vai além de um trabalho de finais de semana. “Sem a música, sou uma pessoa pela metade. Só me sinto realizado, quando posso tocar e cantar. Gosto mais da música como lazer do que como trabalho.”

Como profissão, Manoel precisa encarar os desafios do trânsito, diariamente. Ele, que já foi motorista de táxi e de ônibus, há 27 anos é um dos motoristas da prefeitura de Canoas. Por causa das dificuldades da família, Manoel estudou apenas até a 6ª série, também pela dificuldade de acesso à escola, e, aos 17 anos, começou a trabalhar para ajudar em casa. Mesmo assim, seu trabalho é uma das suas maiores realizações. “Gosto de dirigir. Quando se faz o que gosta para ganhar o pão de cada dia, a gente tem prazer no que faz.”



João Souza

“Aprendi de mais valioso que o homem pode ser pobre, porém honesto, como o meu pai sempre foi”

Além da profissão, a inspiração de Manoel para viver vem da família.

Do primeiro casamento, Manoel tem dois filhos: Daniel, 28 anos e Rafael, 26, do primeiro casamento. “Sempre tive vontade de ter a minha família, mas depois de 28 anos de casado, a relação se desgastou e conheci outra pessoa. Hoje, casei com a Mari Solange, que é costureira.” Para ele, a família é a base de tudo. “É preciso ter motivos para lutar e batalhar.” E, depois de tantos anos de luta para conquistar sonhos e objetivos, Manoel só tem um sonho: se aposentar e ter saúde para usufruir todos estes anos que precisou trabalhar. A música, é claro, também continua nos seus planos.

Mesmo que tenha se mudado para a cidade grande há bastante tempo, Manoel não esquece das origens humil-

“Aprendi de mais valioso que o homem pode ser pobre, porém honesto, como o meu pai sempre foi”

des. Para sustentar a família de seis filhos – Manoel é o terceiro, com 57 anos –, ele lembra que seu pai, Dlermano, já falecido, trabalhava com plantações de arroz. “Depois que ele veio para Canoas, foi trabalhar em transportadoras, carregando e descarregando caminhões. Minha mãe, Ana Francisca, que está com 85 anos, sempre foi dona-de-casa e cuidava dos filhos.” A infância deu muitas alegrias para Manoel. “Lembro que, em Palmares, meu pai tinha gado leiteiro e nós íamos tocar o gado para a ordenha, à tardinha, com uma vara na mão.” Além disso, soltar pandorga, jogar bolinhas de gude e peão eram as distrações preferidas dele.

Muito mais que os valores do trabalho, Manoel herdou da família a honestidade. “Aprendi de mais valioso que o homem pode ser pobre, porém honesto, como o meu pai sempre foi. Ele dizia que não adiantava ter riqueza e ser uma pessoa mal vista pela sociedade. Se, um dia, estivéssemos com fome e na divisa com o terreno do vizinho tivessem frutas, não era para pegarmos sem pedir para o dono do pátio.”

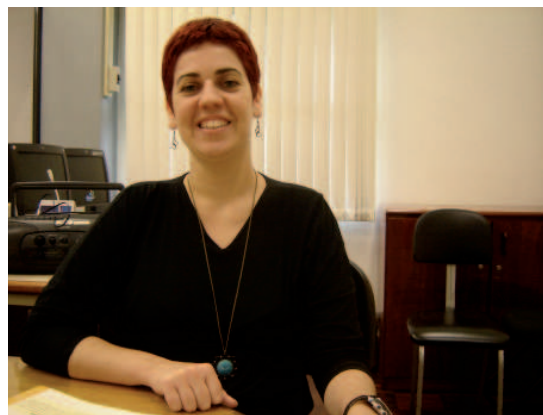
Criado nos princípios da Igreja Católica, Manoel já conheceu outras doutrinas como a Igreja Evangélica e a umbanda. Hoje, se identifica mais com o espiritismo. Para ele, um homem sem espiritualidade é um vazio. “Com fé, a gente se conduz melhor na vida. Os incrédulos não têm amor próprio, nem pelo seu semelhante, o que pode levar à criminalidade.” Ao tocar nesta questão, Manoel destacou a sua visão sobre o cenário político do país que, segundo ele, está se encaminhando para a melhora. “O Brasil é grande e rico, basta saber aproveitar estas riquezas e distribuir melhor a renda. Assim, toda a classe brasileira terá a oportunidade de uma vida melhor.” Manoel afirmou que o país também precisa investir mais em postos de trabalho, pois só com emprego o povo será digno.

IHU Repórter

Taís Motta

POR BRUNA QUADROS

Na última semana, a equipe da IHU On-Line foi até a Agência Experimental de Comunicação da Unisinos (AgexCom) para conhecer um pouco mais sobre a trajetória de vida da Relações Públicas, Taís Motta, de 29 anos. Na Unisinos, ela já é “de casa”. O vínculo com a instituição vem desde os seus 16 anos, quando ingressou na universidade para iniciar os estudos de graduação. No início, a opção foi pelo curso de Jornalismo. Alguns semestres mais tarde, Taís percebeu que se identificava melhor com a profissão de Relações Públicas. E deu certo. Desde 2004, ela atua na AgexCom supervisionando os estagiários da sua área de atuação. Taís considera esta experiência como uma grande troca de conhecimento e sabedoria. Acompanhe, a seguir, a entrevista:



FOTOS BRUNA QUADROS

Origens - Nasci em Sapucaia do Sul, onde moro até hoje. Ao longo da minha infância, morei em vários Estados, devido ao trabalho do meu pai, Paulo, em uma rede de hotéis da Varig. Já morei em Manaus (AM), em Santarém (PA), e em São Paulo (SP). O melhor lugar, com certeza é o Rio Grande do Sul. Eu estou com 29 anos e tenho três irmãos. Minha mãe, Rosane, durante um bom tempo, se dedicou à maternidade. Hoje, ela tem uma microempresa de trufas artesanais.

Valores - Todos os meus valores foram construídos na minha família. Ainda hoje, eu e meus irmãos já casados, estamos muito próximos à casa da minha mãe. Meus pais são exemplos para mim, tanto na questão da persistência, de correr atrás do que se quer, quanto de caráter. Tudo o que eles conquistaram foi pelo próprio esforço.

Infância - Este período da minha vida foi ótimo, tirando as transferências de Estado, porque eu não gostava de mudar de escola. A minha infância foi bem diferente da infância de hoje. As crianças eram mais livres e mais felizes, porque não havia tanta violência. Eu brincava na rua, de pega-pega e de esconder com os meus irmãos e primos.